



SEPA

Seminário Pentecostal Amai-vos

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

Os estudos dessa apostila
foram extraídos da
Bíblia de Estudo Pentecostal

I. O Argumento: Cristo e a Fé Cristã Sobrepjam o Judaísmo (1.1-10.18)

A. Em revelação (1.1-4.13)

Jesus Cristo é a revelação plena e final de Deus à humanidade

1. Superior aos profetas (1.1-3)

2. Superior aos Anjos (1.4-2.18)

• **Exortação:** O perigo da negligência (2.1-4)

3. Superior a Moisés (3.1-6)

• **Exortação:** O perigo da incredulidade (3.7-19)

4. Superior a Josué (4.1-3)

B. Em Mediação (4.14-10.18)

Como nosso grande Sumo Sacerdote, supera em tudo o sacerdócio Levítico do AT.

1. Superior nas suas qualificações (4.14-7.25)

• **Exortação:** O perigo de permanecer espiritualmente imaturo (5.11-6.3)

• **Exortação:** O perigo de cair (6.4-20)

2. Superior em seu caráter (isto é, de Cristo) (7.26-28)

3. Superior em seu ministério (8.1-10.18)

• Situado em melhor santuário (8.1-5)

• Baseado em melhor concerto (8.6-13)

• Realizado mediante um melhor culto (9.1-22)

• Cumprido mediante um melhor sacrifício (9.23-10.18)

II. A aplicação: exortação à perseverança (10.19-13.17)

A. No âmbito da salvação (10.19-38)

B. No âmbito da fé (10.39-11.40)

1. A natureza da fé (10.39-11.3)

2. Exemplos de fé no Antigo Testamento (11.4-38)

3. A vindicação da fé: aperfeiçoada em Cristo (11.39,40)

C. No âmbito da resignação (12.1-13)

D. No âmbito da santidade (12.14-13.17)

1. A prioridade da santidade (12.14-29)

2. A prática da santidade (13.1-17)



Síntese dos assuntos

Hebreus 1:1-14 – *Jesus: Superior aos anjos*
Hebreus 2:1-18 – *Jesus: feito como seus irmãos*
Hebreus 3:1-4:16 – *Um descanso permanece*
Hebreus 5:1 - 6:20 – *Diligente até o fim*
Hebreus 7:1-28 – *Jesus: Um Sumo Sacerdote superior*
Hebreus 8:1-13 – *Uma Aliança melhor*
Hebreus 9:1-28 – *Um ministério mais excelente*
Hebreus 10:1-39 – *Entremos ousadamente no Santo dos Santos*
Hebreus 11:1-40 – *Fé obediente*
Hebreus 12:1-29 – *Corramos a corrida*
Hebreus 13:1-25 – *Com Jesus fora do acampamento*

Outras informações

Autor: Desconhecido
Tema: Um melhor concerto
Data: Cerca de 67-69 d.C.

Considerações preliminares

Este livro foi destinado originalmente aos cristãos de Roma. O seu título, nos manuscritos gregos mais antigos, diz apenas “Aos Hebreus”. Seu conteúdo, no entanto, revela que foi escrito a cristãos judeus.

O emprego que o autor fez da Septuaginta (versão grega do AT), nas citações do AT, indica que os primeiros leitores foram provavelmente judeus de idioma grego que viviam fora da Palestina.

A expressão “*Os da Itália vos saúdam*” (13.24) significa provavelmente que o autor escrevia para Roma, e que na ocasião incluiu saudações de crentes italianos que viviam longe da pátria. Os destinatários podem ter sido igrejas em lares, da comunidade cristã de Roma, das quais algumas estavam a ponto de abandonar a fé em Jesus e voltar para a antiga fé judaica por causa da perseguição e do desânimo.

O escritor não se identifica no título original, nem através do livro, embora fosse bem conhecido dos seus leitores (13.1824). Por alguma razão, perdeu-se a sua identidade ao findar-se o século I. Posteriormente, na tradição da igreja primitiva (séculos II ao IV), surgiram muitas opiniões diferentes sobre o possível escritor de Hebreus. A opinião de que Paulo haja sido o autor não tinha aceitação até o século V.

Muitos eruditos conservadores descartam a autoria de Paulo, uma vez que o estilo esmerado e alexandrino do autor, seu embasamento na Septuaginta, sua maneira de introduzir as citações do AT, seu método de argumentar e ensinar, a estrutura da argumentação e a omissão da sua identificação pessoal são características muito diferentes das de Paulo. Além disso, enquanto Paulo sempre apela à sua revelação recebida diretamente de Cristo (Gl 1.11,12), esse escritor demonstra ser um dos cristãos da segunda geração aos quais o evangelho fora confirmado por testemunhas oculares do ministério de Jesus (2.3).

Entre os homens mencionados nominalmente no NT, a descrição que Lucas oferece de Apolo, em At 18.24-28, ajusta-se melhor ao perfil do escritor de Hebreus.



Deixando de lado o nome do escritor de Hebreus, uma coisa é certa: ele escreveu na plenitude do Espírito e com entendimento, revelação e autoridade apostólicos.

A ausência de qualquer referência, em Hebreus à destruição do templo de Jerusalém e do seu culto levítico é um forte indício que o autor escreveu antes de 70 d.C.

Propósito

Hebreus foi escrito principalmente para os cristãos judeus que estavam sob perseguição e esmorecimento. O escritor procura fortalecer os leitores na fé em Cristo, demonstrando cuidadosamente a superioridade e finalidade da revelação e redenção da parte de Deus em Jesus Cristo. Demonstra que as disposições divinas para a redenção vistas no Antigo Concerto se cumpriram e se tornaram obsoletas pela vinda de Jesus e pelo estabelecimento de um Novo Concerto, mediante a sua morte vicária. O escritor anima seus leitores:

- 1)** a manterem firme sua confissão de Cristo até o fim;
- 2)** a prosseguirem para a maturidade espiritual;
- 3)** e não volverem ao estado de condenação caso abandonem a fé em Jesus Cristo.

Visão Panorâmica

Hebreus parece mais um sermão do que uma epístola. O autor descreve sua obra como “uma palavra de exortação” (13.22). Contém três divisões principais:

- 1)** Primeiro, Jesus, o poderoso Filho de Deus, é declarado a plena revelação de Deus à humanidade — maior do que os profetas (1.1-3), do que os anjos (1.4—2.18), Moisés (3.1-6) e Josué (4.1-11). Nesta divisão do livro, ocorre uma advertência solene no tocante às consequências do abandono da fé ou do endurecimento do coração pela incredulidade (2.1-3; 3.7—4.2).
- 2)** A segunda divisão apresenta Jesus como o sumo sacerdote, cujas qualificações (4.14—5.10; 6.19—7.25), caráter (7.26-28) e ministério (8.1—10.18), são perfeitos e eternos. Há uma solene advertência para quem permanecer espiritualmente imaturo ou mesmo “cair” depois de se tornar participante de Cristo (5.11—6.12).
- 3)** A divisão final (10.19—13.17) admoesta enfaticamente os crentes a perseverarem na salvação, na fé, no sofrimento e na santidade.

Conteúdo e estrutura

O corpo central da *Epístola aos Colossenses* (=Cl) está estruturado em três grandes seções, precedidas de uma breve introdução (1.1-8) e seguidas de um epílogo que contém notas pessoais e saudações de despedida (4.7-18).

1ª seção (1.9-23), Paulo dá graças ao Senhor pela fé dos “*santos e fiéis irmãos em Cristo que se encontram em Colossos*” (1.2), aos quais dá garantias a respeito da ação salvadora de Deus (1.9-14). Com um hino de elevada inspiração e beleza, proclama a soberania de Cristo sobre toda a criação (1.15-20): Cristo, “*a cabeça do corpo, da igreja*” (1.18; Ef 1.22-23), “é antes de todas as



coisas. Nele, tudo subsiste” (1.17). Mediante o seu sacrifício na cruz, redimiu o pecador (1.14) e o reconciliou e colocou em paz com Deus (1.20-22).

2^a seção da carta (1.24—2.5) se refere ao ministério de Paulo, à sua pregação do evangelho entre os gentios, aos que ele dá a conhecer os desígnios de Deus, antes secretos mas agora revelados em Jesus Cristo, que é a esperança gloriosa para todos quantos creem nele (1.25-27; 2.2-3).

3^a seções (2.6—4.6) instruem sobre os valores do evangelho da graça. Em Cristo *“habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade”* (2.9), e nele os crentes alcançam a sua própria plenitude (2.10-15); em consequência, devem abandonar atitudes e preceitos que não estão de acordo com a nova vida em Cristo (2.13-17,20-22) e buscar *“as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus”* (3.1).

Essa nova vida há de ajustar-se aos princípios da nova humanidade criada em Cristo (3.10): tanto no estritamente pessoal (3.5,8-9) como no que afeta a convivência na igreja, na família, entre as amizades ou no trabalho (3.5—4.1). O evangelho proclama a superação em Cristo de tudo o que conduz para o estabelecimento de diferenças hostis entre as pessoas, porque *“Cristo é tudo em todos”* (3.11). Em consequência, aqueles a quem Deus quis escolher têm o dever indesculpável de viver em recíproca disposição de humildade, perdão, paz e *“amor, que é o vínculo da perfeição”* (3.12-14).

O epílogo (4.7-18) inclui uma relação de saudações na qual são mencionados vários colaboradores de Paulo. Entre outros, Tíquico, portador da carta; Onésimo, *“que é do vosso meio”* (4.9), Lucas, *“o médico amado”* (4.14).

Visão Panorâmica

Depois de saudar a igreja e expressar gratidão pela fé, amor e esperança dos crentes colossenses, bem como pelo seu progresso contínuo, Paulo focaliza dois assuntos principais: a doutrina correta (1.13—2.23)

1^a) e exortações práticas (3.1—4.6).

2^a) Teologicamente, Paulo enfatiza o verdadeiro caráter e glória do Senhor Jesus Cristo. Ele é a imagem do Deus invisível (1.15), a plenitude da deidade em forma corpórea (2.9), o criador de todas as coisas (1.16,17), o cabeça da igreja (1.18) e a fonte toda suficiente da nossa salvação (1.14,20-22).

Enquanto Cristo é todo-suficiente, a heresia colossense é totalmente insuficiente — vazia, enganosa e humanista (2.8); de espiritualidade superficial e arrogante (2.18) e sem poder contra os apetites pecaminosos do corpo (2.23). Nas suas exortações práticas, Paulo faz um apelo em favor de uma vida alicerçada na suficiência completa de Cristo, como o único meio de progresso no viver cristão. A realidade da habitação de Cristo neles (1.27) deve evidenciar-se na conduta cristã (3.1-17), no relacionamento doméstico (3.18—4.1) e na disciplina espiritual (4.2-6).

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

Oito características afloram neste livro:



1) No NT é único quanto à sua estrutura: “começa como tratado, desenvolve-se como sermão e termina como carta” (Orígenes).

2) É o texto mais refinado do NT, abeirando-se do estilo do grego clássico, mais do que qualquer outro escritor do NT (com exceção, quiçá, de Lucas, em Lc 1.1-4).

3) É o único escrito do NT que desenvolve o conceito do ministério sumo sacerdotal de Jesus.

4) A cristologia do livro é ricamente variada, apresentando mais de vinte nomes e títulos de Jesus.

5) Sua palavra-chave é “melhor” (13 vezes). Jesus é melhor do que os anjos e todos os mediadores do AT. Ele provê melhor repouso, concerto, esperança, sacerdócio, expiação pelo sacrifício vicário e promessas.

6) Contém o principal capítulo do NT a respeito da fé (cap. 11).

7) Está repleto de referências e alusões ao AT que oferecem um rico conhecimento da interpretação cristã primitiva da história e da adoração no AT, mormente no campo da tipologia.

8) Adverte, mais do que qualquer outro escrito do NT contra os perigos da apostasia espiritual.

Quem trocaria um lustroso carro novo por outro velho e enferrujado, ou um refulgente anel de diamante por uma peça de bijuteria pretejada? Somente uma pessoa insensata faria negócios como esses! O livro de Hebreus foi escrito para pessoas que estavam em perigo de fazer exatamente uma tal troca assim. Eram cristãos pensando em deixar seu relacionamento com Cristo para voltar a viver sob a Lei de Moisés. O escritor de Hebreus estava determinado a mostrar aos seus leitores que escolha idiota seria essa!

O autor de Hebreus não se identificou pelo nome, no livro. Ele conhecia Timóteo (13:23) e possuía sólido entendimento do Velho Testamento. Muitos estudantes da Bíblia acreditam que foi Paulo quem escreveu Hebreus, mas outros argumentam que esse autor não era um dos apóstolos (veja 2:3). Provavelmente, o máximo que podemos concluir com certeza é que o autor era inspirado.

Em vista do tema do livro, é improvável que o autor tivesse deixado de mencionar a destruição do templo, no ano 70 d.C., se esse evento tivesse ocorrido ao tempo da escrita. Uma vez que ele não citou esse evento para apoiar seus argumentos (veja 10:25 para uma possível referência), podemos aceitar que ainda não tivesse acontecido, e uma data próxima de 65 d.C. pode ser aceita para a escrita de Hebreus.

Hebreus foi escrito claramente para ouvintes condescendentes das Escrituras do Velho Testamento e, especialmente dos rituais de sacrifícios da Velha Lei. É evidente que os leitores pretendidos eram judeus cristãos (3:1; 4:14-16). Eles tinham sofrido alguma perseguição, como resultado de sua fé e alguns, provavelmente desanimados por suas tribulações ou em dúvida sobre seu compromisso com Cristo, estavam pensando em voltar para o judaísmo. Outros já tinham deixado de reunir-se com seus irmãos (10:19-39). Como no caso da identidade do autor, não podemos dizer com de onde estas pessoas viviam, mas muitos estudantes da Bíblia favorecem Jerusalém ou Roma como possíveis destinos para a epístola (veja 13:24).

Como foi sugerido no início deste artigo, o tema de Hebreus é a superioridade de Jesus Cristo. O autor argumenta que Jesus é superior aos anjos, Moisés, Josué e Arão (capítulos 1, 3, 4 e 7, respectivamente). Não somente Jesus é um Legislador e Sumo Sacerdote superior, mas sua aliança é superior à Aliança Mosaica (capítulos 8-10). De fato, “melhor” é a palavra-chave do livro (1:4; 7:22; 8:6, etc.).



Perguntas para estudar

1. O escritor de Hebreus se identifica?
2. Hebreus foi, provavelmente, escrito antes ou depois da destruição do templo, em 70 d.C.?
3. Hebreus foi escrito para cristãos judaicos ou cristãos gentios?
4. De acordo com Hebreus, Jesus é superior a quais pessoas?
5. Qual é a palavra-chave de Hebreus?

ANÁLISE DOS CAPÍTULOS

CAPÍTULO 01

Estudo Textual:

Jesus: Superior aos Anjos (Hebreus 1:1-14)

No monte da transfiguração, a voz que vinha da nuvem confirmou a Pedro, Tiago e João que Jesus é o Filho Amado de Deus e que devemos ouvir a Ele, em vez de Moisés ou Elias (Mateus 17:1-8). O escritor de Hebreus afirma o mesmo ponto, logo no começo de sua epístola. Ele observa que, enquanto Deus usou vários métodos e indivíduos para levar sua palavra à humanidade, no passado, seu porta-voz durante estes “últimos dias” é seu Filho (Hebreus 1:2). O apóstolo Pedro afirmou que estamos vivendo nos últimos dias, quando identificou os acontecimentos de Pentecostes (Atos 2:16-17) como o cumprimento da profecia de Joel a respeito desses dias. Esta afirmação sobre a autoridade de Jesus tem importantes implicações para aqueles que desejam justificar suas práticas religiosas dando ouvidos a Moisés, isto é, apelando para a lei de Moisés em busca de autoridade.

O tema de Hebreus é a superioridade de Jesus Cristo. Jesus não é só um outro porta-voz; Ele é muito superior em natureza aos profetas que o precederam. Ele não é somente Criador e Redentor (Hebreus 1:2-3); Ele é também Divindade. Ele não é a mesma pessoa que o Pai, mas Ele é a “expressão exata” do Pai e, assim, participa da natureza eterna do Pai!

O restante do capítulo é dedicado a demonstrar que Jesus é também superior aos anjos. Ele obteve um “mais excelente nome” do que eles (1:4). “Nome” se refere mais ao caráter e à posição do que à palavra pela qual alguém é chamado.

O autor de Hebreus usa o silêncio de Deus para afirmar seu ponto. Ele cita afirmações divinas a respeito da posição de Jesus e então pergunta se Deus jamais disse tal coisa de qualquer dos anjos (1:5). A questão é obviamente retórica; Deus nunca se dirigiu a nenhum dos anjos como seu Filho. Pode então, qualquer dos anjos assumir a posição de Filho de Deus, uma vez que Deus não os proibiu de fazê-lo? Certamente que não! O argumento do escritor de Hebreus depende da premissa de que o silêncio de Deus é proibitivo, não permissivo: um princípio importante para todos nós que procuramos a aprovação de Deus em nossas vidas. O escritor usa o mesmo tipo de argumento (do silêncio de Deus) nos versículos 13-14.

A comparação entre Jesus e os anjos continua quando o escritor de Hebreus observa que os anjos são espíritos servidores, que adoraram o Filho durante sua encarnação (1:6-7,14). Jesus, contudo, é um Monarca cujos anos não findarão, isto é, Ele é um ser eterno.



Perguntas para estudar

1. Através de quem Deus fala conosco nestes dias?
2. Jesus é um ser criado ou eterno como o Pai?
3. É alguma coisa divinamente autorizada pelo simples fato de que Deus não a proibiu?
4. É Jesus superior aos anjos em natureza, posição ou ambos?

1.1.2 FALOU-NOS... PELO FILHO. Estes dois primeiros versículos estabelecem o tema principal deste livro.

Nossos antepassados: O povo de Israel dos tempos do AT (At 7.51-52).

Usando um estilo elevado e solene, o autor começa com uma exposição teológica a respeito da pessoa e obra do Filho de Deus, Jesus Cristo. Enfatiza que o Deus Criador do Universo falou ao seu povo por meio dos profetas e enviou Jesus para cumprir a missão de purificar os seres humanos de seus pecados (v.3). Esses versículos lembram a introdução ao Evangelho de João (Jo 1.1-5). Jesus Cristo é designado dessa forma, porque tanto a sua divindade quanto a sua humanidade, são amplamente comprovadas nas Sagradas Escrituras. Ele é Verdadeiro homem e Verdadeiro Deus.

Como Filho do Homem, o Senhor Jesus participou plenamente de nossa humanidade, conforme ressalta o autor da Epístola aos Hebreus: *"E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo"* (Hb 2.14). O próprio Cristo ressalta a sua humanidade: *"É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciões e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia"* (Lc 9:22). Mais adiante, no Evangelho de João, afirma Ele: *"E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado"* (Jo 3.14).

Os evangelhos demonstram que Jesus, como Filho de Deus, sempre participou, de maneira plena, de todos os atributos de Deus, por ser Ele também Deus: *"E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus"* (Jo 1:34). Eis o que declara uma de suas discípulas: *"Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo"* (Jo 11.27). Além disso, de acordo com a teologia rabínica, declarar-se Filho de Deus equivalia a colocar-se no lugar do próprio Deus: *"Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus"* (Jo 19:7).

Encerrando o seu evangelho, João demonstra o seu propósito: *"Estes, porém, foram escritos para que creiás que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome"* (Jo 20:31).

O Jesus teológico, por conseguinte, é aquele anunciado nas Sagradas Escrituras não somente como o Filho do Homem, mas, principalmente, como o Filho de Deus.

Cristologia

Deus, na sua onisciência viu, desde a eternidade, que o homem a ser criado cairia em pecado, ficando sujeito à perdição eterna. Ele então preparou um caminho de salvação, por meio do sacrifício de seu próprio Filho. Jesus participou e concordou e, desde então, já estava disposto a dar a sua vida por nós. Por isso, a Bíblia se expressa a respeito do *"Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo"* (Ap 13.8). A vida eterna é assim prometida *"antes dos tempos dos séculos"* (Tt 1.2), quando Deus nos elegeu para, em Jesus, sermos santos e irrepreensíveis (Ef 1.4).



Jesus participou da criação do mundo

“Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). “Todas as coisas subsistem por ele” (Cl 1.17).

Jesus também é eterno *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”* (Jo 1.1). *“E ele é antes de todas as coisas”* (Cl 1.17); *“Desde os dias da eternidade”* (Mq 5.2) e antes que o mundo existisse, possuía glória junto com o Pai (Jo 17.5). Jesus disse: *“Antes que Abraão existisse, eu sou”* (Jo 8.58). Em Provérbios 8.22-31, lemos sobre o princípio dos seus caminhos, antes de suas obras.

Jesus, o *“Deus bendito eternamente”* (Rm 9.5), fez-se homem. Esse mistério chama-se *“encarnação”*. A Bíblia diz: *“Grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne”* (1 Tm 3.16). A doutrina da encarnação de Jesus excede tudo que o entendimento humano possa compreender; porém, desse milagre depende a substância do Evangelho da salvação e a doutrina da redenção.

Jesus se fez homem por meio de uma virgem, através de concepção sobrenatural

Quando Deus, no dia da queda, prometeu o Redentor, revelou também de que maneira Ele viria ao mundo. Disse à serpente: *“Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”* (Gn 3.15, Versão Revisada, IBB). O profeta Isaías profetizou: *“Uma virgem conceberá e dará à luz um filho e será o seu nome Emanuel”* (Is 7.14). Quando na plenitude dos tempos (Gl 4.4), o Arcanjo Gabriel comunicou a Maria que ela seria o instrumento da encarnação de Jesus, disse-lhe: *“Em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus”* (Lc 1.31). Maria respondeu: *“Como se fará isto, visto que não conheço varão?”* (Lc 1.34). E Gabriel lhe revelou como este milagre aconteceria. Ele disse: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, pelo que também o Santo que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”* (Lc 1.35). Com a palavra: *“Eis aqui a serva do Senhor, cumpra-se em mim segundo a sua palavra”* (Lc 1.38), Maria aceitou, e o milagre aconteceu! Ela estava grávida! É impossível explicar este milagre em termos biológicos.

O médico Lucas registrou este milagre no seu evangelho com fé e convicção, sem deixar uma sombra de dúvida. *“Pela fé entendemos”* (Hb 11.3).

Jesus veio a este mundo por meio de um nascimento natural

Ele nasceu exatamente nove meses após Maria haver concebido de modo sobrenatural, quando *“se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz”* (Lc 2.6). Jesus nasceu, conforme a profecia, em Belém (Mq 5.2), e para isso Deus providenciou que o alistamento decretado pelo imperador Augusto obrigasse José e Maria a locomoverem-se de Nazaré, na Galileia, até Belém, exatamente na época de Maria dar à luz. Jesus nasceu como os demais homens nasceram. Houve, porém, uma manifestação sobrenatural: Uma multidão de anjos cantou, diante de um grupo de pastores de ovelhas, louvores ao Messias que havia nascido (Lc 2.8-14).

A experiência pessoal da salvação, por meio do sangue de Jesus Cristo, faz com que nos aproximemos de Deus (Ef 2.13), e temos, então, absoluta certeza da existência dEle, porque o Espírito do seu Filho clama em nós: *“Aba, Pai”* (Gl 4.6), e nós podemos, com toda a tranquilidade, orar no coração: *“Pai nosso, que estás nos céus”* (Mt 6.9).

Está escrito que Jesus, *“oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação”* (Hb 9.28). Tão real e tão pessoal como foi a primeira aparição de Jesus será também sua segunda manifestação. Não se trata, portanto, de uma linguagem figurada, querendo significar que Jesus voltará por meio de um derramamento de poder ou de um despertamento.



- Do hb. **Jeshua, Jeová salva + Massiah, Cristo, Ungido:** Título oficial do Filho de Deus, através do qual foi apresentado, pelas Sagradas Escrituras, como o Salvador do mundo, Redentor da humanidade e Messias de Israel (Mt 1.21).

Lembra-nos este nome ser o Senhor Jesus:

1) Verdadeiro homem e:

2) Verdadeiro Deus (1 Tm 2.5; Jo 20.28). Estão implícitos aí o mistério de sua encarnação e a inevitabilidade de sua glorificação. Por intermédio deste título, exerceu Ele plenamente os três ministérios dos Antigos Testamento: profeta, sacerdote e rei (Lc 7.16; Hb 7.26; Ap 19.16). Somente Jesus pôde reunir as condições necessárias para falar aos homens por Deus, falar a Deus pelos homens e governar sobre todos (Cl 1.18.19).

• Do hb. **Messiah, Ungido; do gr. Christos, Ungido:** Título oficial de Jesus, conferindo-lhe pelo mesmo Deus (At 1.16), designa-o como Salvador do mundo, destacando-lhe em especial a divindade (Mt 16.16). Evoca-lhe ainda o tríplice ofício: profeta, sacerdote e rei. Jesus é o Cristo porque foi ungido pelo Pai com o Espírito Santo, a fim de concretizar o plano de Salvação elaborado pela Santíssima Trindade, da qual Ele, Jesus, faz parte: *"Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele"* (At 10.38). Neste título, acha-se mui patente a sua dupla natureza: divina e humana; Jesus Cristo — verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim o Senhor Jesus é tratado por haver recebido do Pai toda a autoridade nos céus e na terra. Ele é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores e o Soberano dos reis da Terra.

• Do lat. **Senior, Senhor:** Autoridade inquestionável e absoluta que o Senhor Jesus Cristo exerce, mediante a sua morte vicária e ressurreição, sobre o ministério e os membros da Igreja. O senhorio de Cristo envolve tanto o seu poder como a sua direção sobre os negócios materiais e espirituais atinentes ao Reino de Deus. Como Senhor dos senhores, a autoridade de Cristo não se circunscreve à Igreja; abrange, de igual modo, os negócios e os reinos deste mundo. Quando da instauração do Milênio, estará ele exercendo plenamente o seu Senhorio, conforme lemos nos profetas do Antigo Testamento e nos apóstolos do Novo.

• Do gr. **Salvador:** hb. Josué.

Jesus Cristo é tanto o centro da história do mundo como da história e da doutrina da Bíblia.

• Jesus Cristo, seus nomes, títulos e ofícios:

(o último) Adão 1 Co 15.45.

(o) Advogado 1 Jo 2.1.

Alfa e Ômega, Ap 1.8.

Amado, Mt 12.18; Ef 1.6.

Amém, Ap 3.14.

Amigo de publicanos, Mt 11.19.

Apóstolo, Hb 3.1.

Autor e consumador da fé, Hb 12.2.

Autor da salvação, Hb 2.10; 5.9.

Autor da vida, At 3.15.

Bispo das vossas almas, 1 Pe 2.25.

Cabeça do corpo da igreja, Cl 1.18.

Cabeça de todo homem, 1 Co 11.3.

Caminho, Jo 14.6.

Carpinteiro, Mc 6.3.

Cetro, Nm 24.17.

Companheiro, Zc 13.7.

Conselheiro, Is 9.6.

Consolação de Israel, Lc 2.25.

Cordeiro, Ap 5.6,8.

Cordeiro de Deus, Jo 1.29,36.

Cordeiro pascal, 1 Co 5.7.

Cordeiro que foi morto, Ap 5.12.

Cristo, Mt 16.16.

Cristo de Deus, Lc 9.20.

Cristo, o Filho do Deus bendito, Mc 14.61.

Cristo Jesus nosso Senhor, 1 Tm 1.12.

Cristo, Rei, Lc 23.2.

Cristo, o Senhor, Lc 2.11.

Cristo do Senhor, Lc 2.26.



Davi, Ez 34.23; 37.24.
Davi, seu Rei, Jr 30.9.
Deus conosco, Mt 1.23.
Deus forte, Is 9.6.
(o) Deus unigênito Jo 1.18.
Emanuel, Is 7.14; Mt 1.23.
(o) Ente santo Lc 1.35.
(o meu) Escolhido, Is 42.1.
(nossa) Esperança, 1 Tm 1.1.
Estandarte, Is 11.10.
(uma) Estrela, Nm 24.17.
Estrela da alva, 2 Pe 1.19.
Estrela da manhã, Ap 22.16.
Eu Sou, Ex 3.14; Jo 8.58.
(a) Expressão exata de seu ser, Hb 1.3.
Fiador de superior aliança, Hb 7.22.
Fiel e verdadeiro, Ap 19.11.
Filho, Hb 3.6.
(o meu) Filho amado, Mt 3.17.
(o) Filho do seu amor, Cl 1.13.
(o) Filho do carpinteiro, Mt 13.35.
Filho de Davi, Mt 9.27.
Filho de Deus, Mt 8.29; Lc 4.41.
(o) Filho do Deus Altíssimo, Mc 5.7; Lc 1.32.
(o) Filho do Deus Bendito, Mc 14.61.
(o) Filho do Deus vivo Mt 16.16.
Filho do homem, Mt 16.28.
Filho de Maria, Mc 6.3.
(o) Filho do Pai, 2 Jo 3.
(o seu) Filho unigênito, Jo 3.16.
Fonte, Zc 13.1.
Fundamento, 1 Co 3.11.
Governador dos povos, Is 55.4.
(o) Guia, Mt 2.6.
Herdeiro de todas as coisas, Hb 1.2.
Homem de dores, Is 53.3.
(o segundo) Homem, 1 Co 15.47.
(a) Imagem de Deus, 2 Co 4.4. Jesus, Mt 1.21; 1 Ts 1.10.
Jesus Cristo nosso Salvador, Tt 3.6.
Jesus, o Filho de Deus, Hb 4.14.
Jesus Nazareno, Jo 19.19.
Jesus, o Rei dos Judeus, Mt 27.37.
Juiz reto, 2 Tm 4.8.
Juiz de vivos e de mortos, At 10.42.
Justiça, 1 Co 1.30.
(o) Justo, At 3.14.
Legislador, Is 33.22.
(o) Libertador, Rm 11.26.
(a) Luz, Jo 12.35.
(a) Luz do mundo, Jo 8.12; 9.5.
(a verdadeira) Luz, Jo 1.9.
Maravilhoso, Is 9.6.
Mediador 1 Tm 2.5.
Mediador da aliança, Is 42.6.
Mediador da nova aliança, Hb 12.24.
(o) Menino, Mt 2.8.
(o) Menino Jesus, Lc 2.27.
(ontem e hoje é o) Mesmo, Hb 13.8.
Messias, Jo 1.41.
Mestre, Mt 19.16; Jo 3.2.
Nazareno, Mt 2.23.
Pai da Eternidade, Is 9.6.
Pão de Deus, Jo 6.33.
(Eu sou o) Pão, Jo 6.41.
Pão da vida, Jo, 6.35.
Pão vivo, Jo 6.51.
Pastor e Bispo das vossas almas, 1 Pe 2.25.
(o bom) Pastor, Jo 10.14.
(grande) Pastor das ovelhas, Hb 13.20.
(o supremo) Pastor, 1 Pe 5.4.
(a) Pedra, Mt 21.42. 1 Co 10.4.
Pedra angular, Is 28.16. Ef 2.20; 1 Pe 2.6.
Pedra já provada, Is 28.16.
Pedra de tropeço, 1 Pe 2.8.
(a) Pedra que vive, 1 Pe 2.4.
Poder de Deus, 1 Co 1.24.
(o) Poderoso de Jacó, Is 49.26.
Poderoso para salvar, Is 63.1.
(a) Porta das ovelhas, Jo 10.7.
(o) Primeiro e o último, Ap 1.17; 22.13.
(as) Primícias dos que dormem, 1 Co 15.20.
(o) Primogênito, Hb 1.6.
(o) Primogênito dos mortos, Ap 1.5.
(o) Primogênito entre muitos irmãos, Rm 8.29.
(o) Primogênito da criação, Cl 1.15.
Príncipe, At 5.31.
Princípio da criação, Ap 3.14.
Príncipe da Paz, Is 9.6.
(o) Profeta, Dt 18.15; Jo 6.14.
Propiciação, Rm 3.25; 1 Jo 4.10.
Rabi, Jo 1.38; 3.2.
Rabôni, Jo 20.16.
(a) Raiz de Davi, Ap 5.5.
(a) Raiz e a geração de Davi, Ap 22.16.
(a) Raiz de Jessé, Rm 15.12.
Redenção, 1 Co 1.30.
Rei, Mt 21.5.
Rei de Israel, Jo 1.49.
Rei dos Judeus, Mt 2.2.
Rei dos reis, 1 Tm 6.15; Ap 19.16.
Rei sobre toda a terra, Zc 14.9.
(o) Renovo, Zc 3.8.
Renovo de Justiça, Jr 33.15.
Renovo Justo, Jr 23.5.
(o) Resplendor de Glória, Hb 1.3.
(a) Ressurreição, Jo 11.25.
Sabedoria, 1 Co 1.30.
Sabedoria de Deus, 1 Co 1.24.
Sacerdote para sempre, Hb 5.6.
(o) Salvador, Lc 2.11.
Salvador do corpo, Ef 5.23.
Salvador do mundo, 1 Jo 4.14.
Santificação, 1 Co 1.30.
(o) Santo, Ap 3.7.
(o) Santo de Deus, Lc 4.34.
(o) Santo e Justo, At 3.14.
(o) Santo dos Santos, Dn 9.24.
Santo Servo Jesus, At 4.30.
(o) Senhor, Mt 3.3.
Senhor do céu e da terra, At 17.24.
(o) Senhor da glória, 1 Co 2.8.
(o) Senhor Jesus, At 1.21.



(o) Senhor Jesus Cristo, Rm 1.7; Ef 6.24.
Senhor justiça nossa, Jr 23.6.
Senhor e Salvador Jesus Cristo, 2 Pe 2.20.
(o) Senhor dos Senhores, 1 Tm 6.15; Ap 17.14.
Senhor também do Sábado, Mc 2.28.
Senhor de todos, At 10.36; Rm 10.12.
Senhor tanto de mortos como de vivos, Rm 14.9.
(o meu) Servo, Is 52.13; Mt 12.18.
Servo Jesus, o teu santo, At 4.27.
Siló, Gn 49.10.
(o bendito e único) Soberano, 1 Tm 6.15.
(o) Soberano dos reis da terra, Ap 1.5.
(o) Sol da justiça, Ml 4.2.
(o) Sol nascente, Lc 1.78.

• Jesus Cristo, sua vida e obra:

Parte 01 – Seus primeiros anos:

Predito o nascimento, Lc 1.26-38.
Nasce em Belém, Lc 2.1-7.
Nascimento anunciado aos pastores, Lc 2.8-20.
Circuncidado, Lc 2.21.
Apresentado no Templo, Lc 2.22-38.
A visita dos magos, Mt 2.1-12.

Sumo Sacerdote, Hb 3.1; 4.14; 5.10.
Sumo sacerdote dos bens já realizados, Hb 9.11.
(a) Testemunha fiel e verdadeira, Ap 3.14.
Todo poderoso, Ap 1.8.
(o) Ungido, Dn 9.25.
(o) Verbo, Jo 1.1.
(o) Verbo de Deus, Ap 19.13.
(o) Verbo da vida, 1 Jo 1.1.
(a) Verdade, Jo 14.6.
(Fiel e) Verdadeiro, Ap 19.11.
(a) Vida, Jo 14.6.
(a nossa) Vida, Cl 3.4.
Videira verdadeira, Jo 15.1.

Parte 02 – Seu ministério público

a) Primeiro ano:

Batizado por João, Mt 3.13-17;
Tentado no deserto, Mt 4.1-11.
Seu primeiro milagre, em Caná da Galileia, Jo 2.1,2.

A fuga para o Egito e a volta para Nazaré, Mt 2.13-23.
Com a idade de 12 anos no meio dos doutores em Jerusalém, Lc 2.40-50.
Trabalha como carpinteiro durante cerca de 18 anos, Mc 6.3; Lc 2.51.

b) Segundo ano:

Prega em Cafarnaum, Mt 4.13-17.
A vocação de Simão, André, Tiago e João, Mt 4.18-22.
Chamada de Mateus, Mt 9.1-9.
Escolhe os doze apóstolos, Mc 3.13-19.
Prega o sermão no monte, Mt 5; 6; 7.

Purifica o Templo, Jo 2.13-25.
Palestra com a mulher de Samaria no poço de Jacó, Jo 4.1-12.

c) Terceiro ano:

Envia os apóstolos, Mt 10.1-42.
Alimenta os cinco mil, Mt 14.13-21.
Anda por sobre o mar da Galileia, Mt 12.22-36.

A oração dominical, Mt 6.9-13.
Uma mulher unge os pés de Jesus, Lc 7.36-50.
Prega de aldeia em aldeia na Galileia, Lc 8.1-3.
Atravessa o mar da Galileia e acalma uma tempestade, Mt 8.18-27

d) Quarto ano:

Prega na Festa dos Tabernáculos, Jo 7.10-53.
Envia os setenta, Lc 10.1-24.
Ressuscita a Lázaro de Betânia, Jo 11.17-46.
Sua última viagem a Jerusalém, Mt 19.1.

Pedro confessa que Ele é o Filho do Deus vivo, Mt 16.13-20.
Prediz sua morte e ressurreição, Mt 16.21-28.
Sua transfiguração, Mt 17.1-13.

Parte 03 – Sua morte e ressurreição:

Sua entrada pública em Jerusalém, Mt 21.117.
Interroga os fariseus, Mt 22.41.
Louva a oferta da viúva pobre, Mc 12.41-44.
A última ceia, Mt 26.17-20.
Lava os pés dos discípulos, Jo 13.1-17.
Instituição da Ceia do Senhor, Mt 26.26-29.

A agonia no Getsêmani, Mt 26.36-46.
Traído por Judas, Mt 26.47-56.
Negado por Pedro três vezes, Mt 26.57-75.
Perante Pilatos, Mt 27.3-26.
Crucificado, Mt 27.33-56.
As mulheres encontram o sepulcro vazio, Mt 28.1-8.

Aparece depois da ressurreição:

- 1) A Maria Madalena, Mc 16.9.
- 2) Às mulheres, Mt 28.9.
- 3) A dois discípulos em caminho a Emaús, Lc 24.13-31.
- 4) A Simão Pedro, Lc 24. 34; 1 Co 15.5.
- 5) Aos discípulos fechadas as portas, Lc 24.36; Jo 20.19.

6) Aos onze com Tomé, Mc 16.14; Jo 20.26; 1 Co 15.5.

- 7) A mais de 500 irmãos de uma só vez, Mt 28.16; 1 Co 15.6.
- 8) A alguns discípulos na praia do mar da Galileia, Jo 21.1.
- 9) Tiago, 1 Co 15.7.
- 10) Aos apóstolos, At 1.4.

Sua ascensão, Mc 16.19; Lc 24.50-52; At 1.9.

Jesus Cristo, sua humilhação:

At 8.33; Is 53.7.
Açoitado, Mt 27.26.
Aflito, Is 53.4; Cl 1.24.
Agitou-se no espírito, Jo 11.33.
Amaldiçoado, Gl 3.13.
Amarrado, Mt 27.2.
Amou, Ef 5.2.
Aprendeu a obediência, Hb 5.8.
Batizado, Mt 3.16.
Blasfemado, Mc 15.29.
Calcado aos pés, Hb 10.29.
Cansou-se, Jo 4.6.
Castigado, Lc 23.16; Is 53.4.
Chorou, Jo 11.35.
Comeu com publicanos, Mc 2.16.
Comoveu-se, Jo 11.33.
Condenado, Lc 24.20.
Condóeu-se, Mc 3.5.
Consumou a obra, Jo 17.4.
Contado com os transgressores, Is 53.12.
Coroado de espinhos, Mt 27.29.
Cortado da terra, Is 53.8.
Cuspiram nele, Mc 14.65.
Crucificado, Mt 27.35; 1 Co 2.2.
Derramou a sua alma, Is 53.12.
Deitado numa manjedoura, Lc 2.7.
Deu a sua vida, 1 Jo 3.16.
Desfigurado, Is 52.14.
Despojado das vestes, Mt 27.28.
Desprezado, Is 53.3.
Dormiu, Mc 4.38.
Ensinou, Mc 4.2.
Entregue, At 2.23.
Entregou o espírito, Mt 27.50.
Entregou-se, Ef 5.2.
Enviado, Mt 10.40.
Escarnecido, Lc 23.11.
Evangelizou, Lc 4.18.
Expulsaram-no, Lc 4.29.
Fazendo-se Ele próprio maldição, Gl 3.13.
Ferido, Is 53.4.
Fez-se carne, Jo 1.14.
Humilhou-se, Fp 2.8.
Imolado, 1 Co 5.7.
Inclinou-se, Jo 8.6.
Inculpável, Hb 7.26.
Inocente, Mt 4.2.

Justo, 1 Pe 3.18.
Lavou pés, Jo 13.5.
Levou nossas dores, Is 53.4.
Levou o pecado de muitos, Is 53.12.
Levantado, Jo 3.14.
Manifestou-se, 1 Jo 3.8.
Manso, Mt 11.29; 2 Co 10.1.
Móido, Is 53.5.
Misericordioso, Tg 5.11.
Morreu, 1 Ts 5.10.
Morto, Jo 19.33.
Movido de compaixão, Mt 9.36.
Não agradou a si mesmo, Rm 15.3.
Não tinha onde reclinar a cabeça, Mt 8.20.
Nascido de mulher, Gl 4.4.
Negado, At 3.14.
Obediente até a morte, Fp 2.8.
Odiado, Jo 15.25.
Oferecido, Hb 9.28.
Oprimido, Is 53.7.
Orou, Mt 26.39.
Padeceu, Is 53.3.
Partido, 1 Co 11.24.
Perseguido, Jo 15.20.
Pobre, 2 Co 8.9.
Proclamou liberdade, Lc 4.18.
Puro, 1 Jo 3.3.
Rejeitado, Is 53.3; 1 Pe 2.4.
Repousou, Mc 6.31.
Ridiculado, Lc 16.14.
Rodeado de fraquezas, Hb 5.2.
Sem defeito, 1 Pe 1.19.
Sem mácula, Hb 7.26.
Sepultado, 1 Co 15.4.
Sofreu, 1 Pe 2.21.
Sozinho, Lc 9.18; Is 63.3.
Suspirou, Mc 7.34.
Suportou a cruz, Hb 12.2.
Tentado, Mt 4.1.
Teve fome, Mc 11.12.
Teve sede, Jo 19.28.
Tornou-se obediente, Fp 2.8.
Traído, Mt 27.4.
Traspassado, Jo 19.37; Ap 1.7.
Triste, Mt 26.38.
Vestiram-no de púrpura, Mc 15.17.



Jesus Cristo, sua exaltação:

Apascentará, Ap 7.17.
Aperfeiçoados, Hb 2.10; 5.9.
Assentou-se à destra, Hb 8.1; Ap 3.21.
Bendito, Rm 9.5.
Coroado, Hb 2.9.
Descerá, 1 Ts 4.16.
Elevado às alturas, At 1.2.
(Deus o) Exaltou, Fp 2.9.
Fiel, Hb 2.17; Ap 1.5.
Formado em vós, Gl 4.19.
Glorificado, Jo 12.23.
(quando vier para ser) Glorificado, 2 Ts 1.10.
Igual a Deus, Fp 2.6.
Imortal, 1 Tm 6.16.
Interceder por eles, Hb 7.25.
Invisível, 1 Tm 1.17; Hb 11.27.
Julgará, Rm 14.10; 2 Co 5.10; 2 Tm 4.1.
(sua) Longanimidade, 1 Tm 1.16; 2 Pe 3.15.
Mais alto do que os céus, Hb 7.26.

Manifestar-se-á, 2 Ts 1.7.
Misericordioso, Hb 2.17.
Pelejará, Ap 2.16.
(qual a suprema grandeza do seu) Poder, Ef 1.19.
Reinará, 1 Co 15.25-27; Ap 11.15; 20.6.
Ressuscitou, Lc 24.34; Rm 6.4; 1 Co 15.15.
Revestido de majestade, Sl 93.1; 2 Pe 1.16.
Satisfeito, Is 53.11. Selado, Go 6.27.
Sustentando todas as coisas, Hb 1.3.
Todos os dias convosco, Mt 28.20.
Tornado Sumo Sacerdote, Hb 6.20.
Ungido, At 10.38.
Venceu, Ap 3.21.
Vive, Ap 1.18; 2.8.
Vivendo sempre, Hb 7.25.
Vivificará, 1 Co 15.22.
Vivo caminho, Hb 10.20.
Voltará, Jo 14.3; At 1.11.

Jesus Cristo, sua missão:

Enviado pelo Pai, Jo 6.57.
Veio no nome do Pai, Jo 5.43.
1) para pregar, Mc 1.38;
2) aos pobres, Lc 4.18;
3) pregar arrependimento, Mt 4.17; 9.13; Mc 6.12;
Lc 24.47;
4) remissão dos pecados, Lc 1.77; 24.47;
5) libertação, Lc 4.18;
6) o ano aceitável, Lc 4.19;
7) o reino de Deus, Mt 10.7; Lc 4.43; 8.1; 16.16;
8) para cumprir roda a justiça, Mt 3.15;
9) chamar pecadores, Mt 9.13; Lc 5.32;
10) para que os que não veem vejam, e os que veem
se tornem cegos; Jo 9.39;

11) dar salvação, Is 49.6; Mt 1.21; Lc 1.77; Jo 3.17;
12) salvar os perdidos, Lc 9.56; 19.10;
13) fazer os cegos verem, os coxos andarem, os
mortos ressuscitarem, Mt 11.5;
14) fazer a vontade do Pai, Jo 4.34; 6.38,39;
15) para servir, Mt 20.28;
16) dar testemunho da verdade, Jo 18.28, Jo 18.37
17) ser uma luz do mundo, Mt 4.16; Lc 1.79;
18) dar paz, Lc 1.70; 12.51; Jo 14.27;
19) dar vida, Jo 6.33; 10.20-28;
20) dar vida eterna, Jo 3.16; 6.47; 10.28;
21) dar sua vida, Jo 10.15; 15.13;
22) para julgamento, Jo 9.39.

Jesus Cristo, sua doutrina e seus discursos:

Administrador infiel, Lc 16.1.
Adultério, Mt 5.27.
Água viva, Jo 4.1-42; 7.37,38.
Amigo importuno, Lc 11.1-13.
Amor ao próximo, Mt 5.43.
(aos) Apóstolos, Mt 10.1-42.
(sua) Autoridade Mt 21.23-46.
Arrependimento, Mt 4.13-17.
Avareza, Lc 12.13-50.
Bem-aventuranças, Mt 5.3.
Bodas, Mt 22.1-14.
Bom Pastor, Jo 10.1-21.
Bom samaritano, Lc 10.25-37.
Candeia, Mt 5.15.
Ceia grande, Lc 14.16.
Ceia do Senhor, Mt 26.26-29.
Conforta os discípulos, Jo 14.131.
Consolador, Jo 14.16; 16.7.
Divórcio, Mt 19.1-12.
Dois senhores, Mt 6.24.
Dracma perdida, Lc 15.8.
Esmola, Mt 6.2.

Falsos profetas, Mt 7.15.
Fariseu e publicano, Lc 18.9-14.
Fariseus e hipocrisia, Mt 23.1-39.
Fermento, Mt 16.5-12.
Filho pródigo, Lc 15.11.
Fundamentos, dois, Mt 7.24.
Grande ceia, Lc 14.16.
Homicídio, Mt 5.21.
Humildade, Mt 5.3; Mc 9.35; Lc 14; 22.24-36.
Jejuar, Mt 6.16.
Juiz iníquo, Lc 18. 1-8.
Juízo temerário, Mt 7.1.
Julgamento das nações, Mt 25.31-46.
Juramentos, Mt 5.33.
Luz do mundo, Mt 5.14.
Minas, Lc 19.11-27.
(sermão do) Monte das Oliveiras, Mt 24; Mc 13; Lc 21.
(sermão do) Monte, Mt 5; 6; 7.
Nascimento, novo, Jo 3.1-21.
(em) Nazaré, Lc 4.16.
Novo mandamento, Jo 13.34.
Novo nascimento, Jo 3.1-21.



Oração, Mt 6.5.
Oração dominical, Mt 6.9.
(sua) Oração sacerdotal, Jo 17.
Ovelha perdida, Lc 15.3.
Pão da vida, Jo 6.22-31.
Parábolas, Mt 13.
Pedi e dar-se-vos-á, Mt 7.7.
Pérolas ante os porcos, Mt 7.6.
Perdão, Mt 6.12-15; 18.21.
(sermão do) Lugar plano, Lc 6.17.
Porta estreita, Mt 7.12.
Pureza de coração, Mt 15.1-20.
Reino de Deus, Lc 17.20-37.
Rico e Lázaro, Lc 16.19.
(perigo das) Riquezas, Mt 19.16-30.
Sábado, Mt 12.9-14; Mc 2.23-28; Lc 6.1-11; 13.10-17; 14.1-6.

Sal da terra, Mt 5.13.
Segunda vinda e destruição de Jerusalém, Mt 24.1-57; Mc 13.1-37; Lc 21.5-38.
(aos) Setenta, Lc 10.1-24.
Talentos, Mt 25.14-30.
Tesouros, Mt 6.19.
Trabalhadores na vinha, Mt 20.1-16.
Tributo, ressurreição, grande mandamento, Mt 22.15-33.
Vida além-túmulo, Jo 5.25,28,29; 6.47; 11.1-53; 14.2.
Vida eterna, Mt 19.16-30; Mc 10.17-31.
Videira verdadeira, Jo 15.1-12.
(as dez) Virgens Mt 25.1-13.
Vingança, Mt 5.38.
(oferta da) Viúva pobre, Lc 21.1-4.

Jesus Cristo, sua natureza e ofícios divinos:

Cabeça da Igreja, Mt 21.42; Ef 1.22,23; 2.20; 5.23; Cl 1.18; Ap 21.22.
Criador, Sl 33.6; Jo 1.3; 5.19; Ef 3.9; Cl 1.16; Hb 1.2,10.
Igual ao Pai, Mt 28.18; Jo 5.23; 16.15; 17.10; Fp 2.6; Cl 2.9; 2 Ts 2.16.
Deus eterno, Is 9.6; Mq 5.2; Jo 1.1-3; 8.58; Rm 9.5; Cl 1.17; Tt 2.13; Hb 13.8; Ap 17.14; 19.16.
Objeto de fé e culto, Jo 6.69; 8.28; 14.1; Fp 2.9; Cl 1.4-27; 1 Ts 1.3; 1 Pe 1.3; Hb 1.6.
Onipotente, Mt 28.18; Fp 3.21; Cl 2.9.

Onipresente, Mt 18.20; 28.19,20; Jo 3.13.
Onisciente, Jo 2.25; 6.64; 16.30; 21.17; Cl 2.3; Ap 2.13.
Profeta, Dt 18.15-18; Is 49.5,6; Lc 7.16; 24.19; Jo 3.2; At 3.22,23.
Rei, Gn 49.10; Sl 2.6; Is 2.4; 9.6; Dn 7.13; Mt 2.2; Jo 1.49; Hb 1.2-4; 1 Pe 3.22; Ap 11.15; 19.16.
Sacerdote, Sl 110.4; Is 53.12; Jo 14.6; Rm 8.34; 1 Tm 2.5; Hb 2.17; 3.1; 4.14; 5.5-10; 7.1-28; 8.1-6; 9.11-27; 10.1-21; 1 Jo 2.1.

(os que são tipos/tipologias de) Jesus Cristo:

Abel, Hb 12.24; Gn 4.8;
Adão, 1 Co 15.22,45-47.
Arca, 1 Pe 3.20,21; Hb 11.7; Gn 7.7.
Bode emissário, Lv 16.10,20; Is 53.6; Rm 5.11.
Cidades de refúgio, Nm 35.6-8; Hb 6.18.
Cordeiro, Jo 1.29-36; At 8.32; 1 Pe 1.19; Ex 29.38; Lv 4.32; Nm 6.12.
Davi, Jo 7.42; Ez 37.24.
Isaque, Hb 11.18; Tg 2.21; Gn 22.9.
Holocausto, Hb 10.8-10; Gn 8.20.
Jacó, Hb 11.9; Gn 32.28.
Jonas, Mt 12.40; Jn 1.17.
José, Gn 50.19-21; Mt 5.44.
Josué, Hb 4.8; Js 1.

Maná, Jo 6.31,50,58; Ex 16.35; Dt 8.3.
Melquidezeque, Gn 14.18-20; Hb 6.20; 7.1-17.
Moisés, Jo 3.14; 9.29; Ex 24.2.
Noé, Lc 17.26; Gn 5.29.
Oferta pelo pecado, 1 Jo 4.10; Ex 29.36.
Páscoa, 1 Co 5.7; Ex 12.26,43.
Rocha no deserto, Ex 17.6; 1 Co 10.4.
Sacrifício pacífico, Ef 2.13; Cl 1.20; Ex 29.28.
Salomão, Mt 12.42; Lc 11.31; 1 Cr 29.23.
Sansão, Jz 13.5,7; Mt 2.23.
Serpente de bronze, Nm 21.9; Jo 3.14.
Tabernáculo, Ex 25.9; Hb 9.2-11;
Templo, 1 Rs 6; 8.12-21; Jo 2.19,21; Mc 14.58.

No passado, o instrumento principal de Deus para sua revelação foram os profetas, mas agora Ele tem falado, ou se revelado pelo seu Filho Jesus Cristo, que é supremo sobre todas as coisas. A Palavra de Deus falada mediante seu Filho é final: ela cumpre e transcende tudo o que foi anteriormente falado da parte de Deus. Absolutamente nada, nem os profetas, nem os anjos, têm maior autoridade do que Cristo. Ele é o único caminho para a salvação eterna e o único mediador entre Deus e o homem.

1.3 ASSENTOU-SE À DESTRA. Depois de Cristo ter efetuado o perdão dos nossos pecados mediante a sua morte na cruz assumiu o seu lugar de autoridade à destra de Deus. A atividade redentora de Cristo no céu envolve seu ministério de mediador divino (8.6; 13.15; 1 Jo 2.1,2), de Sumo Sacerdote (2.17,18; 4.14-16; 8.1-3), de intercessor (7.25) e de batizador no Espírito (At 2.33).

1.4 MAIS EXCELENTE QUE OS ANJOS. Jesus é superior aos anjos pela mesma razão porque Ele é superior aos profetas: Ele é o Filho (vv. 4-14). Os anjos desempenharam um papel importante na outorga do concerto do AT (Dt 33.2; At 7.53; Gl 3.19). O autor, escrevendo aos judeus crentes, estabelece a superioridade de Cristo sobre os anjos, recorrendo ao AT.

1.5 HOJE TE GEREI. Jo 1.14.

1.8 DO FILHO, DIZ: Ó DEUS. O escritor sacro destaca aqui a deidade de Cristo (Jo 1.1).

1.9 AMASTE A JUSTIÇA E ABORRECESTE A INIQUIDADE. Não basta o crente amar a justiça; ele deve, também, aborrecer o mal. Vemos esse fato claramente na devoção de Cristo à justiça (Is 11.5) e, na sua aversão à iniqüidade; na sua vida, no seu ministério e na sua morte (Jo 3.19; 11.33).

1) A fidelidade de Cristo ao seu Pai, enquanto Ele estava na terra, conforme Ele demonstrou pelo seu amor à justiça e sua aversão à iniqüidade, é a base para Deus ungir o seu Filho (v. 9). Da mesma maneira, a unção do cristão virá somente à medida que ele se identificar com a atitude do seu Mestre para com a justiça e a iniqüidade (Sl 45.7).

2) O amor do crente à justiça e seu ódio ao mal crescerá por dois meios:

a) crescimento em sincero amor e compaixão por aqueles, cujas vidas estão sendo destruídas pelo pecado.

b) por uma sempre crescente união com o nosso Deus e Salvador, do qual está dito: "*O temor do SENHOR é aborrecer o mal*" (Pv 8.13; Sl 94.16; 97.10; Am 5.15; Rm 12.9; 1 Jo 2.15; Ap 2.6).

1.13 DOS ANJOS. "Anjo" (hb. *malak*; gr. *aggelos*) significa "mensageiro". Os anjos são descritos como mensageiros e servos de Deus, criados antes da terra (Jó 38.4-7). Para um estudo da atividade dos anjos em relação à nossa vida.

OS ANJOS, E O ANJO DO SENHOR

"E subiu o Anjo do SENHOR de Gilgal a Boquim e disse: Do Egito vos fiz subir, e vos trouxe à terra que a vossos pais tinha jurado, e disse: Nunca invalidarei o meu concerto convosco." A Bíblia menciona frequentemente os anjos; o presente estudo provê uma noção geral do ensino bíblico a respeito dos anjos. Jz 2.1

ANJOS. A palavra "anjo" (hb. *malak*; gr. *angelos*) significa "mensageiro".

Os anjos são mensageiros ou servidores celestiais de Deus (Hb 1.13,14), criados por Deus antes de existir a terra (Jó 38.47; Sl 148.2,5; Cl 1.16).

1) A Bíblia fala em anjos bons e em anjos maus, embora ressalte que todos os anjos foram originalmente criados bons e santos (Gn 1.31). Tendo livre-arbítrio, numerosos anjos participaram da rebelião de Satanás (Ez 28.12-17; 2Pe 2.4; Jd 1.6; Ap 12.9; Mt 4.10) e abandonaram o seu estado original de graça como servos de Deus, e assim perderam o direito à sua posição celestial.

2) A Bíblia fala numa vasta hoste de anjos bons (1Rs 22.19; Sl 68.17; 148.2; Dn 7.9-10; Ap 5.11), embora os nomes de apenas dois sejam registrados nas Escrituras: Miguel (Dn 12.1; Jd 1.9; Ap 12.7) e Gabriel (Dn 9.21; Lc 1.19,26). Segundo parece, os anjos estão divididos em diferentes



categorias: Miguel é chamado de arcanjo (lit.: “anjo principal”, Jd 9; 1 Ts 4.16); há serafins (Is 6.2), querubins (Ez 10.1-3), anjos com autoridade e domínio (Ef 3.10; Cl 1.16) e as miríades de espíritos ministrais angelicais (Hb 1.13,14; Ap 5.11).

3) Como seres espirituais, os anjos bons louvam a Deus (Hb 1.6; Ap 5.11; 7.11), cumprem a sua vontade (Nm 22.22; Sl 103.20), veem a sua face (Mt 18.10), estão em submissão a Cristo (1Pe 3.22), são superiores aos seres humanos (Hb 2.6,7) e habitam no céu (Mc 13.32; Gl 1.8). Não se casam (Mt 22.30), nunca morrerão (Lc 20.34-36) e não devem ser adorados (Cl 2.18; Ap 19.9,10). Podem aparecer em forma humana (geralmente como moços, sem asas, Gn 18.2,16; 19.1; Hb 13.2).

4) Os anjos executam numerosas atividades na terra, cumprindo ordens de Deus. Desempenharam uma elevada missão ao revelarem a lei de Deus a Moisés (At 7.38; Gl 3.19; Hb 2.2). Seus deveres relacionam-se principalmente com a obra redentora de Cristo (Mt 1.20-24; 2.13; 28.2; Lc 1—2; At 1.10; Ap 14.6,7). Regozijam-se por um só pecador que se arrepende (Lc 15.10), servem em prol do povo de Deus (Dn 3.25; 6.22; Mt 18.10; Hb 1.14), observam o comportamento da congregação dos cristãos (1Co 11.10; Ef 3.10; 1Tm 5.21), são portadores de mensagens de Deus (Zc 1.14-17; At 10.1-8; 27.23-24), trazem respostas às orações (Dn 9.21-23; At 10.4); às vezes, ajudam a interpretar sonhos e visões proféticos (Dn 7.15-16); fortalecem o povo de Deus nas provações (Mt 4.11; Lc 22.43), protegem os santos que temem a Deus e se afastam do mal (Sl 34.7; 91.11; Dn 6.22; At 12.710), castigam os inimigos de Deus (2Rs 19.35; At 12.23; Ap 14.17—16.21), lutam contra as forças demoníacas (Ap 12.7-9) e conduzem os salvos ao céu (Lc 16.22).

5) Durante os eventos dos tempos do fim, a guerra se intensificará entre Miguel, com os anjos bons, e Satanás, com suas hostes demoníacas (Ap 12.7-9). Anjos acompanharão a Cristo quando Ele voltar (Mt 24.30-31) e estarão presentes no julgamento da raça humana (Lc 12.8,9).

O ANJO DO SENHOR. É necessário fazer menção especial ao “Anjo do SENHOR” (às vezes, “o Anjo de Deus”), um anjo incomparável que aparece no AT e no NT.

Para melhor compreensão, leia todas as referências bíblicas.

1) Seu primeiro aparecimento foi a Agar, no deserto (Gn 16.7); outros aparecimentos incluíram pessoas como Abraão (Gn 22.11,15), Jacó (Gn 31.11-13), Moisés (Ex 3.2), todos os israelitas durante o êxodo (Ex 14.19) e mais tarde em Boquim (Jz 2.1,4), Balaão (Nm 22.22-36), Josué (Js 5.13-15, onde o príncipe do exército do SENHOR é mais provavelmente o Anjo do SENHOR), Gideão (Jz 6.11), Davi (1Cr 21.16), Elias (2Rs 1.3-4), Daniel (Dn 6.22) e José (Mt 1.20; 2.13).

2) O Anjo do SENHOR realizou várias tarefas semelhantes às dos anjos, em geral. Às vezes, simplesmente trazia mensagens do Senhor ao seu povo (Gn 22.15-18; 31.11-13; Mt 1.20). Noutras ocasiões, Deus enviava o seu anjo para suprir as necessidades dos seus (1Rs 19.5-7), para protegê-los do perigo (Ex 14.19; 23.20; Dn 6.22) e, ocasionalmente, destruir os seus inimigos (Ex 23.23; 2Rs 19.34,35; Is 63.9). Quando o próprio povo de Deus rebelava-se e pecava grandemente, este anjo podia ser usado para destruí-lo (2Sm 24.16,17).

3) A identidade do anjo do Senhor tem sido debatida, especialmente pelo modo como ele frequentemente se dirige às pessoas. Note os seguintes fatos:

a) em 2.1, o anjo do Senhor diz: *“Do Egito Eu vos fiz subir, e Eu vos trouxe à terra que a vossos pais Eu tinha jurado, e Eu disse: Eu nunca invalidarei o meu concerto convosco”*.



Comparada esta passagem com outras que descrevem o mesmo evento, verifica-se que eram atos do Senhor, o Deus do concerto dos israelitas. Foi Ele quem jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó que daria aos seus descendentes a terra de Canaã (Gn 13.14-17; 17.8; 26.2-4; 28.13); Ele jurou que esse concerto seria eterno (Gn 17.7), Ele tirou os israelitas do Egito (Ex 20.1,2) e Ele os levou à terra prometida (Js 1.1,2).

b) Quando o anjo do Senhor apareceu a Josué, este prostrou-se e o adorou (Js 5.14). Essa atitude tem levado muitos a crer que esse anjo era uma manifestação do próprio Senhor Deus; do contrário, o anjo teria proibido Josué de adorá-lo (Ap 19.10; 22.8-9).

c) Ainda mais explicitamente, o anjo do Senhor que apareceu a Moisés na sarça ardente disse, em linguagem bem clara: *“Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”* (Ex 3.6; Gn 16.7; Ex 3.2).

4) Porque o anjo do Senhor está tão estreitamente identificado com o próprio Senhor, e porque ele apareceu em forma humana, alguns consideram que ele era uma aparição do Cristo eterno, a segunda pessoa da Trindade, antes de nascer da virgem Maria.

CAPÍTULO 02

Estudo Textual:

Jesus: Feito como seus irmãos - Hebreus 2:1-18

O primeiro capítulo de Hebreus afirma, claramente, a superioridade de Jesus sobre profetas e anjos. Em vista deste fato, o autor ressalta a necessidade de prestar atenção à mensagem dada pelo Senhor (2:1) e confirmada por Deus através de milagres (2:4). Ele defende esta ideia usando uma forma de argumento que aparecerá várias vezes, em seu livro. Aqueles que desobedeceram à lei entregue pelos anjos (a Lei de Moisés) foram justamente punidos. Desde que Jesus é superior aos anjos, é ainda mais certo que a desobediência de sua lei será punida (2:2-4). Esta forma de argumento é, às vezes, chamada “do secundário para o principal”, isto é, o ponto é apresentado do caso menos importante para o caso mais importante.

Os primeiros quatro versículos também introduzem um outro padrão encontrado neste livro. Enquanto o autor argumenta de um modo muito lógico, ele interrompe periodicamente seu raciocínio com advertências aos seus leitores. Ele escrevia aos cristãos que estavam pensando em voltar ao judaísmo. Há cinco advertências, como estas, espalhadas através de todo o livro (2:1-4; 3:7-4:13; 5:11-6:20; 10:19-39; 12:25-29). Estas advertências são duras e mostram que é possível para os cristãos serem condenados eternamente se abandonarem o Senhor (veja especialmente 6:4-6 e 10:26-29).

O escritor cita Salmo 8 (Hb 2:6-8), uma passagem que observa que o homem foi criado um pouco mais baixo do que os anjos. Este fato, provavelmente, levantou uma questão na mente de seus leitores. Se Jesus é superior aos anjos, por que ele tomou a forma de um homem, que foi feito inferior aos anjos?

A resposta a esta pergunta é encontrada no papel redentor que Jesus desempenha. O homem precisa de um mediador entre Deus e si mesmo. Porque Jesus sofreu e foi tentado como são os homens neste mundo, ele pode, portanto, ajudar os homens como um misericordioso e fiel Sumo Sacerdote (2:17 e 18).

O autor de Hebreus voltará ao assunto do sumo sacerdócio de Jesus para uma extensa discussão, mais tarde neste livro. Neste capítulo, contudo, ele afirma que Jesus tinha que se tornar como seus irmãos, de modo a servir como Sumo Sacerdote. Ele tinha que tomar um corpo humano



para experimentar a morte por todos os homens. Através de sua morte e ressurreição, ele derrotou Satanás, que tem o poder da morte (2:14). Ele tinha que se tornar como os homens, isto é, partilhar da carne e do sangue (2:14), porque dá ajuda aos homens, e não aos anjos (2:16). Deus seja louvado por termos um Sumo Sacerdote que entende nossa situação!

Perguntas para estudar

1. Como Deus testificou a mensagem da salvação?
2. Pode-se obedecer ao evangelho e, mais tarde, deixar o Senhor e perder-se eternamente?
3. Por quem Jesus morreu?
4. Como Jesus é plenamente qualificado para ajudar os homens?

2.1 NÃO NOS DESVIARMOS DELAS. Estimular os cristãos a permanecerem firmes na fé é um dos assuntos principais desta Carta.

Hb 2.1-18 Depois de mencionar a salvação que o povo de Deus vai receber (1.14), o autor entra em mais detalhes a respeito dessa grande salvação (2.1-4) e do grande Salvador, Jesus Cristo (2.5-18).

2.2 A MENSAGEM QUE FOI DADA POR MEIO DOS ANJOS. De acordo com At 7.38,53 e Gl 3.19, foram os anjos que deram a lei a Moisés no Monte Sinai. *"Receberam o castigo que mereciam"* (Hb 3.16-19; 10.28-31).

2.1-3 PARA QUE EM TEMPO ALGUM NOS DESVIEMOS DELAS. Uma das razões por que o escritor de Hebreus destaca a superioridade do Filho de Deus e da sua revelação sobre a dos profetas e dos anjos é enfatizar, diante dos que experimentaram a salvação em Cristo, que devem levar muito a sério o testemunho e doutrina originais de Cristo e dos apóstolos. Por isso, devemos dar muita atenção à Palavra de Deus, ao nosso relacionamento com Cristo e à direção do Espírito Santo (Gl 5.16-25).

1) A negligência, o descuido ou a falta de interesse, é desastroso. O crente que, por negligência, desconhece a verdade e os ensinos do evangelho, corre o grande perigo de ser arrastado rio abaixo além do porto seguro, onde não há mais segurança.

2) Assim como todos os endereçados de Hebreus, todo cristão é tentado a tornar-se indiferente para com a Palavra de Deus. Por causa de descuido e desinteresse, é fácil começarmos a prestar menos atenção às advertências de Deus (v. 2), cessarmos de perseverar em nossa luta contra o pecado (12.4; 1 Pe 2.11), e aos poucos desviar-nos do Filho de Deus, Jesus Cristo (1-3; 6.4-8; 10.31,32; Rm 8.13).

2.4 TESTIFICANDO... DEUS COM ELES. O Espírito Santo, através do escritor de Hebreus, reafirma que Deus confirmou e aprovou a mensagem do evangelho com sinais, prodígios, milagres e dons do Espírito Santo (At 2.22). Depois da sua ressurreição, Cristo prometeu que a confirmação milagrosa da mensagem do evangelho acompanharia todos aqueles que cressem. Deus deseja que o testemunho do crente seja mais do que simples palavras (Mc 16.20; Jo 10.25; At 2.22,43; 1 Co 2.4,5; Gl 3.5; 1 Ts 1.5; 1 Pe 1.12; At 4.30)

2.8 AINDA NÃO VEMOS QUE TODAS AS COISAS LHE ESTEJAM SUJEITAS. Neste mundo caído, dominado por Satanás, ainda não vemos todas as coisas sujeitas a Cristo. Porém, Jesus já está



coroado de glória e de honra no céu (v. 9), e isso significa que os poderes malignos do mundo estão condenados à ruína total e ao julgamento.

2.9 PROVASSE A MORTE POR TODOS. Cristo experimentou a humilhação e o sofrimento da morte em favor de todos. Sua morte não foi uma "exiação limitada" segundo afirmam alguns. Posto que Ele suportou o castigo dos pecados de toda a humanidade, sua morte é eficaz em favor de todos quantos o aceitam (Rm 3.25)

2.10 CONSAGRASSE PELAS AFLIÇÕES. Isso não significa que Cristo precisava tornar-se moral e espiritualmente perfeito. O que foi aperfeiçado foi seu papel de "príncipe" ou guia - aquele que vai adiante, para abrir caminho para os outros seguirem. Ele somente poderia ser o Salvador perfeito de todos quantos creem se primeiramente suportasse o sofrimento e a morte como ser humano. Sua obediência e morte na cruz qualificaram-no como o representante perfeito da humanidade caída e para levar sobre si a penalidade do pecado em favor deles.

2.11 O QUE SANTIFICA. O que santifica é Cristo (10.10,14,29; 13.12) e, "os que são santificados" são os que foram redimidos da culpa e do poder do pecado e separados como povo de Deus. A consagração de Cristo para morrer por nós abre o caminho para a nossa santificação.

2.14 PARTICIPAM DA CARNE E DO SANGUE. Porque aqueles que Jesus veio redimir são carne e sangue (são humanos), Ele também teve que tomar sobre si a natureza humana, pois somente como ser humano genuíno Ele teria as qualificações para redimir a raça humana do poder de Satanás. Cristo morreu para destruir o poder de Satanás sobre aqueles que creem (1 Jo 3.8) e, para livrá-los do temor da morte (Ap 1.18), ao prometer-lhes a vida eterna com Deus (Jo 17.3; Ap 21-22).

2.17 MISERICORDIOSO E FIEL SUMO SACERDOTE. Cristo se tornou um com a humanidade a fim de se tornar Sumo Sacerdote e, assim, representar os crentes diante de Deus.

1) Nesse ministério, a morte do Filho faz expiação ao remover a ira de Deus contra nós por causa dos nossos pecados (Rm 1.18; 5.10). Como resultado, agora podemos aproximar-nos de Deus com confiança.

2) O Filho, com misericórdia, compadece-se de nós quando somos tentados e nos socorre, porque Ele, como ser humano, experimentou sofrimento, provações e tentações, porém sem pecar (4.14,15; 2 Co 6.2).

2.18 ELE... PODE SOCORRER. Quando somos tentados a afastar-nos de Deus e a nos entregar ao pecado, devemos orar a Cristo, pois Ele triunfou sobre a tentação e agora como nosso sumo sacerdote, promete que nos dará força e graça suficientes para resistirmos ao pecado. Nossa responsabilidade é nos aproximarmos dEle nos tempos de aflição; sua responsabilidade é socorrer-nos em tempos de necessidade (4.16).

SINAIS DOS CRENTE

"E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão". Mc 16.17,18:

As Escrituras ensinam claramente que Cristo quer que seus seguidores operem milagres ao anunciar o evangelho do reino de Deus (Mt 10.1; Mc 3.14,15; Lc 9.2; 10.17; Jo 14.12).



1) Estes sinais (gr. *semeion*), realizados pelos discípulos verdadeiros, confirmam que a mensagem do evangelho é genuína, que o reino de Deus chegou à terra com poder e que o Senhor Jesus vivo e ressurreto está presente entre os seus, operando através deles (Jo 10.25; At 10.38).

2) Cada um destes sinais (exceto a ingestão de veneno) ocorreu na Igreja primitiva:

a) falar novas línguas (At 2.4; 10.46; 19.6; 1Co 12.30; 14)

b) expulsar demônios (At 5.15,16; 16.18; 19.11,12)

c) escapar da morte por picada de serpente (At 28.3-5)

d) curar os enfermos (At 3.1-7; 8.7; 9.33,34; 14.8-10; 28.7,8).

3) Essas manifestações espirituais devem continuar na Igreja até a volta de Jesus. Conforme vemos nas Escrituras, esses sinais não foram limitados ao período que se seguiu à ascensão de Jesus (1Co 1.7; Gl 3.5).

4) Os discípulos de Cristo não somente deviam pregar o evangelho do reino e levar a salvação àqueles que creem (Mt 28.19,20; Mc 16.15,16; Lc 24.47), mas também concretizar o reino de Deus, como fez Jesus (At 10.38) ao expulsar demônios e curar doenças e enfermidades.

5) Jesus deixa claro, em Mc 16.15-20, que esses sinais não são dons especiais para apenas alguns crentes, mas que seriam concedidos a todos os crentes que, em obediência a Cristo, dão testemunho do evangelho e reivindicam as suas promessas.

6) A ausência desses “sinais” na igreja, hoje, não significa que Cristo falhou no cumprimento de suas promessas. A falta, conforme Jesus declara, está na vida dos seus seguidores (Mt 17.17).

7) Cristo prometeu que sua autoridade, poder e presença nos acompanharão à medida que lutarmos contra o reino de Satanás (Mt 28.18-20; Lc 24.47-49). Devemos libertar o povo do cativeiro do pecado pela pregação do evangelho, mediante uma vida de retidão (Mt 6.33; Rm 6.13; 14.17) e pela operação de sinais e milagres através do poder do Espírito Santo (Mt 10.1; Mc 16.16-20; At 4.31-33).

CAPÍTULO 03

Estudo Textual: Um Descanso Permanece - Hebreus 3:1-4:16

No capítulo 1 de Hebreus, o autor afirmou que Jesus é superior tanto aos outros profetas de Deus como aos anjos. Ele continua sua afirmação no capítulo três, observando que Jesus é superior até mesmo a Moisés! Os judeus tinham muito respeito por Moisés, porque ele recebeu a velha lei de Deus e o escritor de Hebreus reconhece sua fidelidade. Mas Jesus é superior até mesmo a Moisés, do mesmo modo que o construtor de uma casa tem mais honra do que a casa que ele constrói (3:3), assim como o filho do dono da casa é superior a um servo daquela casa (3:1-6). De fato, é sua casa! O escritor fala da igreja em 3:6: “*qual casa somos nós*”; (veja também 1 Timóteo



3:15). Mais tarde, no livro, o escritor estenderá este argumento da superioridade de Jesus, observando que sua aliança é também superior àquela dada através de Moisés (capítulos 9 e 10).

Os cristãos, contudo, precisam guardar “firme até ao fim” (3:6). É este comentário do autor que introduz o segundo trecho de advertência do livro (2:1-4; 5:11-6:20; 10:19-39; 12:25-29). Ele cita o Salmo 95:7-11 para introduzir a descrença e o fracasso de Israel, o povo escolhido por Deus, no passado. O restante do capítulo 4 é dedicado a advertir seus leitores a não repetirem o erro de Israel, em se afastar de Deus (4:11).

A Israel foi prometido um descanso, mas a nação não herdou esse descanso. O autor afirma que eles não poderiam entrar no descanso prometido por causa da descrença (3:19), por causa da desobediência (3:18). Por que Israel foi forçado a peregrinar no deserto? Descrença ou desobediência? Ambos: sua descrença resultou em sua desobediência (4:6)! É possível para o povo escolhido por Deus, nestes dias, afastar-se do Deus vivo, ao endurecer-se através do engano do pecado (3:12-14).

3.1 IRMÃOS SANTOS. Hebreus provavelmente foi escrito a um grupo de cristãos judeus que, depois da sua conversão a Cristo, foram submetidos à perseguição e ao desânimo (10.32-39). Que os destinatários de Hebreus eram verdadeiros cristãos, nascidos de novo, fica claro pelas referências abaixo:

1) 2.1-4 fala do perigo de se desviarem da salvação.

2) em 3.1, os leitores são chamados “irmãos santos, participantes da vocação celestial”.

3) em 3.6, onde são chamados a casa de Deus. Para mais evidências de que os destinatários eram salvos por Cristo, 3.1219; 4.14-16; 6.9-12,18-20; 10.19-25,32-36; 12.1-29; 13.1-6,10-14,20,21.

3.1 QUE DEUS ENVIOU. Isso traduz a palavra grega “apóstolo”. É a única vez, no NT, em que Jesus é chamado de “apóstolo”, embora a afirmação de que Deus o enviou apareça em vários outros lugares (Mt 10.40; Jo 3.17; 4.34; 5.24,30,37; 6.38,44; Gl 4.4).

3.1 GRANDE SACERDOTE (Hb 2.17. Hb 3.1-6). Além de ser superior aos anjos (1.4), Jesus é também mais importante do que Moisés, o homem que Deus escolheu para ser o líder de Israel e para entregar ao povo a sua lei. Moisés foi um servo que fez seu trabalho na casa de Deus (v. 5), enquanto Jesus é o Filho que dirige a casa de Deus (v. 6). Portanto, Jesus é superior a Moisés.

3.1 APÓSTOLO E SUMO SACERDOTE. Segundo o antigo concerto, Moisés (3.2-5) era o apóstolo (isto é, pessoa enviada por Deus, com a sua autoridade) e, Arão (5.1-5), o sumo sacerdote do povo de Deus. Agora, sob o novo concerto, esses dois ofícios, apostólico e sacerdotal estão reunidos na pessoa de Jesus.

3.6 SE... CONSERVARMOS FIRME... ATÉ AO FIM. As declarações condicionais de Hebreus merecem atenção especial (2.3; 3.6,14; 10.26) porque advertem que a salvação é condicional.

1) A segurança do crente em Cristo é mantida somente enquanto ele coopera com a graça de Deus perseverando na fé e na santidade até o fim da sua existência terrena. Essa verdade foi enfatizada por Cristo (Jo 8.31; Ap 2.7,11,17,25,26; 3.5,11,12,21) e é uma admoestação repetida em Hebreus (2.1; 3.6,14; 4.16; 7.25; 10.34-38; 12.1-4,14).

2) A salvação assegurada aos membros da igreja que deliberadamente pecam nas igrejas, hoje tão em voga em alguns círculos, não tem lugar no NT (Ap 3.14-16; Lc 12.42-48; Jo 15.6).



3.7 DIZ O ESPÍRITO SANTO. Assim como os demais escritores do NT, o escritor de Hebreus considera as Escrituras, no sentido final e pleno, como as palavras do Espírito Santo e não como meras palavras dos homens (9.8; 10.15; 2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21).

CAPÍTULO 04

4.1 O DESCANSO. Esse descanso são as bênçãos eternas que Deus prometeu (Hb 9.15). É o mesmo que o Reino do Céu (Mt 4.17) ou a vida eterna (Jo 3.16) sobre a qual fala Jesus.

4.2 AQUELAS PESSOAS OUVIRAM... A BOA NOTÍCIA. Essa boa notícia é a mesma promessa de salvação que Deus fez a nós por meio de Cristo (Hb 1.1-2), a saber, o “descanso” na Terra Prometida.

4.3 Ele mesmo disse. O autor observa que o descanso prometido ainda permanece (4:1, 9)! Aqueles a quem ele foi prometido inicialmente não o herdaram; eles morreram nas peregrinações no deserto. Mesmo quando a nação de Israel entrou finalmente na terra de Canaã, o descanso ainda permaneceu (4:8); de outro modo o salmista não teria escrito muitos anos depois da conquista de Canaã como se o descanso permanecesse (Salmos 95:7; Hebreus 4:6-9). O descanso que agora permanece não é a terra física de Canaã, nem mesmo o dia do sábado; é o próprio céu!

O capítulo três começa chamando nossa atenção para os papéis de Jesus como Apóstolo e Sumo Sacerdote. O capítulo 4 termina encorajando o cristão a conservar-se firme na sua confissão e apelar para seu Sumo Sacerdote, por auxílio no tempo da necessidade (4:14-16).

Perguntas para estudar

1. Jesus é considerado digno de mais glória do que quem?
2. O descanso prometido ainda permanece?
3. É possível para um cristão não entrar no descanso prometido?
4. Existem coisas que podemos esconder de Deus?

4.9 RESTA... UM REPOUSO. O repouso prometido por Deus não é somente o terrestre, mas também o celestial (vv. 7,8; 13.14). Para os crentes, resta ainda o repouso eterno no céu (Jo 14.1-3; Hb 11.10,16). Entrar nesse repouso final significa o cessar do labor, dos sofrimentos e da perseguição, tão comuns em nossa vida nesta terra (Ap 14.13); significa participar do repouso do próprio Deus e experimentar eterna alegria, deleite, amor e comunhão com Deus e com os santos redimidos. Será um descanso sem fim (Ap 21,22).

4.11 PROCUREMOS, POIS, ENTRAR. À luz da bênção gloriosa do estado eterno e da terrível sorte dos que não entrarão ali, o crente deve esforçar-se diligentemente para alcançar o lar celestial do povo de Deus. Isso requer nosso esforço em direção ao alvo celestial (Fp 3.13,14), apego à Palavra (v. 12) e dedicação à oração (v. 16).

4.12 A PALAVRA DE DEUS. A palavra de Deus mostra quem vai entrar no repouso de Deus. Ela é uma espada cortante que penetra no mais íntimo do nosso ser para discernir se nossos pensamentos e motivos são espirituais ou não (vv. 12,13). Tem dois gumes e corta, ou para nos salvar ou para nos condenar à morte eterna (Jo 6.63; 12.48). Por isso, nossa atitude para com a palavra de Deus deve ser achegar-nos a Jesus como nosso Sumo Sacerdote (vv. 14-16).



4.14 TEMOS UM GRANDE SUMO SACERDOTE. Ver 8.1, sobre o ministério de Jesus como Sumo Sacerdote.

4.16 CHEGUEMOS POIS COM CONFIANÇA AO TRONO DA GRAÇA. Porque Cristo se compadece das nossas fraquezas (v. 15), podemos chegar com confiança ao trono celestial, sabendo que nossas orações e petições são bem acolhidas e ouvidas por nosso Pai Celestial (10.19,20). É chamado o "trono da graça", porque dele fluem o amor, o socorro, a misericórdia, o perdão, o poder divino, o batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais, o fruto do Espírito Santo e tudo de que precisamos em todas as circunstâncias. Uma das maiores bênçãos da salvação é que Cristo, agora, é nosso Sumo Sacerdote, conduzindo-nos até a sua presença pessoal, de modo que sempre podemos buscar a ajuda de que carecemos.

A PALAVRA DE DEUS

"Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, mas regam a terra e a fazem produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia; antes, fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a enviei." Is 55.10,11

A NATUREZA DA PALAVRA DE DEUS. A expressão "a palavra de Deus" (também "a palavra do Senhor", ou simplesmente "a Palavra") possui várias aplicações na Bíblia.

1) Obviamente, refere-se, em primeiro lugar, a tudo quanto Deus tem falado diretamente. Quando Deus falou a Adão e Eva (Gn 2.16,17; Gn 3.9-19), o que Ele lhes disse era, de fato, a palavra de Deus. De modo semelhante, Ele se dirigiu a Abraão (Gn 12.1-3), a Isaque (Gn 26.1-5), a Jacó (Gn 28.13-15) e a Moisés (Ex 3-4). Deus também falou à totalidade da nação de Israel, no monte Sinai, ao proclamar-lhe os dez mandamentos (Ex 20.1-19). As palavras que os israelitas ouviram eram palavras de Deus.

2) Além da fala direta, Deus ainda falou através dos profetas. Quando eles se dirigiam ao povo de Deus, assim introduziam as suas declarações: "Assim diz o Senhor", ou "Veio a mim a palavra do Senhor". Quando, portanto, os israelitas ouviam as palavras do profeta, ouviam, na verdade, a palavra de Deus.

3) A mesma coisa pode ser dita a respeito do que os apóstolos falaram no NT. Embora não introduzissem suas palavras com a expressão "assim diz o Senhor", o que falavam e proclamavam era, verdadeiramente, a palavra de Deus.

O sermão de Paulo ao povo de Antioquia da Pisídia (At 13.14-41), por exemplo, criou tamanha comoção que, "no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus" (At 13.44). O próprio Paulo assegurou aos tessalonicenses que, "havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus" (1Ts 2.13; At 8.25).

4) Além disso, tudo quanto Jesus falava era palavra de Deus, pois Ele, antes de tudo, é Deus (Jo 1.1,18; 10.30; 1Jo 5.20). Lucas, escritor do terceiro evangelho, declara explicitamente que, quando as pessoas ouviam a Jesus, ouviam na verdade a palavra de Deus (Lc 5.1). Note como, em contraste com os profetas do AT, Jesus introduzia seus ditos: Eu "vos digo..." (Mt 5.18,20,22,23,32,39; 11.22,24; Mc 9.1; 10.15; Lc 10.12; 12.4; Jo 5.19; 6.26; 8.34). Noutras palavras, Ele tinha dentro de si mesmo a autoridade divina para falar a palavra de Deus. É tão importante ouvir as palavras de Jesus, pois "quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará



em condenação" (Jo 5.24). Jesus, na realidade, está tão estreitamente identificado com a palavra de Deus que é *chamado "o Verbo" ou "a Palavra"* (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13-16; Jo 1.1).

5) A palavra de Deus é o registro do que os profetas, apóstolos e Jesus falaram, isto é, a própria Bíblia. No NT, quer um escritor usasse a expressão "*Moisés disse*", "*Davi disse*", "*o Espírito Santo diz*", ou "*Deus diz*", nenhuma diferença fazia (At 3.22; Rm 10.5,19; Hb 3.7; 4.7); pois o que estava escrito na Bíblia era, sem dúvida alguma, a palavra de Deus.

6) Mesmo não estando no mesmo nível das Escrituras, a proclamação feita pelos autênticos pregadores ou profetas, na igreja de hoje, pode ser chamada a palavra de Deus.

a) Pedro indicou que, a palavra que seus leitores recebiam mediante a pregação, era palavra de Deus (1Pe 1.25), e Paulo mandou Timóteo "*pregar a Palavra*" (2Tm 4.2). A pregação, porém, não pode existir independentemente da Palavra de Deus. Na realidade, o teste para se determinar se a palavra de Deus está sendo proclamada num sermão, ou mensagem, é se ela corresponde exatamente Palavra de Deus escrita.

b) O que se diz de uma pessoa que recebe uma profecia, ou revelação, no âmbito do culto de adoração (1Co 14.26-32)? Ela está recebendo, ou não, a palavra de Deus? A resposta é um "sim". Paulo assevera que semelhantes mensagens estão sujeitas à avaliação por outros profetas. Todavia, há a possibilidade de tais profecias não serem palavra de Deus (1Co 14.29). É somente em sentido secundário que os profetas, hoje, falam sob a inspiração do Espírito Santo; sua revelação jamais deve ser elevada à categoria da possibilidade de erro.

O PODER DA PALAVRA DE DEUS. A palavra de Deus permanece firme nos céus (Sl 119.89; Is 40.8; 1Pe 1.24,25). Não é, porém, estática; é dinâmica e poderosa (Hb 4.12), pois realiza grandes coisas (55.11).

1) A PALAVRA DE DEUS É CRIADORA. Segundo a narrativa da criação, as coisas vieram a existir à medida que Deus falava a sua palavra (Gn 1.3,4,6,7,9). Tal fato é resumido pelo salmista: "*Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus*" (Sl 33.6, 9); e pelo escritor aos Hebreus: "*Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados*" (Hb 11.3; 2Pe 3.5). De conformidade com João, a Palavra que Deus usou para criar todas as coisas foi Jesus Cristo.

2) A PALAVRA DE DEUS SUSTENTA A CRIAÇÃO. Nas palavras do escritor aos Hebreus, Deus sustenta "*todas as coisas pela palavra do seu poder*" (Hb 1.3; Sl 147.15-18). Assim como a palavra criadora, essa palavra relaciona-se com Jesus Cristo segundo Paulo insiste: "*todas as coisas subsistem por Ele*" (Cl 1.17).

3) A PALAVRA DE DEUS TEM O PODER DE OUTORGAR VIDA NOVA. Pedro testifica que nascemos de novo "*pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre*" (1Pe 1.23; 2Tm 3.15; Tg 1.18). É por essa razão que o próprio Jesus é chamado o Verbo da vida (1Jo 1.1).

4) A PALAVRA DE DEUS TAMBÉM LIBERA GRAÇA, PODER E REVELAÇÃO, por meio dos quais os crentes crescem na fé e na sua dedicação a Jesus Cristo. Isaías emprega um expressivo quadro verbal: assim como a água proveniente do céu faz as coisas crescerem, assim a palavra que sai da boca de Deus nos leva a crescer espiritualmente (55.10,11). Pedro ecoa o mesmo pensamento ao escrever que, ao bebermos do leite puro da palavra de Deus, crescemos em nossa salvação (1Pe 2.2).



5) A PALAVRA DE DEUS É A ARMA QUE O SENHOR NOS PROVEU PARA LUTARMOS CONTRA SATANÁS (Ef 6.17; Ap 19.13-15). Jesus derrotou Satanás, pois fazia uso da Palavra de Deus: “*Está escrito*” (isto é, “consta como a Palavra infalível de Deus”; Lc 4.1-11; Mt 4.1-11).

6) FINALMENTE, A PALAVRA DE DEUS TEM O PODER DE NOS JULGAR. Os profetas do AT e os apóstolos do NT frequentemente pronunciavam palavras de juízo recebidas do Senhor. O próprio Jesus assegurou que a sua Palavra condenará os que o rejeitarem (Jo 12.48). E o autor aos Hebreus escreve que a poderosa palavra de Deus julga “*os pensamentos e intenções do coração*” (4.12). Noutras palavras: os que optam por desconsiderar a palavra de Deus, acabarão por experimentá-la como palavra de condenação.

NOSSA ATITUDE ANTE A PALAVRA DE DEUS. A Bíblia descreve, em linguagem clara e inconfundível, como devemos proceder quanto a palavra de Deus em suas diferentes expressões. Devemos ansiar por ouvi-la (1.10; Jr 7.1,2; At 17.11) e procurar compreendê-la (Mt 13.23). Devemos louvar, no Senhor, a palavra de Deus (Sl 56.4,10), amá-la (Sl 119.47,113), e dela fazer a nossa alegria e deleite (Sl 119.16,47). Devemos aceitar o que apalavra de Deus diz (Mc 4.20; At 2.41; 1Ts 2.13), ocultá-la nas profundezas de nosso coração (Sl 119.11), confiar nela (Sl 119.42), e colocar a nossa esperança em suas promessas (Sl 119.74,81,114; 130.5). Acima de tudo, devemos obedecer ao que ela ordena (Sl 119.17,67; Tg 1.22-24) e viver de acordo com seus ditames (Sl 119.9).

Deus conclama os que ministram a palavra (1Tm 5.17) a manejá-la corretamente (2Tm 2.15), e a pregará fielmente (2Tm 4.2). Todos os crentes são convocados a proclamarem a palavra de Deus por onde quer que vá (At 8.4).

Capítulo 5

Estudo Textual: Hebreus 5:1 - 6:20

Diligente até o Fim

Jó clamou em seu desespero: “*Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos?*” (Jó 9:33). Jó percebeu que não era capaz de falar diretamente com Deus, por causa de sua majestade, e sentiu agudamente a falta de um mediador ou árbitro. O autor de Hebreus, contudo, observa que temos um mediador entre nós e Deus. Ele é nosso Sumo Sacerdote Jesus Cristo.

Jesus foi indicado pelo Pai para ser sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (veja Gênesis 14); ele não se deu essa honra (Hebreus 5:5-10). Há um grande contraste, contudo, entre os sacerdotes levíticos e Jesus Cristo. Todo sumo sacerdote levítico poderia verdadeiramente simpatizar com a situação difícil dos homens pecadores, porque todo sacerdote era, ele mesmo, culpado de pecado (Hebreus 5:1-3). Assim sendo, ele tinha que primeiro oferecer sacrifício por seus próprios pecados e então podia fazer intercessão pelo restante do povo (veja Levítico 16). Jesus foi tentado, como nós somos, mas sem pecar. Ele foi obediente ao Pai e assim se tornou o autor da salvação eterna de todos aqueles que o obedecem.

Quando o autor se prepara para continuar sua discussão do sacerdócio de Melquisedeque mais adiante, ele percebe que seus leitores não estão preparados para entender tais assuntos. Eles têm sido cristãos por tempo suficiente para que sejam espiritualmente maduros, isto é, sejam capazes de ensinar outros, mas, em vez disso, deixaram de crescer em conhecimento e experiência (5:11-14). Assim, eles são capazes de entender somente as coisas simples do evangelho, o “leite” da palavra.



Todos os cristãos começam suas vidas espirituais como “bebês” em Cristo, mas precisam crescer para amadurecer (6:1). Permanecer uma criança espiritual pode resultar em afastar-se de Cristo (6:4-6). O cristão que rejeita Jesus está na realidade agindo justamente como aqueles que realmente crucificaram Jesus! Ele crucifica Jesus de novo e o envergonha abertamente. Se um cristão rejeita Cristo, que mais o evangelho oferece para levá-lo ao arrependimento?

O Escritor de Hebreus, contudo, estimula seus leitores, observando que ele não pensa que eles estejam em tal estado. Mas espera que eles continuem nos trabalhos que tinham iniciado (6:9-12). Mas que garantia têm os cristãos de que, depois que tiverem trabalhado diligentemente e suportado as tribulações pacientemente serão, de fato, salvos da eterna destruição? O autor cita o exemplo de Abraão, a quem Deus fez uma promessa (6:13-17). Quando Abraão pacientemente suportou, obteve o cumprimento da promessa, porque a palavra de Deus é imutável. O exemplo de Abraão é um forte encorajamento para aqueles que estão agora confiantes em que Deus lhes dará a vida eterna, como Ele prometeu àqueles que o obedecem (Hebreus 5:9).

Perguntas para estudar

1. Estavam os cristãos hebreus crescendo espiritualmente?
2. É possível a um cristão afastar-se de Cristo?
3. Quem é um exemplo do fato que Deus mantém suas promessas?

5.1 Sacrifícios pelos pecados (Hb 7.27; Lv 9.7).

5.1 TODO O SUMO SACERDOTE. Duas qualificações são necessárias para um verdadeiro sacerdócio:

1) O sacerdote deve ser compassivo, manso e paciente com aqueles que se desviam por ignorância, por pecado involuntário e por fraqueza (v. 2; 4.15; Lv 4; Nm 15.27-29).

2) Deve ser designado por Deus (vv. 4-6). Cristo satisfaz ambos os requisitos (Lv 8.2).

5.4 como aconteceu com Arão (Ex 28.1-3; Lv 8.1-9).

5.5 Deus... lhe disse (Sl 2.7; Hb 1.5)

5.6 ele também disse (Sl 110.4). Este texto volta com maiores detalhes no capítulo 7. Na ordem do sacerdócio de Melquisedeque ou “como Melquisedeque”; ou “na linha de sucessão de Melquisedeque”. Melquisedeque (Hb 7.1-19; Gn 14.17-20).

A ORDEM DE MELQUISEDEQUE. Melquisedeque é um personagem misterioso do AT, que aparece em Gn 14 como sacerdote de Deus em Salém (que é Jerusalém, Gn 14.18; Js 18.28; Sl 110.1-4; Hb 7.1), antes dos tempos do sacerdócio levítico. O sacerdócio de Cristo é do mesmo tipo que o de Melquisedeque (7.1-3).

5.7 GRANDE CLAMOR E LÁGRIMAS. Este trecho provavelmente se refira à intensidade da oração de Jesus no jardim do Getsêmani. A oração de Jesus foi “ouvida”, não no sentido de Deus ter removido tudo o que levaria à sua morte, mas no sentido de Ele receber ajuda de Deus para suportar o sofrimento que lhe aguardava. Haverá tempos em que, também, enfrentaremos sofrimentos, parecendo que nossas ferventes orações não têm resposta. Em tais ocasiões devemos



lembra que Jesus foi provado da mesma forma, e que Deus nos dará graça suficiente para suportarmos aquilo que Ele permite que aconteça em nossa vida (Mt 26.39).

5.8 APRENDEU A OBEDIÊNCIA. Cristo aprendeu pela experiência o sofrimento e o preço que com frequência se paga pela obediência a Deus num mundo corrupto (12.2; Is 50.4-6; Fp 2.8). Ele se tornou o Salvador e Sumo Sacerdote perfeito, porque seu sofrimento e morte na cruz ocorreram sem pecado. Por isso, Ele estava qualificado em todos os sentidos (vv. 1-6), para nos prover a eterna salvação (5.9; 2.10).

5.9 SALVAÇÃO PARA TODOS OS QUE LHE OBEDECEM. A salvação eterna, obtida mediante o sofrimento de Jesus (v. 8), pertence somente àqueles que lhe são obedientes pela fé. A fé que salva é também a fé que obedece (Rm 1.5; 16.26; Jo 8.31; Tg 2.17-26).

5.12 LEITE E NÃO DE SÓLIDO MANTIMENTO.

5.14 DISCERNIR TANTO O BEM COMO O MAL. Quem é fraco e imaturo na fé não tem sensibilidade nem discernimento espiritual para perceber o que é bom e o que é mau nesta vida e aquilo que honra a Deus e o que o desonra. O crente espiritualmente maduro, por outro lado, é aquele que tem seus sentidos espirituais treinados para distinguir claramente entre o bem e o mal mediante a prática constante da justiça e da obediência a Deus e à sua Palavra. Este crente aprendeu a amar a justiça e a odiar a iniquidade (1.9), tendo uma mente renovada segundo os princípios da justiça (Rm 12.1,2). E, por ser capacitado pelo Espírito Santo para ver as coisas do ponto de vista de Deus, está apto a receber o alimento sólido da sua Palavra e crescer segundo a estatura completa de Cristo (Ef 4.13).

Capítulo 6

A APOSTASIA PESSOAL

“Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo”. Hb 3.12

A apostasia (gr. *apostasia*) aparece duas vezes no NT como substantivo (At 21.21; 2Ts 2.3) e, aqui em Hb 3.12, como verbo (gr. *aphistemi*, traduzido “apartar”). O termo grego é definido como decaída, deserção, rebelião, abandono, retirada ou afastar-se daquilo a que antes se estava ligado.

1) Apostatar significa cortar o relacionamento salvífico com Cristo, ou apartar-se da união vital com Ele e da verdadeira fé nEle. Sendo assim, a apostasia individual é possível somente para quem já experimentou a salvação, a regeneração e a renovação pelo Espírito Santo (Lc 8.13; Hb 6.4,5); não é simples negação das doutrinas do NT pelos inconversos dentro da igreja visível. A apostasia pode envolver dois aspectos distintos, embora relacionados entre si:

- a)** a apostasia teológica, isto é, a rejeição de todos os ensinos originais de Cristo e dos apóstolos ou de alguns deles (1Tm 4.1; 2Tm 4.3)
- b)** a apostasia moral, isto é, aquele que era crente deixa de permanecer em Cristo e volta a ser escravo do pecado e da imoralidade (Is 29.13; Mt 23.25-28; Rm 6.15-23; 8.6-13).



2) A Bíblia adverte fortemente quanto à possibilidade da apostasia, visando tanto nos alertar do perigo fatal de abandonar nossa união com Cristo, como para nos motivar a perseverar na fé e na obediência. O propósito divino desses trechos bíblicos de advertência não deve ser enfraquecido pela ideia que afirma que as advertências sobre a apostasia são reais, mas a sua possibilidade, não. Antes, devemos entender que essas advertências são como uma realidade possível durante o nosso viver aqui, e devemos considerá-las um alerta, se quisermos alcançar a salvação final. Alguns dos muitos trechos do NT que contêm advertências são: Mt 24.4,5,11-13; Jo 15.1-6; At 11.21-23; 14.21,22; 1Co 15.1,2; Cl 1.21-23; 1Tm 4.1,16; 6.10-12; 2Tm 4.2-5; Hb 2.1-3; 3.6-8,12-14; 6.4-6; Tg 5.19,20; 2Pe 1.8-11; 1Jo 2.23-25.

3) Exemplos da apostasia propriamente dita acham-se em Ex 32; 2Rs 17.7-23; Sl 106; Is 1.2-4; Jr 2.1-9; At 1.25; Gl 5.4; 1Tm 1.18-20; 2Pe 2.1,15,20-22; Jd 4,11-13, para comentários sobre a apostasia que, segundo a Bíblia, ocorrerá dentro da igreja professa nos últimos dias desta era.

4) Os passos que levam à apostasia são:

a) O crente, por sua falta de fé, deixa de levar plenamente a sério as verdades, exortações, advertências, promessas e ensinos da Palavra de Deus (Mc 1.15; Lc 8.13; Jo 5.44,47; 8.46).

b) Quando as realidades do mundo chegam a ser maiores do que as do reino celestial de Deus, o crente deixa paulatinamente de aproximar-se de Deus através de Cristo (4.16; 7.19,25; 11.6).

c) Por causa da aparência enganosa do pecado, a pessoa se torna cada vez mais tolerante do pecado na sua própria vida (1Co 6.9,10; Ef 5.5; Hb 3.13). Já não ama a retidão nem odeia a iniquidade (1.9).

d) Por causa da dureza do seu coração (3.8,13) e da sua rejeição dos caminhos de Deus (v. 10), não faz caso da repetida voz e repreensão do Espírito Santo (Ef 4.30; 1Ts 5.19-22; Hb 3.7-11).

e) O Espírito Santo se entristece (Ef 4.30; Hb 3.7,8); seu fogo se extingue (1Ts 5.19) e seu templo é profanado (1Co 3.16). Finalmente, Ele afasta-se daquele que antes era crente (Jz 16.20; Sl 51.11; Rm 8.13; 1Co 3.16,17; Hb 3.14).

5) Se a apostasia continua sem refreio, o indivíduo pode, finalmente, chegar ao ponto em que não seja possível um recomeço.

a) Isto é, a pessoa que no passado teve uma experiência de salvação com Cristo, mas que deliberada e continuamente endurece seu coração para não atender à voz do Espírito Santo (3.7-19), continua a pecar intencionalmente (10.26) e se recusa a arrepender-se e voltar para Deus, pode chegar a um ponto sem retorno em que não há mais possibilidade de arrependimento e de salvação (6.4-6; Dt 29.18-21; 1Sm 2.25; Pv 29.1). Há um limite para a paciência de Deus (1Sm 3.11-14; Mt 12.31,32; 2 Ts 2.9-11; Hb 10.26-29,31; 1 Jo 5.16).

b) Esse ponto de onde não há retorno, não se pode definir de antemão. Logo, a única salvaguarda contra o perigo de apostasia extrema está na admoestação do Espírito: *"Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações"* (3.7,8,15; 4.7).

6) É próprio salientar que, embora a apostasia seja um perigo para todos os que vão se desviando da fé (2.1-3) e que se apartam de Deus (6.6), ela não se consuma sem o constante e deliberado pecar contra a voz do Espírito Santo (Mt 12.31).



MT. 12.31 BLASFÉMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO. A blasfêmia contra o Espírito Santo é a rejeição contínua e deliberada do testemunho que o Espírito Santo dá de Cristo, da sua Palavra e da sua obra de convencer o homem, do pecado (Jo 16.7-11). Aquele que rejeita a voz do Espírito e se opõe a ela, afasta de si mesmo o único recurso que pode levá-lo ao perdão o Espírito Santo. Os passos que levam à blasfêmia contra o Espírito:

a) Entristecer o Espírito. Se isto for contínuo, levará à resistência ao Espírito (Ef 4.30);

b) Resistir ao Espírito leva ao apagamento do Espírito dentro da pessoa (1 Ts 5.19);

c) Apagar o Espírito leva ao endurecimento do coração (Hb 3.8-13);

d) o endurecimento do coração leva a uma mente réproba e depravada, a ponto de chamar o bem de mal e o mal de bem (Rm 1.28; Is 5.20). Quando o endurecimento do coração atinge certa intensidade que somente Deus conhece, o Espírito já não contenderá para levar aquela pessoa ao arrependimento (Gn 6.3; Dt 29.18-21; 1Sm 2.25; Pv 29.1). Quanto àqueles que se preocupam pensando que já cometem o pecado imperdoável, a sua disposição de se arrependerem e quererem o perdão, é evidência de que não cometem o tal pecado imperdoável.

7) Aqueles que, por terem um coração incrédulo, se afastam de Deus (3.12), podem pensar que ainda são verdadeiros crentes, mas sua indiferença para com as exigências de Cristo e do Espírito Santo e para com as advertências das Escrituras indicam o contrário. Uma vez que alguém pode enganar-se a si mesmo, Paulo exorta todos aqueles que afirmam ser salvos: "*Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos*" (2Co 13.5).

8) Quem, sinceramente, preocupa-se com sua condição espiritual e sente no seu coração o desejo de voltar-se arrependido para Deus, tem nisso uma clara evidência de que não cometeu a apostasia imperdoável. As Escrituras afirmam com clareza que Deus não quer que ninguém pereça (2 Pe 3.9; Is 1.18,19; 55.6,7) e declaram que Deus receberá todos que já desfrutaram da graça salvadora, se arrependidos, voltarem a Ele (Gl 5.4; Gl 4.19; 1Co 5.1-5; 2 Co 2.5-11; Lc 15.11-24; Rm 11.20-23; Tg 5.19,20; Ap 3.14-20; note o exemplo de Pedro, Mt 16.16; 26.74,75; Jo 21.15-22).

6.1 ENSINAMENTO DE ADULTOS. O autor está pensando no ensinamento a respeito do Grande Sacerdote Jesus (caps. 7—8).

6.2 DOS BATISMOS OU “DAS CERIMÔNIAS DE PURIFICAÇÃO”. Nesse caso, o autor estaria falando sobre as cerimônias de purificação dos judeus (Mc 7.1-4). Cerimônia de pôr as mãos sobre os cristãos. Provavelmente, a cerimônia em que uma pessoa era separada para o serviço cristão (At 6.6 ; 1Tm 5.22 ; 2Tm 1.6); ou, então, pôr as mãos sobre a pessoa para que ela receba o Espírito Santo (At 8.17; 19.6).

6.4-6 É IMPOSSÍVEL... QUE SEJAM OUTRA VEZ RENOVADOS. Nestes três versículos o escritor de Hebreus trata das consequências da apostasia (decair da fé).

6.6 RECAÍRAM. Esta palavra (gr. *parapesontas*, de *parapipto*) é um particípio aoristo e deve ser traduzido no tempo passado literalmente: "tendo decaído". O escritor de Hebreus apresenta a apostasia como algo realmente possível.

6.9-20 DE VÓS... ESPERAMOS COISAS MELHORES. O escritor tem confiança de que seus leitores não incorreram na apostasia descrita nos versículos 4-8. Assegura-lhes que, para quem permanece



leal a Cristo, com fé e amor (vv. 10-12), sua esperança da salvação eterna é certa e imutável, porque Deus não pode mentir e suas promessas permanecem sempre firmes (vv. 13-20).

6.18 É IMPOSSÍVEL QUE DEUS MINTA. Porque é "impossível que Deus minta", sua Palavra e promessas a Abraão são infalíveis (v. 14). Essa fidelidade de Deus aplica-se não somente à sua palavra falada a Abraão, mas também à sua palavra na totalidade das Escrituras. Isto é, por serem as Escrituras a inspirada Palavra de Deus, são sumamente verdadeiras e fidedignas. A veracidade da palavra de Deus é inerente nas palavras e frases das Escrituras. Seus escritores foram guiados pelo Espírito Santo para escrever os manuscritos originais de tal maneira que a transmissão da mensagem de Deus à humanidade foi comunicada sem erro.

A INSPIRAÇÃO E A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

"Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra." 2Tm 3.16,17

O termo "Escritura", conforme se encontra em 2Tm 3.16, refere-se principalmente aos escritos do AT (3.15). Há evidências, porém, de que escritos do NT já eram considerados Escritura divinamente inspirada por volta do período em que Paulo escreveu 2Tm (1Tm 5.18, cita Lc 10.7; 2Pe 3.15,16).

Para nós, hoje, a Escritura refere-se aos escritos divinamente inspirados tanto do AT quanto do NT. Mas a Bíblia são (os escritos) a mensagem original de Deus para a humanidade, e o único testemunho infalível da graça salvífica de Deus para todas as pessoas.

1) Paulo afirma que toda a Escritura é inspirada por Deus. A palavra "inspirada" (gr. *theopneustos*) provém de duas palavras gregas: *Theos*, que significa "Deus", e *pneuo*, que significa "respirar". Sendo assim, "inspirado" significa "respirado por Deus". Toda a Escritura, portanto, é respirada por Deus; é a própria vida e Palavra de Deus.

A Bíblia, nas palavras dos seus manuscritos originais, não contém erro; sendo absolutamente verdadeira, fidedigna e infalível. Esta verdade permanece inabalável, não somente quando a Bíblia trata da salvação, dos valores éticos e da moral, como também está isenta de erro em tudo aquilo que ela trata, inclusive a história e o cosmos (2Pe 1.20,21; note também a atitude do salmista para com as Escrituras no Sl 119).

2) Os escritores do AT estavam conscientes de que o que disseram ao povo e o que escreveram é a Palavra de Deus (Dt 18.18; 2Sm 23.2). Repetidamente os profetas iniciavam suas mensagens com a expressão: "Assim diz o Senhor".

3) Jesus também ensinou que a Escritura é a inspirada Palavra de Deus até em seus mínimos detalhes (Mt 5.18). Afirmou, também, que tudo quanto Ele disse foi recebido da parte do Pai e é verdadeiro (Jo 5.19, 30,31; 7.16; 8.26). Ele falou da revelação divina ainda futura (isto é, a verdade revelada do restante do NT), da parte do Espírito Santo através dos apóstolos (Jo 16.13; 14.16,17; 15.26,27).

4) Negar a inspiração plenária das Sagradas Escrituras, portanto, é desprezar o testemunho fundamental de Jesus Cristo (Mt 5.18; 15.3-6; Lc 16.17; 24.25-27, 44,45; Jo 10.35), do Espírito Santo (Jo 15.26; 16.13; 1Co 2.12-13; 1Tm 4.1) e dos apóstolos (3.16; 2Pe 1.20,21). Além disso, limitar ou descartar a sua inerrância é depreciar sua autoridade divina.



5) Na sua ação de inspirar os escritores pelo seu Espírito, Deus, sem violar a personalidade deles, agiu neles de tal maneira que escreveram sem erro (3.16; 2Pe 1.20,21; 1Co 2.12,13).

6) A inspirada Palavra de Deus é a expressão da sabedoria e do caráter de Deus e pode, portanto, transmitir sabedoria e vida espiritual através da fé em Cristo (Mt 4.4; Jo 6.63; 2Tm 3.15; 1Pe 2.2).

7) As Sagradas Escrituras são o testemunho infalível e verdadeiro de Deus, na sua atividade salvífica a favor da humanidade, em Cristo Jesus. Por isso, as Escrituras são incomparáveis, eternamente completas e incomparavelmente obrigatórias. Nenhuma palavra de homens ou declarações de instituições religiosas igualam-se à autoridade delas.

8) Qualquer doutrina, comentário, interpretação, explicação e tradição deve ser julgado e validado pelas palavras e mensagem das Sagradas Escrituras (Dt 13.3).

9) As Sagradas Escrituras como a Palavra de Deus devem ser recebidas, cridas e obedecidas como a autoridade suprema em todas as coisas pertencentes à vida e à piedade (Mt 5.17-19; Jo 14.21; 15.10; 2Tm 3.15,16; Ex 20.3).

Na igreja, a Bíblia deve ser a autoridade final em todas as questões de ensino, de repreensão, de correção, de doutrina e de instrução na justiça (2Tm 3.16,17).

Ninguém pode submeter-se ao senhorio de Cristo sem estar submisso a Deus e à sua Palavra como a autoridade máxima (Jo 8.31,32, 37).

10) Só podemos entender devidamente a Bíblia se estivermos em harmonia com o Espírito Santo. É Ele quem abre as nossas mentes para compreendermos o seu sentido, e quem dá testemunho em nosso interior da sua autoridade (1Co 2.12).

11) Devemos nos firmar na inspirada Palavra de Deus para vencer o poder do pecado, de Satanás e do mundo em nossas vidas (Mt 4.4; Ef 6.12,17; Tg 1.21).

12) Todos na igreja devem amar, estimar e proteger as Escrituras como um tesouro, tendo-as como a única verdade de Deus para um mundo perdido e moribundo. Devemos manter puras as suas doutrinas, observando fielmente os seus ensinos, proclamando a sua mensagem salvífica, confiando-as a homens fiéis, e defendendo-as contra todos que procuram destruir ou distorcer suas verdades eternas (Fp 1.16; 2Tm 1.13,14; 2.2; Jd 3).

Ninguém tem autoridade de acrescentar ou subtrair qualquer coisa da Escritura (Dt 4.2; Ap 22.19).

13) Um fato final a ser observado aqui. A Bíblia é infalível na sua inspiração somente no texto original dos livros que lhe são inerentes. Logo, sempre que acharmos nas Escrituras alguma coisa que parece errada, ao invés de pressupor que o escritor daquele texto bíblico cometeu um engano, devemos ter em mente três possibilidades no tocante a um tal suposto problema:

- a)** as cópias existentes do manuscrito bíblico original podem conter inexactidão;
- b)** as traduções atualmente existentes do texto bíblico grego ou hebraico podem conter falhas.
- c)** a nossa própria compreensão do texto bíblico pode ser incompleta ou incorreta.



Capítulo 7

Estudo Textual: Hebreus 7:1-28

Jesus: Um Sumo Sacerdote Superior

O autor de Hebreus identificou Jesus como Sumo Sacerdote de acordo com a ordem de Melquisedeque, tanto no capítulo 5 como no 6. Mas quem é Melquisedeque? Por que Jesus é um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, em vez da ordem levítica?

No capítulo 7, o autor responde a ambas as questões. Melquisedeque aparece na história bíblica durante apenas um curto período (veja Gênesis 14:18-20). Porque a Bíblia não registra seu nascimento, morte nem mesmo sua genealogia, Melquisedeque parece ser de natureza eterna, como o Filho de Deus. Ele é identificado como sendo tanto o rei de Salém como sacerdote do Deus Altíssimo.

O autor deseja demonstrar a superioridade do sacerdócio de Jesus sobre o de Arão e, assim, ele afirma a superioridade de Melquisedeque sobre Levi. Ele o faz, em parte, observando que Melquisedeque abençoou Abraão (o menor é abençoado pelo maior) e que Abraão, que tinha as promessas, pagou dízimo a Melquisedeque. Num sentido figurado, Levi, descendente de Abraão, também pagou dízimo a Melquisedeque, através de Abraão.

Mas por que uma outra ordem de sacerdócio, segundo Melquisedeque era necessária? A resposta é que o sacerdócio levítico não era adequado (7:11,27). Nem a Jesus era permitido ser sacerdote segundo a ordem de Levi. Os sacerdotes vinham da tribo de Levi, mas Jesus era da tribo de Judá (7:13-14). A lei de Moisés nada dizia sobre homens de Judá se tornarem sacerdotes e, assim, isso era proibido. O homem não deve ir além do que Deus autorizou.

Para que Jesus fosse um sacerdote, o sacerdócio tinha que ser mudado. Desde que o sacerdócio e a lei de Moisés estavam intimamente ligados, se o sacerdócio for mudado, então a lei também precisa ser mudada (7:12,18-19). Aqueles que querem viver sob a lei de Moisés, hoje em dia, desligam-se do sacerdócio de Jesus porque ele não pode ser sacerdote sob essa lei! O sacerdócio de Jesus é, então, uma garantia de que uma lei (ou aliança) melhor foi estabelecida (7:20-22).

Por que alguém haveria de querer voltar à Velha Lei e ao sacerdócio levítico? Jesus é um Sumo Sacerdote superior. Ele foi feito sacerdote pelo poder de uma vida infinidável, e não através de um mandamento carnal (a Lei de Moisés). Diferente dos sacerdotes levíticos, que eram incapazes de continuar a servir por causa da morte, Jesus vive sempre para fazer intercessão por nós. Jesus foi feito sacerdote através do imutável juramento de Deus.

Os sacerdotes levíticos eram fracos porque pecavam assim como os homens pelos quais eles faziam intercessão. Jesus, contudo, é santo, imaculado e separado dos pecadores. Ele não tem que fazer oferenda por si mesmo, como os sacerdotes levíticos tinham que fazer. De muitas maneiras, Jesus é verdadeiramente o Sumo Sacerdote superior!

Perguntas para estudar

1. Como Melquisedeque é semelhante a Jesus?
2. Por que Jesus é incapaz de ser um sacerdote sob a lei de Moisés?
3. O silêncio de Deus autoriza alguma coisa?
4. O sacerdócio de Jesus é garantia do quê?

7.1 MELQUISEDEQUE. Melquisedeque, contemporâneo de Abraão, foi rei de Salém e sacerdote de Deus (Gn 14.18). Abraão lhe pagou dízimos e foi por ele abençoado (vv. 2-7). Aqui, a Bíblia o tem como uma prefiguração de Jesus Cristo, que é tanto sacerdote como rei (v. 3). O sacerdócio de



Cristo é "segundo a ordem de Melquisedeque" (6.20), o que significa que Cristo é anterior a Abraão, a Levi e aos sacerdotes levíticos e maior que todos eles.

7.3 SEM PAI, SEM MÃE. Isso não significa que Melquisedeque, literalmente, não tivesse pais nem parentes, nem que era anjo. Significa tão-somente que as Escrituras não registram a sua genealogia e que nada diz a respeito do seu começo e fim. Por isso, serve como tipo do Cristo eterno, cujo sacerdócio nunca terminará (vv. 24,25).

7.11 A PERFEIÇÃO. Por ser o sacerdócio levítico imperfeito (10.4) e exercido por homens pecadores (vv. 27,28), foi substituído pelo sacerdote perfeito, o Filho de Deus. Cristo é um sacerdote perfeito porque é totalmente justo.

Precisou morrer uma só vez como sacrifício pelos nossos pecados. Permanece como nosso sacerdote eterno diante de Deus no céu, e vive para sempre (vv. 24-28). Por isso, Ele pode salvar completamente e para sempre todos aqueles que por Ele se chegam a Deus (v. 25).

7.19 A LEI NENHUMA COISA APERFEIÇOOU. A lei do AT era imperfeita porque não podia comunicar vida divina, nem o poder de cumprir as suas exigências, nem oferecia acesso perfeito e completo a Deus (v. 25; Gl 3.19)

7.25 VIVENDO SEMPRE PARA INTERCEDER. Cristo vive no céu, na presença do Pai (8.1), intercedendo por todos os seus seguidores, individualmente, de acordo com a vontade do Pai (Rm 8.33,34; 1 Tm 2.5; 1 Jo 2.1).

1) Pelo ministério da intercessão de Cristo, experimentamos o amor e a presença de Deus e achamos misericórdia e graça para sermos ajudados em qualquer tipo de necessidade (4.16), tentação (Lc 22.32), fraqueza (4.15; 5.2), pecado (1 Jo 1.9; 2.1) e provação (Rm 8.31-39).

2) A oração de Cristo como Sumo Sacerdote em favor do seu povo (Jo 17), bem como sua vontade de derramar o Espírito Santo sobre todos os crentes (At 2.33), nos ajudam a compreender o alcance do seu ministério de intercessão (Jo 17.1).

3) Mediante a intercessão de Cristo, aquele que se chega a Deus (se chega continuamente a Deus, pois o particípio no grego está no tempo presente e salienta a ação contínua), pode receber graça para ser salvo *"perfeitamente"*.

A intercessão de Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, é essencial para a nossa salvação. Sem ela, e sem sua graça, misericórdia e ajuda que nos são outorgadas através daquela intercessão, nos afastaríamos de Deus, voltando a ser escravos do pecado e ao domínio de Satanás, e incorrendo em justa condenação. Nossa única esperança é aproximar-nos de Deus por meio de Cristo, pela fé (1 Pe 1.5).

4) Note que Cristo não permanece como advogado e intercessor dos que se recusam a confessar e abandonar o pecado e que se apartam da comunhão com Deus (1 Jo 1.5-7,9; 3.10). Sua intercessão para salvar *"perfeitamente"* é somente para aqueles que *"por Ele se chegam a Deus"* (7.25). Não há segurança nem garantia para quem deliberadamente peca e deixa de se chegar a Deus por Ele (10.21-31).

5) Posto que Cristo é nosso único mediador e intercessor no céu, qualquer tentativa de ter anjos ou santos falecidos como mediadores e de oferecer orações ao Pai através deles, é tanto inútil quanto antibíblicos.



A INTERCESSÃO

“E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza.” Dn 9.3

Pode-se definir a intercessão como a oração contrita e reverente, com fé e perseverança, mediante a qual o crente suplica a Deus em favor de outra pessoa ou pessoas que extremamente necessitem da intervenção divina. A oração de Daniel no cap. 9 é uma oração intercessória, pois ele ora contritamente em favor da restauração de Jerusalém e de todo o povo de Israel. A Bíblia nos fala da intercessão de Cristo e do Espírito Santo, e de numerosos santos, homens e mulheres do antigo e do novo concerto.

A INTERCESSÃO DE CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

1) Jesus, no seu ministério terreno, orava pelos perdidos, os quais Ele viera buscar e salvar (Lc 19.10). Chorou, quebrantado, por causa da indiferença da cidade de Jerusalém (Lc 19.41). Orava pelos seus discípulos, tanto individualmente (Lc 22.32) como pelo grupo todo (Jo 17.6-26). Orou até por seus inimigos, quando pendurado na cruz (Lc 23.34).

2) Um aspecto permanente do ministério atual de Cristo é o de interceder pelos crentes diante do trono de Deus (Rm 8.34; Hb 7.25; 9.24; 7.25); João refere-se a Jesus como *“um Advogado para com o Pai”* (1Jo 2.1).

A intercessão de Cristo é essencial à nossa salvação (Is 53.12). Sem a sua graça, misericórdia e ajuda, que recebemos mediante a sua intercessão, nós nos desviariam de Deus e voltaríamos à escravidão do pecado.

3) O Espírito Santo também está empenhado na intercessão. Paulo declara: *“não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis”* (Rm 8.26). O Espírito Santo, através do espírito do crente, intercede *“segundo Deus”* (Rm 8.27). Portanto, Cristo intercede pelo crente, no céu, e o Espírito intercede dentro do crente, na terra.

A INTERCESSÃO DO CRENTE. A Bíblia refere-se constantemente às orações intercessórias do crente e registra numerosos exemplos de orações notáveis e poderosas.

1) No AT, os líderes do povo de Deus, tais como os reis (1Cr 21.17; 2Cr 6.14-42), profetas (1Rs 18.41-45; Dn 9) e sacerdotes (Ed 9.5-15; Jl 1.13; 2.17,18), deviam ser exemplos na oração intercessória em prol da nação. Exemplos marcantes de intercessão no AT, são as orações de Abraão em favor de Ismael (Gn 17.18) e de Sodoma e Gomorra (Gn 18.23-32), as orações de Davi em favor de seus filhos (2Sm 12.16; 1Cr 29.19), e as de Jó em favor de seus filhos (Jó 1.5).

Na vida de Moisés, temos o exemplo supremo no AT, quanto ao poder da oração intercessória. Em várias ocasiões ele orou intensamente para Deus alterar a sua vontade, mesmo depois de o Senhor declarar-lhe aquilo que Ele já resolvera executar. Por exemplo, quando os israelitas se rebelaram e se recusaram a entrar em Canaã, Deus falou a Moisés que iria destruí-los e fazer de Moisés uma nação maior (Nm 14.1-12). Moisés, então, levou o assunto ao Senhor em oração e implorou em favor dos israelitas (Nm 14.13-19); no fim da sua oração, Deus lhe disse: *“Conforme à tua palavra, lhe perdoei”* (Nm 14.20; Ex 32.11-14; Nm 11.2; 12.13; 21.7; 27.5). Outros poderosos intercessores do AT são Elias (1Rs 18.21-26; Tg 5.16-18), Daniel (9.2-23) e Neemias (Ne 1.3-11).



2) O NT apresenta mais exemplos, ainda, de orações intercessórias. Os evangelhos registram como os pais e outras pessoas intercediam com Jesus em favor dos seus entes queridos. Os pais rogavam a Jesus para que curasse seus filhos doentes (Mc 5.22-43; Jo 4.47-53); um grupo de mães pediu que Jesus abençoasse seus filhos (Mc 10.13). Certo homem de posição implorou, pedindo a cura de seu servo (Mt 8.6-13), e a mãe de Tiago e João intercedeu diante de Jesus em favor deles (Mt 20.20,21).

3) A igreja do NT intercedia constantemente pelos fiéis. Por exemplo, a igreja de Jerusalém reuniu-se a fim de orar pela libertação de Pedro da prisão (At 12.5, 12). A igreja de Antioquia orou pelo êxito do ministério de Barnabé e de Paulo (At 13.3).

Tiago ordena expressamente que os presbíteros da igreja orem pelos enfermos (Tg 5.14) e que todos os cristãos orem “uns pelos outros” (Tg 5.16; Hb 13.18,19). Paulo vai mais além, e pede que se faça oração em favor de todos (1Tm 2.1-3).

4) O apóstolo Paulo, quanto à intercessão, merece menção especial. Em muitas das suas epístolas, discorre a respeito das suas próprias orações em favor de várias igrejas e indivíduos (Rm 1.9,10; 2Co 13.7; Fp 1.4-11; Cl 1.3,9-12; 1Ts 1.2,3; 2Ts 1.11,12; 2Tm 1.3; Fm 4-6). Vez por outra fala das suas orações intercessórias (Ef 1.16-18; 3.14-19; 1Ts 3.11-13).

Ao mesmo tempo, também pede as orações das igrejas por ele, pois sabe que somente através dessas orações é que o seu ministério terá plena eficácia (Rm 15.30-32; 2Co 1.11; Ef 6.18-20; Fp 1.19; Cl 4.3,4; 1Ts 5.25; 2Ts 3.1,2).

PROPÓSITOS DA ORAÇÃO INTERCESSÓRIA. Nas numerosas orações intercessórias da Bíblia, os santos de Deus intercediam para que Deus sustasse o seu juízo (Gn 18.23-32; Nm 14.13-19; Jl 2.17), que restaurasse o seu povo (Ne 1; Dn 9), que livrasse as pessoas do perigo (At 12.5,12; Rm 15.31), e que abençoasse o seu povo (Nm 6.24-26; 1Rs 18.41-45; Sl 122.6-8).

Os intercessores também oravam para que o poder do Espírito Santo viesse sobre os crentes (At 8.15-17; Ef 3.14-17), para que alguém fosse curado (1Rs 17.20-23; At 28.8; Tg 5.14-16), pelo perdão dos pecados (Ed 9.5-15; Dn 9; At 7.60), para Deus dar capacidade às pessoas investidas de autoridade para governarem bem (1Cr 29.19; 1Tm 1.1,2), pelo crescimento na vida cristã (Fp 1.9-11; Cl 1.10,11), por pastores para que sejam capazes (2Tm 1.3-7), pela obra missionária (Mt 9.38; Ef 6.19,20), pela salvação do próximo (Rm 10.1) e para que os povos louvem a Deus (Sl 67.3-5). Qualquer coisa que a Bíblia revele como a perfeita vontade de Deus para o seu povo pode ser um motivo apropriado para a oração intercessória.

Capítulo 8

Estudo Textual: Hebreus 8:1-13

Uma Aliança Melhor

O trabalho do sacerdote é fazer as oferendas e sacrifícios no santuário (Hebreus 8:3). Como nosso Sumo Sacerdote celestial, Jesus também serve num santuário, mas este é um santuário que não foi feito por mãos humanas, como o foi o tabernáculo. Jesus é, não somente superior aos profetas do Velho Testamento, aos anjos, a Moisés e a Aarão, mas é também um melhor sumo sacerdote, que ministra num santuário melhor. Ele é o mediador de uma aliança melhor estabelecido sobre melhores promessas (8:2, 6).



Alguns dos destinatários originais de Hebreus estavam pensando em retornar ao judaísmo. O autor de Hebreus quer que eles entendam como seria tolo deixar uma aliança melhor para retornar a uma imperfeita. Se o primeiro pacto tivesse sido infalível, não teria havido necessidade de outro (8:7). Até mesmo o santuário associado com a Lei de Moisés, o tabernáculo construído no Monte Sinai, era apenas uma cópia e uma sombra do santuário celestial.

O que estava errado com a aliança feita com Israel no Monte Sinai? Realmente, nada havia de errado com o pacto em si; ele cumpria as funções que Deus pretendia. Ele identificava o pecado, encorajava a santidade entre o povo escolhido de Deus e apontava aos homens em direção a Cristo e à graça de Deus. O escritor de Hebreus nota que a falha estava realmente no povo de Deus, e não na aliança (8:8-9). Um homem poderia ser declarado justo sob a Velha Lei se a guardasse perfeitamente, nunca violando um único preceito (Levítico 18:4-5). Mas o povo de Israel não guardava a lei de Deus e assim ela se tornou um instrumento de morte espiritual para ele (Romanos 7:10-13). Mas Deus deu ao homem a esperança, prometendo através do profeta Jeremias que ele faria um novo pacto com seu povo.

Um indivíduo se tornava parte do povo de Israel pelo nascimento físico e era circuncidado no oitavo dia como sinal da aliança. Mais tarde, quando o menino tinha idade bastante para entender, era-lhe ensinada a lei com a esperança de que ele decidisse obedecê-la. A lei de Moisés foi escrita em tábuas de pedra, mas muitos israelitas não escreveram a lei de Deus em seus corações.

O novo pacto, contudo, é diferente, como Jeremias profetizou. É ensinado às pessoas primeiro e elas se tornam parte da nação escolhida de Deus somente depois de aceitarem as condições para se tornarem parte dessa nação (Hebreus 8:11). Elas serão verdadeiramente o povo de Deus porque sua lei estará escrita em seus corações. Todos na casa espiritual de Israel (a igreja) conhecem o Senhor porque ninguém pode se tornar parte da nação eleita sem primeiro conhecer o Senhor!

Mas a nova aliança é diferente de outra maneira. O perdão estaria disponível através do sacrifício de Jesus Cristo (8:12). Não haveria mais necessidade de sacrifícios anuais no Dia da Exiação como a lei de Moisés exigia (Levítico 16). Jesus, o sacrifício perfeito, precisou oferecer a si mesmo somente uma vez. Por que haveríamos de querer voltar ao velho e imperfeito, quando Deus providenciou um pacto novo e melhor, com um melhor Sumo Sacerdote?

Perguntas para estudar

1. Como um indivíduo se tornava parte da nação física de Israel?
2. A circuncisão carnal era uma garantia de uma vida de obediência a Deus?
3. Sob a nova aliança, o que vem primeiro: o conhecimento ou a cidadania na nação espiritual de Deus?

8.1 Sentado no céu, do lado direito do trono de Deus (Sl 110.1; Hb 1.3).

Hb 8.1-13. O autor continua a mostrar que Jesus é diferente dos outros sacerdotes, que seu serviço sacerdotal é superior e que a aliança que ele conseguiu é superior à aliança que Deus havia feito com o povo de Israel (v. 6).

8.1 TEMOS UM SUMO SACERDOTE. Depois de ter Cristo tomado sobre si o castigo pelos nossos pecados e dado sua vida por nós como sacrifício, Ele entrou no céu, onde ora ministra na presença de Deus a nosso favor, isto é, dos crentes. O ministério de Jesus como Sumo Sacerdote (2.17) abrange seis áreas:



1) Jesus no Calvário, foi tanto sacerdote como o próprio sacrifício. Ele ofereceu-se a si mesmo por todo o mundo, como sacrifício perfeito pelo pecado, ao derramar o seu sangue e morrer em lugar do pecador (2.17,18; 4.15; 7.26-28; Mc 10.45; 1 Co 15.3; 1 Pe 1.18,19; 2.22-24; 3.18).

2) Jesus é o mediador do novo e melhor concerto, a fim de que *"os chamados recebam a promessa da herança eterna"* (9.15-22), e que, com confiança, tenham acesso contínuo a Deus (4.16; 6.19,20; 7.25; 10.19-22; Jo 17.1).

3) Ele está no céu, na presença de Deus, a fim de outorgar a graça divina sobre nós, os que cremos (4.14-16). Por essa graça, da qual Ele nos é mediador, Ele nos regenera (Jo 3.3) e derrama sobre nós o Espírito Santo (At 1.4; 2.4,33).

4) Jesus age como mediador entre Deus e todos os que transgridem a lei de Deus e buscam o perdão e a reconciliação (1 Jo 2.1,2).

5) Jesus exerce seu sacerdócio de modo permanente, compadecendo-se dos crentes em suas tentações e ajudando-os nas suas necessidades (2.18; 4.15,16).

6) Jesus vive para sempre a fim de interceder continuamente no céu por todos aqueles que, pela fé, *"por Ele se chegam a Deus"* (7.25). Ele efetuará, por fim, a salvação plena do crente (7.25)

8.6-13 MELHOR CONCERTO. Um tema significante dos capítulos 8-10 é o contraste entre o velho concerto, centralizado em torno da lei de Moisés, e o novo concerto instituído por Jesus Cristo.

Capítulo 9

Estudo Textual: Hebreus 9:1-28 Um Ministério Mais Excelente

Sob a Lei de Moisés, o povo de Israel tinha um santuário (o tabernáculo) e um sumo sacerdote que servia como um intercessor pelo povo diante de Deus. O autor de Hebreus já identificou Jesus Cristo como nosso Sumo Sacerdote, um ministro do tabernáculo verdadeiro (4:14; 8:1-2). No capítulo nove, o escritor discute o serviço de Jesus no tabernáculo verdadeiro.

O livro de Éxodo registra a construção do tabernáculo (capítulos 25-30). Era basicamente uma tenda elaborada e dividida em duas salas por um véu. A sala maior era chamada o Santo Lugar e a menor era chamada Santo dos Santos. Cada sala tinha seus próprios móveis e o escritor de Hebreus menciona brevemente essas peças (9:1-5).

Os sacerdotes do Velho Testamento entravam diariamente no Santo Lugar, executando o seu serviço. Mas somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos. Uma vez por ano, no Dia da Exiação, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos com o sangue de um touro, por seus próprios pecados e, novamente, com o sangue de um bode, pelos pecados do povo (9:6-7). Ele pegava este sangue e o aspergia sobre o propiciatório, a cobertura da arca da aliança, oferecendo-o a Deus. Era no Santo dos Santos que um homem podia chegar à presença de Deus, mas somente o sumo sacerdote era capaz de entrar e era exigido que se defumasse a sala com incenso, antes de entrar! Leia Levítico 16 para ver uma descrição completa do ritual que o sumo sacerdote seguia no Dia da Exiação.

O véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos simbolizava o fato que o caminho à presença de Deus ainda não estava aberto para a humanidade. Quando Jesus morreu na cruz, o véu entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos foi rasgado (Mateus 27:51). Este foi o modo de Deus



mostrar que o acesso a sua presença era agora disponível a todos, através do sacrifício de Jesus (Hebreus 6:19-20; 10:19-22).

Como os sumos sacerdotes do Velho Testamento, Jesus ofereceu sangue na presença de Deus, porém Jesus ofereceu seu próprio sangue, derramado na cruz, e ofereceu-o no verdadeiro tabernáculo, o próprio céu (9:12, 24-26).

O autor de Hebreus já identificou Jesus como Mediador de uma aliança melhor (8:6). Agora ele explica que o sangue de Jesus alcança até os pecados sob a primeira aliança, a Lei de Moisés (9:15). As coisas do tabernáculo do Velho Testamento eram purificadas com o sangue de animais, mas Jesus ofereceu um sacrifício melhor, que pode verdadeiramente obter a redenção do pecado. Ainda que os sumos sacerdotes do Velho Testamento oferecessem sangue todos os anos pelos pecados do ano anterior, Jesus entrou no céu, na presença de Deus, uma vez por todas (9:12, 27-28).

Perguntas para estudar

1. Sob a Lei de Moisés, onde o homem se encontrava com Deus?
2. O que os sumos sacerdotes do Velho Testamento levavam para o Santo dos Santos?
3. Onde Jesus foi para oferecer seu sangue na presença de Deus?
4. Quantas vezes Jesus se oferecerá como sacrifício?

9.1 UM SANTUÁRIO. O autor não está falando sobre o Templo construído pelo rei Salomão, mas sobre a Tenda Sagrada que serviu de santuário para o povo de Israel até a inauguração do Templo (1Rs 8.3-4).

Hb 9.1-22 Jesus, o nosso Grande Sacerdote, oferece o seu sacrifício a Deus na Tenda Celestial, que é superior à Tenda Sagrada dos judeus. E o sacrifício que ele oferece é superior aos sacrifícios oferecidos pelo Grande Sacerdote da primeira aliança.

9.1-7 O PRIMEIRO CONCERTO. Ao expor a maneira como o novo concerto é muito superior ao velho (ou o primeiro), o escritor aos Hebreus analisa os aspectos principais da adoração e do sacrifício na religião de Israel.

9.4 A ARCA DO CONCERTO. A arca do concerto era uma caixa sagrada contendo um vaso de maná (lembrança da provisão de Deus), a vara de Arão que florescera de modo sobrenatural (lembrança dos atos poderosos de Deus) e as duas tábuas de pedra, nas quais constavam os Dez Mandamentos (lembrança da importância da lei como padrão de santidade que Deus queria do seu povo).

A cobertura da arca era uma placa de ouro chamada propiciatório, o qual falava da misericórdia redentora de Deus mediante o sangue derramado.

9.5 O PROPICIATÓRIO. No dia da expiação, tanto o sangue do touro que fazia a expiação pelo sumo sacerdote e sua família, quanto o sangue do bode que servia de oferta pelo pecado da nação, era esparzido sobre o propiciatório diante de Deus (Lv 16.2,14;).

O propiciatório terrestre é uma figura ou tipo do trono da graça, no céu, do qual os crentes se aproximam mediante o sangue de Cristo, a fim de receberem graça e ajuda (4.16)

9.7 O SEGUNDO. No segundo compartimento do tabernáculo estava o santuário interior chamado o Santo dos Santos, que simbolizava a presença de Deus.



O sumo sacerdote era rigorosamente proibido de entrar no Santo dos Santos mais que uma vez por ano. O Espírito Santo ensinava que, sob o antigo concerto, o acesso livre à presença de Deus ainda não estava franqueado, porque estreita comunhão com Ele só poderia existir somente depois de a consciência da pessoa ter sido purificada com perfeição (vv. 8,9). Essa purificação foi obtida quando Cristo morreu como sacrifício eterno pelo pecado.

9.14 O SANGUE DE CRISTO. O sangue de Jesus Cristo é o ponto principal do conceito de redenção no NT (1 Co 10.16; 11.27; Ef 2.13; 1 Pe 1.2; Ap 7.14; 12.11). Cristo, ao morrer na cruz, deu seu sangue inocente a fim de remover nossos pecados e nos reconciliar com Deus (5.8; Rm 5.19; Fp 2.8; Lv 16). Pelo seu sangue, Cristo efetuou as seguintes coisas.

- 1)** O perdão dos pecados de todos aqueles que se arrependem e creem (Mt 26.28).
- 2)** O resgate dos crentes do poder de Satanás e dos poderes malignos (At 20.28; Ef 1.7; 1 Pe 1.18,19; Ap 5.9; 12.11).
- 3)** A justificação de todos os que nEle creem (Rm 3.24,25).
- 4)** A purificação da consciência do crente a fim de que este possa servir a Deus sem culpa e com toda a certeza (9.14; 10.22; 13.18).
- 5)** A santificação do povo de Deus (13.12; 1 Jo 1.7-10).
- 6)** A abertura do caminho para o crente chegar diretamente diante de Deus por meio de Cristo para obter graça, misericórdia, ajuda e salvação (10.19; 7.25; Ef 2.13,18).
- 7)** A garantia de todas as promessas do novo concerto (10.29; 13.20; Mt 26.28; 1Co 11.25).
- 8)** A contínua aplicação do poder reconciliador e purificador do sangue de Cristo no crente à medida que este se aproxima de Deus por meio de Cristo (7.25; 10.22; 1Jo 1.7).

9.15 MEDIADOR DE UM NOVO TESTAMENTO. Para comentários sobre o ofício de Jesus como mediador do Novo Testamento (conerto).

9.28 APARECERÁ SEGUNDA VEZ. Sob o antigo concerto, os israelitas ficavam em intensa expectativa para ver se o sumo sacerdote reapareceria depois de entrar no santuário para fazer expiação. Da mesma forma os crentes, sabendo que seu Sumo Sacerdote entrou no santuário celestial como seu Advogado, aguardam com ardente esperança o seu reaparecimento trazendo uma salvação plena e completa (Jo 14.3; 2 Tm 4.8).

O ANTIGO E O NOVO CONCERTO

“Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de um melhor concerto, que está confirmado em melhores promessas”. Hb 8.6

Os capítulos 8-10 descrevem numerosos aspectos do antigo concerto tais como o culto, as leis e o ritual dos sacrifícios no tabernáculo; descrevem os vários cômodos e móveis desse centro de adoração do AT. É duplo o propósito do autor:



1) contrastar o serviço do sumo sacerdote no santuário terrestre, segundo o antigo concerto, com o ministério de Cristo como Sumo Sacerdote no santuário celestial segundo o Novo Concerto.

2) demonstrar como esses vários aspectos do antigo concerto prenunciam ou tipificam o ministério de Cristo que estabeleceu o novo concerto.

Esse estudo sintetiza o relacionamento entre esses dois concertos.

1) Segundo o antigo concerto, a salvação e o relacionamento correto com Deus provinham de um relacionamento com Ele à base da fé expressa pela obediência à sua lei e ao sistema sacrificial desta. Os sacrifícios do AT tinham três propósitos principais:

a) Ensinar ao povo de Deus a gravidade do pecado. O pecado separava os pecadores de um Deus santo, e somente através do derramamento de sangue poderiam reconciliar-se com Deus e encontrar perdão (Ex 12.3-14; Lv 16; 17.11; Hb 9.22; Lv 1.2,3; 4.3; 9.8).

b) Prover um meio para Israel chegar-se a Deus mediante a fé, a obediência e o amor (4.16; 7.25; 10.1).

c) Indicar de antemão ou prenunciar (8.5; 10.1) o sacrifício perfeito de Cristo pelos pecados da raça humana (Jo 1.29; 1Pe 1.18,19; Ex 12.3-14; Lv 16; Gl 3.19).

2) Jeremias profetizou que, num tempo futuro, Deus faria um novo concerto, um melhor concerto, com o seu povo (Jr 31.31-34; Hb 8.8-12). É melhor concerto do que o antigo (Rm 7) porque perdoa totalmente os pecados dos que se arrependem (8.12), transforma-os em filhos de Deus (Rm 8.15,16), dá-lhes novo coração e nova natureza para que possam, espontaneamente, amar e obedecer a Deus (8.10; Ez 11.19,20), os conduz a um estreito relacionamento pessoal com Jesus Cristo e o Pai (8.11) e provê uma experiência maior em relação ao Espírito Santo (Jl 2.28; At 1.5,8; 2.16,17, 33, 38,39; Rm 8.14,15,26).

1) Jesus é quem instituiu o novo concerto ou o novo testamento (ambas as ideias estão contidas na palavra grega *diatheke* — testamento), e seu ministério celestial é incomparavelmente superior ao dos sacerdotes terrenos do AT.

O novo concerto é um acordo, promessa, última vontade e testamento, e uma declaração do propósito divino em outorgar graça e bênção àqueles que se chegam a Deus mediante a fé obediente. De modo específico, trata-se de um concerto de promessa para aqueles que, por fé, aceitam a Cristo como o Filho de Deus, recebem suas promessas e se dedicam pessoalmente a Ele e aos preceitos do novo concerto.

a) O ofício de Jesus Cristo como mediador do novo concerto (8.6; 9.15; 12.24) baseia-se na sua morte expiatória (Mt 26.28; Mc 14.24; Hb 9.14,15; 10.29; 12.24). As promessas e os preceitos desse novo concerto são expressos em todo o NT. Seu propósito é:

- salvar da culpa e da condenação da lei todos que creem em Jesus Cristo e dedicam suas vidas às verdades e deveres do seu concerto (9.16,17; Mc 14.24; 1Co 11.25).
- fazê-lo um povo que seja a possessão de Deus (8.10; Ez 11.19,20; 1Pe 2.9).

b) O sacrifício de Jesus é melhor que os do antigo concerto por ser um sacrifício voluntário e obediente de uma pessoa justa (Jesus Cristo), e não um sacrifício involuntário de um animal.



O sacrifício de Jesus e o seu cumprimento da vontade de Deus foram perfeitos, e, portanto, proveu um caminho para o pleno perdão, reconciliação com Deus e santificação (10.10, 15-17; Lv 9.8).

c) O novo concerto pode ser chamado o novo concerto do Espírito, porque é o Espírito Santo quem outorga a vida e o poder àqueles que aceitam o concerto de Deus (2Co 3.1-6; Jo 17.3).

2) Todos os que pertencem ao novo concerto por Jesus Cristo recebem as bênçãos e a salvação oriundas desse concerto mediante sua perseverança na fé e na obediência (3.6).

Os infiéis são excluídos dessas bênçãos (3.18,19).

3) Estabelecido o novo concerto em Cristo, o antigo concerto se tornou obsoleto (8.13). Não obstante, o Novo Concerto não invalida a totalidade das Escrituras do AT, mas apenas as do pacto mosaico, pelo qual a salvação era obtida mediante a obediência à Lei e ao seu sistema de sacrifícios. O AT não está abolido; boa parte da sua revelação aponta para Cristo e por ser a inspirada Palavra de Deus, é útil para ensinar, repreender, corrigir e instruir na retidão.

CRISTO NO ANTIGO TESTAMENTO

“Então, desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou, como a carne de um menino, e ficou purificado.” **2RS 5.14**

Um dos ensinos fundamentais do NT é que Jesus Cristo (o Messias) é o cumprimento do AT. O livro de Hebreus mostra que Cristo é o herdeiro de tudo o que Deus falou através dos profetas (Hb 1.1,2).

O próprio Jesus asseverou que viera para cumprir a lei e os profetas (Mt 5.17). Após a sua gloriosa ressurreição, Ele demonstrou aos seus seguidores, tendo por base a lei de Moisés, os profetas e os salmos as três principais divisões do AT (hebraico) que Deus predissera, há muito tempo, tudo quanto lhe havia sucedido (Lc 24.25-27,44-46). Para melhor compreendermos as profecias do AT a respeito de Jesus Cristo, precisamos ver algo da tipologia bíblica.

PRINCÍPIOS DE TIPOLOGIA. O estudo cuidadoso do AT revela elementos chamados tipos, (do grego *typos*) que têm seu cumprimento na vinda do Messias (que é o antítipo); noutras palavras, há uma correspondência entre certas pessoas, eventos, ou coisas do AT e Jesus Cristo no NT. Notem-se dois princípios básicos concernentes a essa forma de profecia e seu cumprimento:

1) Para um trecho do AT prenunciar a Cristo, é preciso sempre analisar o referido trecho como um acontecimento na história divina da redenção, isto é, devemos primeiramente analisar o trecho do AT sob o aspecto histórico, e então ver de que modo ele prenuncia a vinda de Jesus Cristo como o Messias prometido.

2) É preciso reconhecer que o cumprimento messiânico de um trecho do AT está geralmente num plano espiritual mais elevado do que o evento registrado no AT. Na realidade, os personagens de determinado acontecimento bíblico por certo não perceberam que o que estavam vivenciando era um prenúncio profético sobre o Filho de Deus que um dia viria aqui. Por exemplo, Davi sem dúvida não percebeu que, ao escrever o Salmo 22, seu sofrimento era uma forma de profecia do sofrimento de Cristo na cruz.



Nem os judeus expatriados e chorosos que passavam pelo túmulo de Raquel em Ramá (Jr 31.15) sabiam que um dia o seu pranto teria cumprimento profético na morte de todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém (Mt 2.18). Quase sempre, só à luz do NT é que percebe-se que um trecho do AT é uma profecia a respeito de nosso Senhor.

CATEGORIAS DE TIPOS PROFÉTICOS. Há pelo menos quatro formas pelas quais o AT prenuncia e profetiza a vinda de Cristo para o NT:

1) Textos específicos do AT citados no NT. Certos trechos do AT são manifestamente profecias sobre Cristo, porque o NT os cita como tais. Por exemplo, Mateus cita Is 7.14 para comprovar que o AT profetizava aí o nascimento virginal de Cristo (Mt 1.23), e Mq 5.2 para comprovar que Jesus devia nascer em Belém (Mt 2.6).

Marcos observa aos seus leitores (Mc 1.2,3) que a vinda de João Batista como precursor de Cristo fora profetizada tanto por Isaías (Is 40.3), quanto por Malaquias (Ml 3.1).

Zacarias predisse a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém no domingo que precede a Páscoa (Zc 9.9; Mt 21.1-5; Jo 12.14,15). A experiência de Davi, descrita no Sl 22.18, prenuncia os soldados ao derredor da cruz, dividindo entre si as vestes de Jesus (Jo 19.23,24), e sua declaração no Sl 16.8-11 é interpretada como uma clara predição da ressurreição de Jesus (At 2.25-32; 13.35-37). O livro de Hebreus afirma que Melquisedeque (Gn 14.18-20; Sl 110.4) é um tipo de Cristo, nosso eterno Sumo Sacerdote. Muitos outros exemplos poderiam ser citados.

2) Alusões a passagens do AT pelos escritores do NT.

Outra forma de revelação de Cristo no AT consiste em passos do NT que, mesmo sem citação direta, referem-se a pessoas, eventos, ou objetos do AT prefigurando profeticamente a Cristo.

Por exemplo, no primeiro de todos os textos proféticos da Bíblia (Gn 3.15), Deus promete que enviará o descendente da mulher para ferir a cabeça da serpente. Certamente, Paulo tinha em mente esse trecho quando declarou que Cristo nasceu de mulher para redimir os que estavam debaixo da lei (Gl 4.4,5; Rm 16.20).

João, igualmente, declara que o Filho de Deus veio “*para desfazer as obras do diabo*” (1Jo 3.8). A referência de João Batista a Jesus como Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29,36), recua a Lv 16 e Is 53.7. A referência de Paulo a Jesus como “*nossa Páscoa*” (1Co 5.7) revela que o sacrifício do cordeiro pascal profetizava a morte de Cristo em nosso favor (Ex 12.1-14).

O próprio Jesus declarou que o ato de Moisés, ao levantar a serpente no deserto (Nm 21.4-9) era uma profecia a respeito Dele, quando pendurado na cruz.

E quando João diz que Jesus, o Verbo de Deus, participou da criação de todas as coisas (Jo 1.1-3), não podemos deixar de pensar em Sl 33.6: “*Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus*” (Hb 1.3,10-12). Essas são apenas algumas das alusões no NT a passos do AT referentes a Cristo.

3) Pessoas, eventos, ou objetos do AT que apontam para a redenção. O êxodo de Israel do Egito, que em todo o AT é visto como o maior evento redentor do antigo concerto, prefigura Cristo e a redenção que Ele efetuou no novo concerto.

Alguns tipos do livro de Êxodo que prenunciam Cristo e sua obra redentora são: Moisés, a Páscoa, a travessia do Mar Vermelho, o maná, a água que brotou da rocha, o tabernáculo com seus pertences e o sumo sacerdote.



4) Eventos do AT que prefiguram o modo de Deus lidar com o crente em Cristo. Muitos fatos do AT constituem uma das formas de Deus lidar com seu povo, tendo seu real cumprimento em Jesus Cristo. Note os seguintes exemplos:

a) Abraão teve de esperar com paciência por quase vinte e cinco anos até Deus sarar a madre de Sara e lhes dar Isaque. Abraão nada poderia fazer para apressar o nascimento do filho prometido por Deus. Fato idêntico cumpriu-se no NT, quando Deus enviou seu próprio Filho como Salvador do mundo, ao chegar a plenitude dos tempos (Gl 4.4); o ser humano nada podia fazer para apressar esse momento. Nossa salvação é obra única e exclusiva de Deus (Jo 3.16), e jamais pelo esforço humano.

b) Antes dos israelitas serem libertos do Egito pelo poder gracioso de Deus, em aflição eles clamavam por socorro contra seus inimigos (Ex 2.23,24; 3.7).

Temos aí um indício profético do plano divino da nossa redenção em Cristo. O pecador, antes do seu livramento pela graça de Deus, do jugo do pecado e dos inimigos espirituais, precisa clamar arrependido e recorrer à graça salvífica de Deus (At 2.37,38; 16.29-32; 17.30,31). Todos aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos.

c) Quando Naamã, o siro, buscou a cura da sua lepra, recorrendo ao Deus de Israel, recebeu a ordem de lavar-se sete vezes no rio Jordão. Essa ordem inicialmente provocou ira nele, o qual a seguir, humilhou-se e submeteu-se ao banho no Jordão, para ser curado (2Rs 5.1-14).

No fato de a graça salvífica de Deus transpor os limites da nação de Israel, temos uma antevisão de Jesus e o novo concerto (Lc 4.27; At 22.21; Rm 15.8-12), e também do fato que, para recebermos a salvação, precisamos renunciar ao orgulho, humilhar-nos diante de Deus (Tg 4.10; 1Pe 5.6) e receber a purificação pelo sangue de Jesus (At 22.16; 1Co 6.11; Tt 3.5; 1Jo 1.7,9; Ap 1.5).

Em resumo:

O AT narra histórias de pessoas piedosas que nos servem de modelo e exemplo (1Co 10.1-13; Hb 11; Tg 5.16-18), mas ele vai além disso; ele (o AT) “nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados” (Gl 3.24).

O DIA DA EXPIAÇÃO

“E o sacerdote... fará a expiação... expiará o santo santuário; também expiará a tenda da congregação e o altar; semelhantemente fará expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação.” Lv 16.32,33

A NECESSIDADE DA EXPIAÇÃO. A palavra “exiação” (hb. *kippurim*, derivado de *kaphar*, que significa “cobrir”) comunica a ideia de cobrir o pecado mediante um “resgate”, de modo que haja uma reparação ou restituição adequada pelo delito cometido (note o princípio do “resgate” em Ex 30.12; Nm 35.31; Sl 49.7; Is 43.3).

1) A necessidade da expiação surgiu do fato que os pecados de Israel (16.30), caso não fossem expiados, sujeitariam os israelitas à ira de Deus (Rm 1.18; Cl 3.6; 1Ts 2.16). Por conseguinte, o propósito do Dia da Expiação era prover um sacrifício de amplitude ilimitada, por todos os pecados que porventura não tivessem sido expiados pelos sacrifícios oferecidos no decurso do ano que findava. Dessa maneira, o povo seria purificado dos seus pecados do ano precedente, afastaria a ira de Deus contra ele e manteria a sua comunhão com Deus (16.30-34; Hb 9.7).



2) Porque Deus desejava salvar os israelitas, perdoar os seus pecados e reconciliá-los consigo mesmo, Ele proveu um meio de salvação ao aceitar a morte de um animal inocente em lugar deles (isto é, o animal que era sacrificado); esse animal levava sobre si a culpa e a penalidade deles (17.11; Is 53.4,6,11) e cobria seus pecados com seu sangue derramado.

A CERIMÔNIA DO DIA DA EXPIAÇÃO. Levíticos 16 descreve o Dia da Exiação, o dia santo mais importante do ano judaico. Nesse dia, o sumo sacerdote, vestia as vestes sagradas, e de início preparava-se mediante um banho ceremonial com água. Em seguida, antes do ato da expiação pelos pecados do povo, ele tinha de oferecer um novilho pelos seus próprios pecados. A seguir, tomava dois bodes e, sobre eles, lançava sortes: um tornava-se o bode do sacrifício, e o outro tornava-se o bode expiatório (16.8). Sacrificava o primeiro bode, levava seu sangue, entrava no Lugar Santíssimo, para além do véu, e aspergia aquele sangue sobre o propiciatório, o qual cobria a arca contendo a lei divina que fora violada pelos israelitas, mas que agora estava coberta pelo sangue, e assim se fazia expiação pelos pecados da nação inteira (16.15,16). Como etapa final, o sacerdote tomava o bode vivo, impunha as mãos sobre a sua cabeça, confessava sobre ele todos os pecados dos israelitas e o enviava ao deserto, simbolizando isto que os pecados deles eram levados para fora do arraial para serem aniquilados no deserto (16.21, 22).

1) O Dia da Exiação era uma assembleia solene; um dia em que o povo jejuava e se humilhava diante do Senhor (16.31). Esta contrição de Israel salientava a gravidade do pecado e o fato de que a obra divina da expiação era eficaz somente para aqueles de coração arrependido e com fé perseverante (23.27; Nm 15.30; 29.7).

2) O Dia da Exiação levava a efeito a expiação por todos os pecados e transgressões não expiados durante o ano anterior (16.16, 21). Precisava ser repetido cada ano da mesma maneira.

CRISTO E O DIA DA EXPIAÇÃO. O Dia da Exiação está repleto de simbolismo que prenuncia a obra de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. No NT, o autor de Hebreus realça o cumprimento, no novo concerto, da tipologia do Dia da Exiação (Hb 9.6—10.18).

1) O fato de que os sacrifícios do AT tinham de ser repetidos anualmente indica que eles eram provisórios. Apontavam para um tempo futuro quando, então, Cristo viria para remover de modo permanente todo o pecado confessado (Hb 9.28; 10.10-18).

2) Os dois bodes representam a expiação, o perdão, a reconciliação e a purificação consumados por Cristo. O bode que era sacrificado representa a morte vicária e sacrificial de Cristo pelos pecadores, como remissão pelos seus pecados (Rm 3.2426; Hb 9.11, 12, 24-26). O bode expiatório, conduzido para longe, levando os pecados da nação, tipifica o sacrifício de Cristo, que remove o pecado e a culpa de todos quantos se arrependerem (Sl 103.12; Is 53.6,11,12; Jo 1.29; Hb 9.26).

3) Os sacrifícios no Dia da Exiação proviam uma “cobertura” pelo pecado, e não a remoção do pecado. O sangue de Cristo derramado na cruz, no entanto, é a expiação plena e definitiva que Deus oferece à raça humana; expiação esta que remove o pecado de modo permanente (Hb 10.4, 10, 11). Cristo como sacrifício perfeito (Hb 9.26; 10.5-10) pagou a inteira penalidade dos nossos pecados (Rm 3.25,26; 6.23; Gl 3.13; 2Co 5.21) e levou a efeito o sacrifício expiado que afasta a ira de Deus, que nos reconcilia com Ele e que restaura nossa comunhão com Ele (Rm 5.6-11; 2Co 5.18,19; 1Pe 1.18,19; 1Jo 2.2).

4) O Lugar Santíssimo onde o sumo sacerdote entrava com sangue, para fazer expiação, representa o trono de Deus no céu. Cristo entrou nesse Lugar Santíssimo após sua morte e, com seu próprio sangue, fez expiação para o crente perante o trono de Deus (Ex 30.10; Hb 9.7,8,11,12,24-28). Visto



que os sacrifícios de animais tipificavam o sacrifício perfeito de Cristo pelo pecado e que se cumpriram no sacrifício de Cristo, não há mais necessidade de sacrifícios de animais depois da morte de Cristo na cruz (Hb 9:12-18).

Capítulo 10

Estudo Textual: Hebreus 10:1-39 Entremos Ousadamente no Santo dos Santos

Do que precisa o pecador? Ele precisa ser perdoado e purificado da culpa por seus pecados. Mas o perdão requer um sacrifício que seja capaz de satisfazer as exigências da justiça. A lei de Moisés não podia prover um sacrifício como esse. Sob aquela lei, o sangue dos animais era oferecido a Deus, mas o autor de Hebreus observa que tal sangue “não podia tirar meus pecados” (10:4,11). A repetição constante desses sacrifícios era uma lembrança contínua de que não eram adequados à remissão de pecados (10:1-3). Contudo, esses sacrifícios de animais eram “sombras” do sacrifício perfeito que seria oferecido por Jesus (10:1).

Deus não se alegrava com os sacrifícios oferecidos sob a lei de Moisés, no sentido em que eles eram inadequados para pagar a pena pelos pecados cometidos. Jesus, contudo, veio a este mundo e foi totalmente obediente ao Pai (10:9). Como resultado, ele foi capaz de oferecer a si mesmo, isto é, uma vida imaculada pelo pecado, como um sacrifício perfeito. Diferente dos sacrifícios do Velho Testamento, Jesus ofereceu a si mesmo uma única vez, porque seu sacrifício garantia a remissão dos pecados (10:10-12,14,18).

Sob a lei de Moisés, somente ao sumo sacerdote era permitido entrar na parte do tabernáculo conhecida como o Santo dos Santos, e ele tinha que ser ceremonialmente purificado antes que pudesse entrar na presença de Deus ali. O sacrifício de Jesus tornou possível para nós nos aproximarmos de Deus, e finalmente entrar ousadamente no próprio céu, purificados pelo sangue de Jesus Cristo de todos os nossos pecados (10:19-22; veja 9:24-26).

É importante que nos encorajemos uns aos outros para permanecermos firmes em nossa esperança de entrar na presença de Deus no céu. O Senhor deseja que os cristãos se reúnam regularmente de modo a encorajar uns aos outros ao amor e às boas obras. O escritor de Hebreus observa que alguns cristãos tinham parado de se reunir com os outros santos (10:23-25).

Se nós, que fomos santificados pelo sangue de Jesus através de nossa obediência ao evangelho, mais tarde rejeitarmos seu sacrifício e retornarmos ao mundo ou mesmo à lei de Moisés, o que mais ficará como sacrifício pelo pecado? Absolutamente nada! Quando os israelitas rejeitavam a lei de Moisés, o castigo era certo (10:28). O que fará Deus com aqueles que rejeitam o sacrifício perfeito de Jesus, seu Filho unigênito? O castigo será ainda mais certo e horrível (10:26-31).

Temos que permanecer fiéis até o fim, apesar da perseguição e tribulação. Os cristãos que receberam primeiro esta epístola tinham sofrido no passado; o escritor inspirado encoraja-os a não desistir para que possam receber a promessa (10:32-36). Mais uma vez ele afirma não somente que é possível afastar-se de Cristo, mas também que essa pessoa será perdida (10:39).

Perguntas para estudar

1. Podem os sacrifícios de animais tirar nossos pecados?
2. Por que Jesus teve que se oferecer apenas uma vez?
3. Por que os cristãos precisam encontrar-se?
4. É possível a quem foi santificado pelo sangue de Jesus mais tarde calcar aos pés o Filho de Deus?



10.1 SACRÍFIOS QUE CONTINUAMENTE SE OFERECEM. Para comentário sobre os propósitos dos sacrifícios no AT.

10.4 O SANGUE DOS TOUROS. O sangue de animais era apenas uma provisão ou expiação temporária pelos pecados do povo; em última análise, era necessário um homem para servir como substituto da humanidade.

Por isso, Cristo veio à terra e nasceu como homem a fim de que pudesse oferecer-se a si mesmo em nosso lugar (2.9,14). Além disso, somente um homem isento de pecado poderia tomar sobre si nosso castigo pelo pecado (2.14-18; 4.15) e, assim, de modo suficiente e perfeito, satisfazer as exigências da santidade de Deus (Rm 3.25,26)

10.5-10 SACRIFÍCIO E OFERTA. Salmos 40.6-8 é citado para comprovar que o sacrifício voluntário e obediente de Jesus Cristo é melhor do que os sacrifícios involuntários de animais, no AT.

10.14 APERFEIÇOARAM PARA SEMPRE OS... SANTIFICADOS. A oferenda única de Cristo na cruz e seu resultado (a salvação perfeita) são eternamente eficazes. A salvação perfeita em Cristo é outorgada a todos quantos estão sendo santificados ao se chegarem a Deus por meio de Cristo (v. 22; 7.25). Note que a palavra no grego "santificar", aqui e no versículo 10, são participios presentes que enfatizam a ação contínua no tempo presente.

10.19 TENDO... OUSADIA. Contrastando com o acesso limitado a Deus que os israelitas tinham, Cristo, ao dar sua vida por nós como sacrifício perfeito, abriu o caminho para a própria presença de Deus e para o trono da graça. Por isso, nós, como crentes, podemos constantemente com gratidão chegar-nos a Deus em oração.

10.22 CHEGUEMO-NOS. São inseparáveis a fé e nossa aproximação a Deus mediante Jesus Cristo.

1) A fé é definida como achegar-se sinceramente a Deus, crendo na sua bondade (11.6). Ao chegar-nos a Deus mediante Cristo, achamos misericórdia, graça, ajuda (4.16; 7.19; 10.1), salvação (7.25), santificação (10.14) e purificação (10.22).

2) Isso subentende claramente que, quando a pessoa não se aproxima de Deus em oração e em comunhão com Cristo, não tem fé salvífica (10.38). O próprio Jesus nivela a fé à oração contrita a Deus (Lc 18.7,8).

10.25 QUANTO VEDES QUE SE VAI APROXIMANDO AQUELE DIA. O dia da volta de Cristo para buscar os seus fiéis está se aproximando. Até chegar esse dia, enfrentaremos muitas provações espirituais e muitas falsificações na doutrina. Devemos congregar regularmente para nos encorajar mutuamente e nos firmar em Cristo e na fé apostólica do novo concerto.

10.26 SE PECARMOS VOLUNTARIAMENTE. O escritor de Hebreus volta a advertir seus leitores sobre o caso de abandonar a Cristo, como fizeram em 6.4-8.

10.29 PISAR O FILHO DE DEUS. Continuar a pecar deliberadamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade (v. 26) é:

- 1)** tornar-se culpado de pisar Jesus Cristo, tratá-lo com desprezo e menosprezar sua vida e morte;
- 2)** ter o sangue de Cristo como indigno da nossa lealdade.



3) insultar o Espírito Santo e rebelar-se contra Ele, o qual comunica a graça de Deus ao nosso coração.

10.38 O JUSTO VIVERÁ DA FÉ. Este princípio fundamental, afirmado quatro vezes nas Escrituras (Hc 2.4; Rm 1.7; Gl 3.11; Hb 10.38), governa o nosso relacionamento com Deus e nossa participação na salvação provida por Jesus Cristo.

1) Esta verdade fundamental afirma que os justos obterão a vida eterna por se aproximarem fielmente de Deus com um coração sincero e crente (10.22).

2) Quanto àquele que abandona a Cristo e deliberadamente continua pecando, Deus "não tem prazer nele" e incorrerá na condenação eterna (vv. 38,39).

Capítulo 11

Estudo Textual: Hebreus 11:1-40

Fé Obediente

Palavras de encorajamento podem ajudar uma pessoa a se comportar bem, mas um bom exemplo é ainda mais poderoso. O autor de Hebreus concluiu o capítulo 10 observando que ele só viverá pela fé (Habacuque 2:4), o tipo de fé que leva uma pessoa a perseverar na obediência ao Senhor até o fim. Somente então se receberá a recompensa prometida (Hebreus 10:35-39). No capítulo 11 ele ilustra esse tipo de fé observando os exemplos de homens e mulheres do Velho Testamento.

A fé nos permite esperar aquelas coisas que não podemos ver (11:1; Romanos 8:24). Se não podemos ver aquilo em que temos esperança, como saber que isso existe ou que o receberemos? A função da fé é que ela substitui a prova objetiva da coisa na qual temos esperança. O autor ilustra o papel da fé quando ele observa que cremos que o universo foi criado pela palavra de Deus porque as Escrituras revelam esse fato e temos confiança na veracidade tanto de Deus como de sua palavra.

Começando com Abel, o escritor cita exemplos específicos de fé. Mas o autor não está escrevendo sobre fé "morta" (Tiago 2:26); em cada caso ele observa que foi a obediência a Deus que resultou da fé (11:4-31). Por exemplo:

- Abel ofereceu mais excelente sacrifício (11:4)
- Enoque agradou a Deus (11:5)
- Noé aparelhou uma arca (11:7)
- Abraão obedeceu, peregrinou, ofereceu (11:8,9,17)
- Moises celebrou a Páscoa (11:28)
- Os israelitas capturaram Jericó (11:30)

Os exemplos de fé obediente são muito numerosos para serem todos listados e, assim, o autor conclui mencionado em geral alguns dos modos pelos quais os indivíduos tinham obedecido a Deus, apesar das provações envolvidas (11:32-38). Cada uma destas pessoas não somente creu que Deus existia, mas creu nas promessas que ele fez (11:6). Algumas delas perceberam que não receberiam essas promessas durante sua vida, mas assim mesmo confiaram em Deus e agiram de acordo (11:13-16,22,35).

O autor conclui o capítulo afirmando que, apesar da sua fé impressionante, todas essas pessoas esperaram o cumprimento da promessa, isto é, a vinda do Messias e de seu reino (11:39).



Seus leitores, que já estavam gozando das bênçãos espirituais em Cristo, precisavam imitar a fé daquelas pessoas do Velho Testamento!

Perguntas para estudar

1. Como os antigos conseguiram um bom testemunho?
2. Neste capítulo, o que sempre acompanhou a fé?
3. Como Noé demonstrou sua fé?
4. Quem ofereceu seu filho unigênito em obediência a Deus?

11.1 ORA, A FÉ É. O capítulo 11 demonstra a natureza do único tipo de fé aceita por Deus e que triunfará na pior das situações. É uma fé que crê nas realidades espirituais (v. 1), que leva à justiça (v. 4), que busca a Deus (v. 6), que crê na sua bondade (v. 6), que tem confiança na sua palavra (vv. 7,11), que obedece aos seus mandamentos (v. 8), que vive segundo as promessas de Deus (vv. 13,29), que rejeita o espírito deste presente mundo mau (v. 13), que busca um lar celestial (vv. 14-16; 13.13,14), que abençoa a geração seguinte (v. 21), que recusa os prazeres do pecado (v. 25), que suporta a perseguição (v. 27), que pratica poderosos atos de justiça (vv. 33-35), que sofre por amor a Deus (vv. 25,35-38) e que não volta àquela pátria donde haviam saído, isto é, o mundo.

11.3 OS MUNDOS, PELA PALAVRA DE DEUS, FORAM CRIADOS. A fé pela qual entendemos que Deus criou o mundo é a fé na revelação divinamente inspirada que se acha em Gn 1 e outros trechos das Escrituras (Sl 33.6,9; Is 55.11)

11.4 OFERECEU A DEUS MAIOR SACRIFÍCIO. Deus aceitou o sacrifício de Abel, porque este era justo, dedicado e obediente a Ele (Pv 15.8; Mt 23.35; 1 Jo 3.12).

11.6 CREIA QUE ELE EXISTE. Este versículo descreve as convicções integrantes da fé salvífica.

1) Devemos crer na existência de um Deus pessoal, infinito e santo, que tem cuidado de nós.

2) Devemos crer que Ele nos galardoará quando o buscamos com sinceridade, sabendo que nosso maior galardão é a alegria e a presença do próprio Deus. Ele é nosso escudo e nossa grande recompensa (Gn 15.1; Dt 4.29; Mt 7.7,8; Jo 14.21).

3) Devemos buscar a Deus com diligência e desejar ansiosamente a sua presença e graça.

11.8 PELA FÉ ABRAÃO... OBEDECEU. A fé e a obediência são inseparáveis entre si, assim como também são inseparáveis a incredulidade e a desobediência (3.18,19; Jo 3.36).

11.10 PORQUE ESPERAVA A CIDADE. Abraão sabia que a terra que lhe fora prometida, aqui no mundo, não era o fim da sua jornada. Pelo contrário, o fim era bem além, na cidade celestial, que Deus preparara para seus servos fiéis. Abraão serve de exemplo a todo o povo de Deus; devemos reconhecer que estamos apenas de passagem neste mundo, caminhando para nosso verdadeiro lar no céu. Não devemos pensar em segurança plena neste mundo, nem ficar fascinados por ele (vv. 14,16; 13.14). Devemos nos considerar estrangeiros e exilados na terra. Esta não é a nossa pátria, mas território estrangeiro; o fim da nossa peregrinação será uma pátria melhor (v.16), a "Jerusalém celestial" (12.22) e a "cidade permanente" (13.14).



11.13 SEM TEREM RECEBIDO AS PROMESSAS. Estes santos do AT morreram, crendo que Deus tinha algo melhor reservado para eles. Durante a sua vida, não viram a prometida bênção final dos redimidos. Sua esperança estava firmada na vida eterna com Deus, numa pátria celestial e tinham seus olhos fixos na sua cidadania no novo céu e na nova terra (vv. 13-16; Is 65.17; 66.22; Fp 3.20; Ap 21.1).

Os crentes, em nossos dias, da mesma forma, devem perseverar na fé e confiar em Deus, mesmo quando não veem todas as promessas de Deus cumpridas em suas vidas. A fé que Deus aprova é aquela que pode deixar nas suas mãos as suas promessas, para Ele as cumprir segundo a sua vontade.

11.16 DEUS NÃO SE ENVERGONHA DELES. Aqueles que honraram a Deus, vivendo como "peregrinos e forasteiros" (1 Pe 2.11) e desejando uma pátria melhor, Deus os honrará, chamando-se a si mesmo o seu Deus. Ele não se envergonhará de chamá-los seus próprios filhos (Ex 3.6).

11.25 TER O GOZO DO PECADO. Todo crente tem que, repetidas vezes, fazer a escolha de, ou desfrutar dos prazeres passageiros do pecado, ou sofrer, obedecendo continuamente à vontade de Deus (Gl 5.17).

11.35 UNS FORAM TORTURADOS. Deus permitiu que alguns dos seus filhos fiéis experimentassem grandes sofrimentos e provações. Embora desfrutassem da comunhão com Deus, Ele não livrou a todos do sofrimento e da morte (vv. 35-39).

1) Note que, pela fé, alguns "*escaparam do fio da espada*" (v. 34) e, também pela fé, alguns foram "*mortos a fio de espada*" (v. 37). Pela fé, um foi livrado; e também pela fé, outro foi morto (1 Rs 19.10; Jr 26.23; At 12.2). A fé verdadeira não somente levará os crentes a fazerem grandes coisas para Deus (vv. 33-35), mas também, às vezes, os levará a sofrimentos, perseguições, aflições e privações (vv. 35-39; Sl 44.22; Rm 8.36; Mt 5.10).

2) A fidelidade a Deus não garante conforto nem livramento da perseguição neste mundo. Ela nos garante, no entanto, a graça, ajuda e força de Deus em tempos de perseguição, de provações ou de sofrimentos (12.2; Jr 20.1,7,8; 37.13-15; 38.5; 2 Co 6.9)

11.38 ERRANTES PELOS DESERTOS... CAVERNAS. Os santos fiéis de Deus recusaram-se a conformar-se com os decadentes padrões do mundo e a desfrutar dos seus prazeres imorais, e, em troca disso, receberam o desprezo e as aflições do mundo. Porque rejeitavam o mundo, eram rejeitados pelo mundo. Embora houvesse bênçãos prometidas aos fiéis no AT (Dt 29.9; Js 1.8), tiveram de suportar aflições e privações (vv. 35-38). No NT, os fiéis são ensinados a esperar adversidades (2 Tm 3.12), a se identificarem com a cruz (Mt 10.38; Gl 2.20) e seguir o "*homem de dores*" (Is 53.3; Hb 12.2).

11.40 ELES SEM NÓS. Todos os santos do AT morreram sem receber todas as bênçãos e promessas de Deus. Mas com a morte e ressurreição de Cristo, Ele obteve a perfeita salvação para eles, os quais receberão sua herança integral conosco no novo céu e na nova terra (Ap 20-22).

O SOFRIMENTO DOS JUSTOS

"Então, saiu Satanás da presença do SENHOR e feriu a Jó de uma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. E Jó, tomando um pedaço de telha para raspar com ele as feridas, assentou-se no meio da cinza." Jó 2.7,8



A fidelidade a Deus não é garantia de que o crente não passará por aflições, dores e sofrimentos nesta vida (At 28.16). Na realidade, Jesus ensinou que tais coisas poderão acontecer ao crente (Jo 16.1-4,33). A Bíblia contém numerosos exemplos de santos que passaram por grandes sofrimentos, por diversas razões por exemplo, José, Davi, Jó, Jeremias e Paulo.

POR QUE OS CRENTES SOFREM? São diversas as razões por que os crentes sofrem.

1) O crente experimenta sofrimento como uma decorrência da queda de Adão e Eva. Quando o pecado entrou no mundo, entrou também a dor, a tristeza, o conflito e, finalmente, a morte sobre o ser humano (Gn 3.16-19). A Bíblia afirma o seguinte: *"Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram"* (Rm 5.12). Realmente, a totalidade da criação greme sob os efeitos do pecado, e anseia por um novo céu e nova terra (Rm 8.20-23; 2Pe 3.10-13). É nosso dever sempre recorrermos à graça, fortaleza e consolo divinos (1Co 10.13).

2) Certos crentes sofrem pela mesma razão que os descrentes sofrem, isto é, consequência de seus próprios atos. A lei bíblica *"Tudo o que o homem semear, isso também ceifará"* (Gl 6.7) aplica-se a todos de modo geral. Se guiarmos com imprudência o nosso automóvel, poderemos sofrer graves danos. Se não formos comedidos em nossos hábitos alimentares, certamente vamos ter graves problemas de saúde. É nosso dever sempre proceder com sabedoria e de acordo com a Palavra de Deus e evitar tudo o que nos privaria do cuidado providente de Deus.

3) O crente também sofre, pelo menos no seu espírito, por habitar num mundo pecaminoso e corrompido. Por toda parte ao nosso redor estão os efeitos do pecado. Sentimos aflição e angústia ao vermos o domínio da iniquidade sobre tantas vidas (Ez 9.4; At 17.16; 2Pe 2.8). É nosso dever orar a Deus para que Ele suplante vitoriosamente o poder do pecado.

4) Os crentes enfrentam ataques do diabo.

As Escrituras claramente mostram que Satanás, como *"o deus deste século"* (2Co 4.4), controla o presente século mau (1Jo 5.19; Gl 1.4; Hb 2.14). Ele recebe permissão para afligir crentes de várias maneiras (1Pe 5.8,9). Jó, um homem reto e temente a Deus, foi atormentado por Satanás por permissão de Deus (ver principalmente Jó 1—2). Jesus afirmou que uma das mulheres por Ele curada estava presa por satanás há dezoito anos (Lc 13.11,16).

Paulo reconhecia que o seu espinho na carne era *"um mensageiro de Satanás, para me esbofetejar"* (2Co 12.7). À medida em que travamos guerra espiritual contra *"os príncipes das trevas deste século"* (Ef 6.12), é inevitável a ocorrência de adversidades. Por isso, Deus nos proveu de armadura espiritual (Ef 6.10-18; 6.11) e armas espirituais (2Co 10.3-6). É nosso dever revestir-nos de toda armadura de Deus e orar (Ef 6.10-18), decididos a permanecer fiéis ao Senhor, segundo a força que Ele nos dá. Satanás e seus seguidores se comprazem em perseguir os crentes.

Os que amam ao Senhor Jesus e seguem os seus princípios de verdade e retidão serão perseguidos por causa da sua fé. Evidentemente, esse sofrimento por causa da justiça pode ser uma indicação da nossa fiel devoção a Cristo (Mt 5.10). É nosso dever, uma vez que todos os crentes também são chamados a sofrer perseguição e desprezo por causa da justiça, continuar firmes, confiando naquele que julga com justiça (Mt 5.10,11; 1Co 15.58; 1Pe 2.21-23).

5) De um ponto de vista essencialmente bíblico, o crente também sofre porque *"nós temos a mente de Cristo"* (1Co 2.16). Ser cristão significa estar em Cristo, estar em união com Ele; nisso, compartilhamos dos seus sofrimentos (1Pe 2.21). Por exemplo, assim como Cristo chorou em agonia por causa da cidade ímpia de Jerusalém, cujos habitantes se recusavam a arrepender-se e a aceitar a salvação (Lc 19.41), também devemos chorar pela pecaminosidade e condição perdida



da raça humana. Paulo incluiu na lista de seus sofrimentos por amor a Cristo (2Co 11.23-32) a sua preocupação diária pelas igrejas que fundara: “*quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me abrase?*” (2Co 11.29). Semelhante angústia mental por causa daqueles que amamos em Cristo deve ser uma parte natural da nossa vida: “*chorai com os que choram*” (Rm 12.15). Realmente, compartilhar dos sofrimentos de Cristo é uma condição para sermos glorificados com Cristo (Rm 8.17). É nosso dever dar graças a Deus, pois, assim como os sofrimentos de Cristo são nossos, assim também nosso é o seu consolo (2Co 1.5).

6) Deus pode usar o sofrimento como catalisador para o nosso crescimento ou melhoramento espiritual.

a) Frequentemente, Ele emprega o sofrimento a fim de chamar a si o seu povo desgarrado, para arrependimento dos seus pecados e renovação espiritual (ver o livro de Juízes). É nosso dever confessar nossos pecados conhecidos e examinar nossa vida para ver se há alguma coisa que desagrada o Espírito Santo.

b) Deus, às vezes, usa o sofrimento para testar a nossa fé, para ver se permanecemos fiéis a Ele. A Bíblia diz que as provações que enfrentamos são “*a prova da vossa fé*” (Tg 1.3; 1.2); elas são um meio de aperfeiçoamento da nossa fé em Cristo (Dt 8.3; 1Pe 1.7). É nosso dever reconhecer que uma fé autêntica resultará em “*louvor, e honra, e glória na revelação de Jesus Cristo*” (1Pe 1.7).

c) Deus emprega o sofrimento, não somente para fortalecer a nossa fé, mas também para nos ajudar no desenvolvimento do caráter cristão e da retidão. Segundo vemos nas cartas de Paulo e Tiago, Deus quer que aprendamos a ser pacientes mediante o sofrimento (Rm 5.3-5; Tg 1.3). No sofrimento, aprendemos a depender menos de nós mesmos e mais de Deus e da sua graça (Rm 5.3; 2Co 12.9).

É nosso dever estar afinados com aquilo que Deus quer que aprendamos através do sofrimento.

Deus também pode permitir que soframos dor e aflição para que possamos melhor consolar e animar outros que estão a sofrer (2Co 1.4). É nosso dever usar nossa experiência advinda do sofrimento para encorajar e fortalecer outros crentes.

7) Finalmente, Deus pode usar, e usa mesmo, o sofrimento dos justos para propagar o seu reino e seu plano redentor. Por exemplo: toda injustiça por que José passou nas mãos dos seus irmãos e dos egípcios faziam parte do plano de Deus “*para conservar vossa sucessão na terra e para guardar-vos em vida por um grande livramento*” (Gn 45.7).

O principal exemplo, aqui, é o sofrimento de Cristo, “*o Santo e o Justo*” (At 3.14), que experimentou perseguição, agonia e morte para que o plano divino da salvação fosse plenamente cumprido. Isso não exime da iniquidade aqueles que o crucificaram (At 2.23), mas indica, sim, como Deus pode usar o sofrimento dos justos pelos pecadores, para seus próprios propósitos e sua própria glória.

O RELACIONAMENTO DE DEUS COM O SOFRIMENTO DO CRENTE

1) O primeiro fato a ser lembrado é este: Deus acompanha o nosso sofrer. Satanás é o deus deste século, mas ele só pode afligir um filho de Deus pela vontade permissiva de Deus (1—2).



Deus promete na sua Palavra que Ele não permitirá sermos tentados além do que podemos suportar (1Co 10.13).

2) Temos também de Deus a promessa que Ele converterá em bem todos os sofrimentos e perseguições daqueles que o amam e obedecem aos seus mandamentos (Rm 8.28).

José verificou esta verdade na sua própria vida de sofrimento (Gn 50.20), e o autor de Hebreus demonstra como Deus usa os tempos de apertos da nossa vida para nosso próprio crescimento e benefício (Hb 12.5).

3) Além disso, Deus promete que ficará conosco na hora da dor; que andará conosco “*pelo vale da sombra da morte*” (Sl 23.4; Is 43.2).

VITÓRIA SOBRE O SOFRIMENTO PESSOAL. Se você está sob provações e aflições, que deve fazer para triunfar sobre tal situação?

1) Primeiro: examinar as várias razões por que o ser humano sofre e ver em que sentido o sofrimento concerne a você. Uma vez identificada a razão específica, você deve proceder conforme o contido em “É nosso dever”.

2) Creia que Deus se importa sobremaneira com você, independente da severidade das suas circunstâncias (Rm 8.36; 2Co 1.8-10; Tg 5.11; 1Pe 5.7). O sofrimento nunca deve fazer você concluir que Deus não lhe ama, nem o rejeitar como seu Senhor e Salvador.

3) Recorra a Deus em oração sincera e busque a sua face. Espere Ele até que liberte você da sua aflição (Sl 27.8-14; 40.1-3; 130).

4) Confie que Deus lhe dará a graça para suportar a aflição até chegar o livramento (1Co 10.13; 2Co 12.7-10). Convém lembrar de que sempre “*somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou*” (Rm 8.37; Jo 16.33). A fé cristã não consiste na remoção de fraquezas e sofrimento, mas na manifestação do poder divino através da fraqueza humana (2Co 4.7).

5) Leia a Palavra de Deus, principalmente os salmos de conforto em tempos de lutas (por exemplo, Sl 11; 16; 23; 27; 40; 46; 61; 91; 121; 125; 138).

6) Busque revelação e discernimento da parte de Deus referente à sua situação específica — mediante a oração, as Escrituras, a iluminação do Espírito Santo ou o conselho de um santo e experiente irmão.

7) No sofrimento, lembre-se da predição de Cristo, de que você terá aflições na sua vida como crente (Jo 16.33).

Aguarde com alegria aquele ditoso tempo quando “*Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor*” (Ap 21.4).

FÉ E GRAÇA

“*Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.*” **Rm 5.21**



A salvação é um dom da graça de Deus, mas somente podemos recebê-la em resposta à fé, do lado humano. Para entender corretamente o processo da salvação, precisamos entender essas duas palavras: Fé e Graça

FÉ SALVÍFICA. A fé em Jesus Cristo é a única condição prévia que Deus requer do homem para a salvação.

A fé não é somente uma confissão a respeito de Cristo, mas também uma ação dinâmica, que brota do coração do crente que quer seguir a Cristo como Senhor e Salvador (Mt 4.19; 16.24; Lc 9.23-25; Jo 10.4, 27; 12.26; Ap 14.4).

1) O conceito de fé no NT abrange quatro elementos principais:

a) Fé significa crer e confiar firmemente no Cristo crucificado e ressurreto como nosso Senhor e Salvador pessoal (Rm 1.17). Importa em crer de todo coração (At 8.37; Rm 6.17; Ef 6.6; Hb 10.22), ou seja: entregar a nossa vontade e a totalidade do nosso ser a Jesus Cristo tal como Ele é revelado no NT.

b) Fé inclui arrependimento, isto é, desviar-se do pecado com verdadeira tristeza (At 17.30; 2Co 7.10) e voltar-se para Deus através de Cristo. Fé salvífica é sempre fé mais arrependimento (At 2.37,38; Mt 3.2).

c) A fé inclui obediência a Jesus Cristo e à sua Palavra, como maneira de viver inspirada por nossa fé, por nossa gratidão a Deus e pela obra regeneradora do Espírito Santo em nós (Jo 3.3-6; 14.15, 21-24; Hb 5.8,9). É a “*obediência que provém da fé*” (Rm 1.5). Logo, fé e obediência são inseparáveis (Rm 16.26). A fé salvífica sem uma busca dedicada da santificação é ilegítima e impossível.

d) A fé inclui sincera dedicação pessoal e fidelidade a Jesus Cristo, que se expressam na confiança, amor, gratidão e lealdade para com Ele. A fé, no seu sentido mais elevado, não se diferencia muito do amor. É uma atividade pessoal de sacrifício e de abnegação para com Cristo (Mt 22.37; Jo 21.15-17; At 8.37; Rm 6.17; Gl 2.20; Ef 6.6; 1Pe 1.8).

2) A fé em Jesus como nosso Senhor e Salvador é tanto um ato de um único momento, como uma atitude contínua para a vida inteira, que precisa crescer e se fortalecer (Jo 1.12). Porque temos fé numa Pessoa real e única que morreu por nós (Rm 4.25; 8.32; 1Ts 5.9,10), nossa fé deve crescer (Rm 4.20; 2Ts 1.3; 1Pe 1.3-9). A confiança e a obediência transformam-se em fidelidade e devoção (Rm 14.8; 2Co 5.15); nossa fidelidade e devoção transformam-se numa intensa dedicação pessoal e amorosa ao Senhor Jesus Cristo (Fp 1.21; 3.8-10; Jo 15.4; Gl 2.20).

GRAÇA. No AT Deus revelou-se como o Deus da graça e misericórdia, demonstrando amor para com o seu povo, não porque este merecesse, mas por causa da fidelidade de Deus à sua promessa feita Abraão, Isaque e Jacó (Ex 6.9). Os escritores bíblicos dão prosseguimento ao tema da graça como sendo a presença e o amor de Deus em Cristo Jesus, transmitidos aos crentes pelo Espírito Santo, e que lhes outorga misericórdia, perdão, querer e poder para fazer a vontade de Deus (Jo 3.16; 1Co 15.10; Fp 2.13; 1Tm 1.15,16). Toda atividade da vida cristã, desde o seu início até o fim, depende desta graça divina.

1) Deus concede uma medida da sua graça como dádiva aos incrédulos (1Co 1.4; 15.10), a fim de poderem crer no Senhor Jesus Cristo (Ef 2.8,9; Tt 2.11; 3.4).



2) Deus concede graça ao crente para que seja “*liberto do pecado*” (Rm 6.20, 22), para que nele opere “*tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade*” (Fp 2.13; Tt 2.11,12; Mt 7.21, nota sobre a obediência como um dom da graça de Deus), para orar (Zc 12.10), para crescer em Cristo (2Pe 3.18) e para testemunhar de Cristo (At 4.33; 11.23).

3) Devemos diligentemente desejar e buscar a graça de Deus (Hb 4.16). Alguns dos meios pelos quais o crente recebe a graça de Deus são: estudar as Escrituras Sagradas e obedecer aos seus preceitos (Jo 15.1-11; 20.31; 2Tm 3.15), ouvir a proclamação do evangelho (Lc 24.47; At 1.8; Rm 1.16; 1Co 1.17,18), orar (Hb 4.16; Jd v. 20), jejuar (Mt 4.2; 6.16), adorar a Cristo (Cl 3.16); estar continuamente cheio do Espírito Santo (Ef 5.18) e participar da Ceia do Senhor (At 2.42; Ef 2.9, sobre como opera a graça).

4) A graça de Deus pode ser resistida (Hb 12.15), recebida em vão (2Co 6.1), apagada (1Ts 5.19), anulada (Gl 2.21) e abandonada pelo crente (Gl 5.4).

Capítulo 12

Estudo Textual: Hebreus 12:1-29

Corramos a Corrida

O escritor de Hebreus completou seu argumento principal no capítulo dez. Nos capítulos anteriores ele demonstrou a superioridade de Jesus sobre os profetas do Velho Testamento, os anjos, Moisés e Arão. Ele demonstrou a natureza do sacerdócio de Jesus e a eficácia do seu sacrifício. Ele também apresentou argumentos para mostrar que a lei de Moisés tinha sido removida. Tendo reassegurado os hebreus de que eles estavam certos em abraçar Jesus, ele agora usa a figura de uma corrida para exortá-los a perseverar em sua vocação (12:1-4).

No capítulo onze ele citou os muitos exemplos de fé obediente, ou perseverança. Todas aquelas pessoas são testemunhas do fato de que a corrida pode ser vencida (12:1). O autor também encoraja seus leitores a “correr a corrida” com seus olhos fixos em Jesus, estimulando sua paciência no sofrimento (12:2-3a). Os hebreus estavam em perigo de ficarem cansados e desencorajados, ainda que não tivessem sofrido tanto como Jesus (12:3-4).

Os hebreus são advertidos a não serem desencorajados pela disciplina do Senhor, mas antes se lembrem do propósito dela (12:5, 10b-11). O autor observa a relação da punição com a condição de filho. A punição é um sinal de filiação; sua ausência indica que não se é filho (12:7-8). A punição não é agradável, mas desde que o castigo é geralmente aceito quando vem de pais carnais que cometem enganos, ele argumenta para chegar à mais certa conclusão de que os cristãos devem aceitar a punição de seu Pai celestial, que não comete tais enganos (12:9-11). Em vez de abandonar a corrida, isto é, voltar ao judaísmo, os hebreus precisam fazer esforços renovados para terminar a corrida (12:12-13).

O autor manda que os hebreus estejam em guarda para que nenhum deles acredite que possa gozar das bênçãos de Deus pela simples associação com o povo de Deus, em vez de ser por uma vida de fé e obediência (12:15; Deuteronômio 29:14-29). Estes cristãos precisavam também ter o adequado respeito pelas vantagens espirituais oferecidas pela nova aliança, em vez de seguirem o exemplo de Esaú que não teve nenhum cuidado com os privilégios espirituais (12:16-17; 10:29; Gênesis 25:29-34; 27:1-40).

Na verdade, os hebreus “*não tinham que chegar*” a um pacto entregue com impressionantes manifestações físicas (12:18-21; Êxodo 19:20), isto é, a lei de Moisés, mas antes a um pacto com superiores privilégios espirituais (12:22-24).



O autor completa o capítulo doze com a última das maiores advertências do seu livro (12:25-29). Não há escapatória para aqueles que desafiam Deus, rejeitando sua palavra.

Perguntas para estudar

1. Qual figura o autor usa para ilustrar a necessidade de perseverança?
2. A quem o Senhor castiga?
3. O que fez Esaú que demonstrou seu desinteresse pelas coisas espirituais?
4. O que é que não pode ser abalado?

12.1 A CARREIRA QUE NOS ESTÁ PROPOSTA. Esta corrida é o teste da fé neste mundo, que dura a vida inteira (10.23,38; 12.25; 13.13).

1) A corrida deve ser efetuada com "paciente" (gr. *hypomone*), ou seja, com perseverança e constância (10.36; Fp 3.12-14).

O caminho da vitória é o mesmo que o dos santos do capítulo 11 - esforçando-se para chegar até ao fim (6.11,12; 12.14; Lc 21.19; 1 Co 9.24,25; Fp 3.11-14; Ap 3.21).

2) Na corrida, devemos deixar de lado os pecados que nos atrapalham ou que nos fazem ficar para trás (v. 1) e fixarmos os olhos, nossas vidas e nossos corações em Jesus e no exemplo que Ele nos legou na terra, de obediência perseverante (vv. 1-4).

3) Na corrida, devemos estar conscientes de que o maior perigo que nos confronta é a tentação de ceder ao pecado (vv. 1,4), de voltar "*àquela pátria de onde haviam saído*" (11.15; Tg 1.12), e de nos tornar, de novo, cidadãos do mundo (11.13; Tg 4.4; 1 Jo 2.15; Hb 11.10).

12.2 OLHANDO PARA JESUS. Na nossa corrida da fé, olhamos para Jesus como:

1) nosso exemplo de confiança em Deus (Hb 2.13), de dedicação à vontade de Deus (Mc 14.36; 10.7-10), de oração (5.7; Mc 1.35; Jo 17), de vencer as tentações e os sofrimentos (2.10; 4.15), de perseverança na lealdade ao Pai (vv. 2,3) e de terminar a obra para a qual Deus nos chamou (v. 2; Lc 15.6,24,32; Jo 15.11); e

2) nossa fonte de energia, amor, graça, misericórdia e auxílio (4.16; 7.25; 10.22; Ap 3.21).

12.5 A CORREÇÃO DO SENHOR. Vejamos vários fatos a respeito da disciplina que Deus aplica aos crentes, e as dificuldades e aflições que Ele permite que soframos.

1) São um sinal de que somos filhos de Deus (vv. 7,8).

2) São uma garantia do amor e cuidado de Deus por nós (v. 6).

3) A disciplina do Senhor tem dois propósitos:

a) que não sejamos, por fim, condenados com o mundo (1 Co 11.31,32).

b) que compartilhemos da santidade de Deus e continuemos a viver uma vida santificada, sem a qual nunca veremos o Senhor (vv. 10,11,14).



4) Há dois possíveis resultados da disciplina do Senhor.

a) Podemos suportar as adversidades, às quais Deus nos leva, submeter-nos à sua vontade e continuarmos fiéis a Ele (vv. 5,6). Fazendo assim, continuaremos a viver como filhos espirituais de Deus (vv. 7-9), a compartilhar da sua santidade (v. 10); e produziremos então o fruto da justiça (v. 11).

b) Podemos desprezar a disciplina de nosso Pai (v. 5), rebelar-nos contra Ele por causa do sofrimento e da adversidade, e daí cairmos em apostasia (3.12-14; 12.25).

5) Andando na vontade de Deus, podemos sofrer adversidades:

a) como resultado da nossa guerra espiritual contra Satanás (Ef 6.11-18).

b) como teste para fortalecer a nossa fé (1 Pe 1.6,7) e as nossas obras (Mt 7.24-47; 1 Co 3.13-15); ou

c) como parte da nossa preparação para consolarmos o próximo (2 Co 1.3-5) e para manifestar a vida de Cristo (2 Co 4.8-10,12,16).

6) Em todos os tipos de adversidades, devemos buscar a Deus, examinar a nossa vida (2 Cr 26.5; Sl 3.4; 9.12; 34.17) e abandonar tudo quanto é contrário a sua santidade (vv. 10,14; Sl 66.18).

12.14 SEGUI... A SANTIFICAÇÃO Ser santo é estar separado do pecado e consagrado a Deus. É ficar perto de Deus, ser semelhante a Ele, e, de todo o coração, buscar sua presença, sua justiça e a sua comunhão. Acima de todas as coisas, a santidade é a prioridade de Deus para os seus seguidores (Ef 4.21-24).

1) A santidade foi o propósito de Deus para seu povo quando Ele planejou sua salvação em Cristo (Ef 1.4).

2) A santidade foi o propósito de Cristo para seu povo quando Ele veio a esta terra (Mt 1.21; 1 Co 1.2,30).

3) A santidade foi o propósito de Cristo para seu povo quando Ele se entregou por eles na cruz (Ef 5.25-27).

4) A santidade é o propósito de Deus, ao fazer de nós novas criaturas e nos conceder o Espírito Santo (Rm 8.2-15; Gl 5.16-25, Ef 2.10).

5) Sem santidade, ninguém poderá ser útil a Deus (2 Tm 2.20,21).

6) Sem santidade, ninguém terá intimidade nem comunhão com Deus (Sl 15.1,2).

7) Sem santidade, ninguém verá o Senhor (v. 14; Mt 5.8)

12.15 RAIZ DE AMARGURA. "Raiz de amargura" refere-se a um espírito e atitude caracterizados por animosidade e ressentimento intensos. Aqui, talvez se refira a ressentimento do crente contra a disciplina de Deus, ao invés de submissão humilde à sua vontade para nossa vida. A amargura pode ter como objeto pessoas da igreja. Isso prejudica a pessoa que está assim amargurada, isto é, deixando-a sem condições de entrar na presença de Deus em oração. A amargura entre um grupo



de crentes pode alastrar-se e corromper a muitos, destruindo a "santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (v. 14).

12.18-25 O MONTE PALPÁVEL. As circunstâncias aterradoras da outorga da lei (Ex 19.10-25; Dt 4.11,12; 5.22-26) e os aspectos do evangelho são aqui contrastados entre si. Quem, hoje, abandona o evangelho sofre piores consequências e perdas do que aqueles que rejeitavam a lei.

12.26-29 MOVEU... A TERRA. Deus um dia destruirá a presente ordem mundial e abalará o universo material, desfazendo-o (Ag 2.6 - 9.21). A presente configuração do mundo não é eterna; será destruída por fogo e substituída por um novo céu e uma nova terra (Ap 20.11; 21.1; 2 Pe 3.10-13). A única coisa que sobreviverá na sua forma presente será o reino de Deus e aqueles que a ele pertencem (v. 28).

Capítulo 13

Estudo Textual: Hebreus 13:1-25 Com Jesus Fora do Acampamento

Nos primeiros doze capítulos de Hebreus, o raciocínio do autor é muito lógico e bem encadeado, cada ponto levando ao próximo. Contudo, no capítulo treze, seu argumento é completado e parece que ele junta num só grupo uma série de exortações sem relação.

Em 13:1 e 3, os hebreus são exortados a continuar a mostrar seu amor fraternal, especialmente na forma de benevolência com os prisioneiros, que frequentemente eram forçados a depender de amigos para satisfazer suas necessidades. O autor também encoraja o costume da hospitalidade, afirmando que nem sempre se sabe as bênçãos que podem resultar (13:2; Gênesis 18:1-8, 22; 19:1). Ele adverte contra a imoralidade sexual e a ganância, observando que o Senhor prometeu nunca abandonar os cristãos (13:4-6).

Alguns dos seus leitores estavam pensando em retornar ao judaísmo, mas o escritor encoraja-os a considerar o resultado da fé daqueles que lhes ensinaram a Palavra de Deus. Ele garante aos seus leitores que eles podem esperar o mesmo prêmio por uma fidelidade semelhante, porque Jesus é imutável (13:7-8).

Em 13:10-14, o escritor faz uma breve exortação baseada no sistema sacrificial do Velho Testamento. A expressão "comer do altar" (13:10) se refere ao fato que aos sacerdotes levíticos era permitido comer partes de alguns dos sacrifícios oferecidos. Contudo, os sacerdotes não comiam da oferenda pelo pecado (Levítico 16:27); os corpos dos animais oferecidos no Dia da Exiação eram queimados fora do acampamento. O autor identifica Jesus como uma oferenda pelo pecado, observando que ele sofreu fora do acampamento (Jesus foi crucificado fora da cidade de Jerusalém). Para comer (gozar das bênçãos) desta oferenda perfeita pelo pecado deve-se sair do acampamento (deixar o judaísmo), um ato que envolveria alguma censura (13:12,13). Tal censura poderia significar pouco para aquela mente que está posta num lar celestial afinal (13:14). O ponto do autor é, claramente, que aqueles que desejam viver sob a Lei de Moisés não gozam as bênçãos do sacrifício de Cristo!

O serviço de um sacerdote é oferecer sacrifícios (5:1). Desde que os cristãos são sacerdotes espirituais (1 Pedro 2:5, 10) com Jesus como seu sumo sacerdote, eles precisam oferecer sacrifícios espirituais a Deus. O escritor identifica alguns destes sacrifícios (13:15-16; veja também Romanos 12:1).

Tendo recordado a seus leitores seus mestres do passado (13:7) e advertido sobre as "doutrinas estranhas" o autor ordena-lhes que obedeçam a aqueles que presentemente olham por



suas almas, isto é, os presbíteros (13:17). Ele conclui pedindo-lhes suas orações (13:18-19) e oferecendo uma oração por eles (13:20-21).

Perguntas para estudar

1. Quem mostrou hospitalidade aos anjos em Gênesis 18?
2. Que promessa o Senhor faz aos cristãos (13:5)?
3. Que tipo de sacrifícios os cristãos deverão oferecer a Deus?

13.1 A CARIDADE FRATERNAL. Na igreja do NT, os crentes consideravam uns aos outros como irmãos e irmãs em Cristo e assim se tratavam (1 Ts 4.9,10; 1 Pe 1.22; 2 Pe 1.7).

A fraternidade cristã provém do nosso mútuo relacionamento com o Pai e com o Filho (1.2). À medida que participamos da graça de Cristo, somos todos feitos juntamente com Ele, filhos e filhas e coerdeiros das bênçãos do Pai (1.2; Jo 1.12,13; Rm 8.14-17; Ef 1.5-7). Por causa dessa fraternidade, somos ensinados pelo Pai a nos amar uns aos outros (1 Ts 4.9; 1 Jo 4.11 Jo 13.34,35).

13.4 VENERADO SEJA O MATRIMÔNIO. Deus tem elevados padrões para seu povo, quanto ao casamento e à sexualidade. Para um tratamento desse importante assunto vamos ver:

PADRÕES DE MORALIDADE SEXUAL

“Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará”. Hb 13.4

O crente, antes de qualquer coisa, precisa ser moral e sexualmente puro (2Co 11.2; Tt 2.5; 1Pe 3.2). A palavra “puro” (gr. *hagnos* ou *amiantos*) significa livre de toda mácula da lascívia. O termo refere-se a abstenção de todos os atos e pensamentos que incitam desejos incompatíveis com a virgindade e a castidade ou com os votos matrimoniais da pessoa. Refere-se, também, ao domínio próprio e a abstenção de qualquer atividade sexual que contamina a pureza da pessoa diante de Deus. Isso abrange o controle do corpo *“em santificação e honra”* (1Ts 4.4) e não em concupiscência (4.5). Este ensino das Escrituras é tanto para os solteiros, como para os casados. No tocante ao ensino bíblico sobre a moral sexual, vejamos o seguinte:

1) A intimidade sexual é limitada ao matrimônio. Somente nesta condição ela é aceita e abençoada por Deus (Gn 2.24; Ct 2.7; 4.12). Mediante o casamento, marido e mulher tornam-se uma só carne, segundo a vontade de Deus. Os prazeres físicos e emocionais normais, decorrentes do relacionamento conjugal fiel, são ordenados por Deus e por Ele honrados.

2) O adultério, a fornicação, o homossexualismo, os desejos impuros e as paixões degradantes são pecados graves aos olhos de Deus por serem transgressões da lei do amor (Ex 20.14) e profanação do relacionamento conjugal. Tais pecados são severamente condenados nas Escrituras (Pv 5.3) e colocam o culpado fora do reino de Deus (Rm 1.24-32; 1Co 6.9,10; Gl 5.19-21).

3) A imoralidade e a impureza sexual não somente incluem o ato sexual ilícito, mas também qualquer prática sexual com outra pessoa que não seja seu cônjuge. Há quem ensine, em nossos dias, que qualquer intimidade sexual entre jovens e adultos solteiros, tendo eles mútuo “compromisso”, é aceitável, uma vez que não haja ato sexual completo. Tal ensino peca contra a santidade de Deus e o padrão bíblico da pureza. Deus proíbe, explicitamente, *“descobrir a nudez”*



ou “ver a nudez” de qualquer pessoa a não ser entre marido e mulher legalmente casados (Lv 18.6-30; 20.11, 17, 19-21; 18.6).

4) O crente deve ter autocontrole e abster-se de toda e qualquer prática sexual antes do casamento. Justificar intimidade pré-marital em nome de Cristo, simplesmente com base num “compromisso” real ou imaginário, é transigir abertamente com os padrões santos de Deus. É igualar-se aos modos impuros do mundo e querer deste modo justificar a imoralidade. Depois do casamento, a vida íntima deve limitar-se ao cônjuge. A Bíblia cita a temperança como um aspecto do fruto do Espírito, no crente, isto é, a conduta positiva e pura, contrastando com tudo que representa prazer sexual imoral como libidinagem, fornicação, adultério e impureza. Nossa dedicação à vontade de Deus, pela fé, abre o caminho para recebermos a bênção do domínio próprio: “temperança” (Gl 5.22-24).

5) Termos bíblicos descritivos da imoralidade e que revelam a extensão desse mal.

a) Fornicação (gr. *porneia*). Descreve uma ampla variedade de práticas sexuais, pré ou extramaritais. Tudo que significa intimidade e carícia fora do casamento é claramente transgressão dos padrões morais de Deus para seu povo (Lv 18.6-30; 20.11,12, 17, 19-21; 1Co 6.18; 1Ts 4.3).

b) A lascívia (gr. *aselgeia*) denota a ausência de princípios morais, principalmente o relaxamento pelo domínio próprio que leva à conduta virtuosa (1Tm 2.9, sobre a modéstia). Isso inclui a inclinação à tolerância quanto a paixões pecaminosas ou ao seu estímulo, e deste modo a pessoa torna-se partícipe de uma conduta antibíblica (Gl 5.19; Ef 4.19; 1Pe 2.2,18).

c) Enganar, aproveitar-se de uma pessoa, ou explorá-la (gr. *pleonekteo*, 1Ts 4.6), significa privá-la da pureza moral que Deus pretendeu para essa pessoa, para a satisfação de desejos egoístas. Despertar noutra pessoa estímulos sexuais que não possam ser correta e legitimamente satisfeitos, significa explorá-la ou aproveitar-se dela (1Ts 4.6; Ef 4.19).

d) A lascívia ou cobiça carnal (gr. *epithumia*) é um desejo carnal imoral que a pessoa daria vazão se tivesse oportunidade (Ef 4.22; 1Pe 4.3; 2Pe 2.18; Mt 5.28).

13.5 SEM AVAREZA. Note que a admoestação para se ficar livre do amor ao dinheiro, segue-se à exortação contra a imoralidade (v. 4).

A avareza e a imoralidade têm estreita conexão entre si no NT (1 Co 5.11; 6.9,10; Ef 5.3; Cl 3.5).

Com grande frequência o amor à abundância e ao luxo, bem como a busca constante de riqueza, fazem da pessoa presa fácil dos pecados sexuais (1 Tm 6.6-10).

13.6 O SENHOR É O MEU AJUDADOR. Não importa quão limitadas sejam nossas possessões terrenas, nem quão difíceis sejam as nossas circunstâncias, nunca devemos temer que Deus nos deixará ou nos abandonará (Js 1.5).

As Escrituras declaram que o Pai celestial tem cuidado de nós. Por isso, podemos dizer juntamente com o escritor de Hebreus, que brada com o salmista: “*O Senhor é o meu ajudador e não temerei*”. Essa afirmação pode ser feita com confiança em tempos de necessidade, de aflição, de provações ou de adversidade (Mt 6.30,33).



13.8 JESUS CRISTO É O MESMO. A verdade de que Jesus Cristo nunca muda é qual âncora segura para nossa fé. Significa que os crentes dos nossos dias não devem se dar por satisfeitos, antes de experimentarem a mesma salvação, comunhão com Deus, batismo no Espírito Santo e o poder que os crentes do NT experimentavam no servir a Deus, mediante Cristo Jesus.

13.12 SANTIFICAR O POVO. Jesus sofreu na cruz fora da porta da cidade de Jerusalém para que sejamos santificados, isto é, separados da antiga vida pecaminosa e dedicados a servir a Deus

13.13 SAIAMOS. Ser seguidor de Cristo envolve sair "fora do arraial". Para esses cristãos judeus, o "arraial" representava o judaísmo. Para nós, representa o mundo com todos os seus prazeres pecaminosos, valores iníquos e alvos temporais. Devemos levar o vitupério de Cristo a fim de segui-lo, ter o seu mesmo sentimento, ser seu amigo, identificar-nos com Ele e anunciar ao mundo nossa dedicação aos seus padrões e propósitos. Ao sairmos fora da porta, percebemos que somos estrangeiros e exilados na terra (v.14; 11.13). Todavia, não estamos sem cidade, porque buscamos uma cidade futura, que tem fundamentos, "da qual o artífice e construtor é Deus?" (11.10,14,16; 13.14).

13.17 OBEDECEI A VOSSOS PASTORES. A obediência e a fidelidade aos líderes cristãos, aos pastores e mestres, devem basear-se numa superior lealdade a Deus. A lealdade do crente, em escala descendente, é a seguinte:

1) primeiramente, lealdade a Deus num relacionamento pessoal (Mt 22.37), inclusive fidelidade aos princípios da sua Palavra.

2) segundo, lealdade à igreja visível, à medida que ela permanecer fiel a Deus e a sua Palavra escrita (Jo 15.12; Gl 6.10).

3) terceiro, lealdade aos dirigentes da igreja, enquanto permanecerem fiéis e leais a Deus, à sua Palavra e ao seu propósito para a igreja.

A INSPIRAÇÃO E A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

"Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra." 2Tm 3.16,17

O termo "Escritura", conforme se encontra em 2Tm 3.16, refere-se principalmente aos escritos do AT (3.15). Há evidências, porém, de que escritos do NT já eram considerados Escritura divinamente inspirada por volta do período em que Paulo escreveu 2Tm (1Tm 5.18, Lc 10.7; 2Pe 3.15,16). Para nós, hoje, a Escritura refere-se aos escritos divinamente inspirados tanto do AT quanto do NT, isto é, a Bíblia. São (os escritos) a mensagem original de Deus para a humanidade, e o único testemunho infalível da graça salvífica de Deus para todas as pessoas.

1) Paulo afirma que toda a Escritura é inspirada por Deus. A palavra "inspirada" (gr. *theopneustos*) provém de duas palavras gregas: *Theos*, que significa "Deus", e *pneuo*, que significa "respirar". Sendo assim, "inspirado" significa "respirado por Deus". Toda a Escritura, portanto, é inspirada por Deus; é a própria vida e Palavra de Deus. A Bíblia, nas palavras dos seus manuscritos originais, não contém erro; sendo absolutamente verdadeira, fidedigna e infalível. Esta verdade permanece inabalável, não somente quando a Bíblia trata da salvação, dos valores éticos e da moral, como também está isenta de erro em tudo aquilo que ela trata, inclusive a história e o cosmos (2Pe 1.20,21; note também a atitude do salmista para com as Escrituras no Sl 119).



2) Os escritores do AT estavam conscientes de que o que disseram ao povo e o que escreveram é a Palavra de Deus (Dt 18.18; 2Sm 23.2). Repetidamente os profetas iniciavam suas mensagens com a expressão: “*Assim diz o Senhor*”.

3) Jesus também ensinou que a Escritura é a inspirada Palavra de Deus até em seus mínimos detalhes (Mt 5.18). Afirmou, também, que tudo quanto Ele disse foi recebido da parte do Pai e é verdadeiro (Jo 5.19, 30,31; 7.16; 8.26). Ele falou da revelação divina ainda futura (a verdade revelada do restante do NT), da parte do Espírito Santo através dos apóstolos (Jo 16.13; 14.16,17; 15.26,27).

4) Negar a inspiração plenária das Sagradas Escrituras, portanto, é desprezar o testemunho fundamental de Jesus Cristo (Mt 5.18; 15.3-6; Lc 16.17; 24.25-27, 44,45; Jo 10.35), do Espírito Santo (Jo 15.26; 16.13; 1Co 2.12-13; 1Tm 4.1) e dos apóstolos (3.16; 2Pe 1.20,21). Além disso, limitar ou descartar a sua inerrância é depreciar sua autoridade divina.

5) Na sua ação de inspirar os escritores pelo seu Espírito, Deus, sem violar a personalidade deles, agiu neles de tal maneira que escreveram sem erro (3.16; 2Pe 1.20,21; 1Co 2.12,13).

6) A inspirada Palavra de Deus é a expressão da sabedoria e do caráter de Deus e pode, portanto, transmitir sabedoria e vida espiritual através da fé em Cristo (Mt 4.4; Jo 6.63; 2Tm 3.15; 1Pe 2.2).

7) As Sagradas Escrituras são o testemunho infalível e verdadeiro de Deus, na sua atividade salvífica a favor da humanidade, em Cristo Jesus. Por isso, as Escrituras são incomparáveis, eternamente completas e incomparavelmente obrigatórias. Nenhuma palavra de homens ou declarações de instituições religiosas igualam-se à autoridade delas.

8) Qualquer doutrina, comentário, interpretação, explicação e tradição deve ser julgado e validado pelas palavras e mensagem das Sagradas Escrituras (Dt 13.3).

9) As Sagradas Escrituras como a Palavra de Deus devem ser recebidas, cridas e obedecidas como a autoridade suprema em todas as coisas pertencentes à vida e à piedade (Mt 5.17-19; Jo 14.21; 15.10; 2Tm 3.15,16; Ex 20.3). Na igreja, a Bíblia deve ser a autoridade final em todas as questões de ensino, de repreensão, de correção, de doutrina e de instrução na justiça (2Tm 3.16,17). Ninguém pode submeter-se ao senhorio de Cristo sem estar submisso a Deus e à sua Palavra como a autoridade máxima (Jo 8.31,32, 37).

10) Só podemos entender devidamente a Bíblia se estivermos em harmonia com o Espírito Santo. É Ele quem abre as nossas mentes para compreendermos o seu sentido, e quem dá testemunho em nosso interior da sua autoridade (1Co 2.12).

11) Devemos nos firmar na inspirada Palavra de Deus para vencer o poder do pecado, de Satanás e do mundo em nossas vidas (Mt 4.4; Ef 6.12,17; Tg 1.21).

12) Todos na igreja devem amar, estimar e proteger as Escrituras como um tesouro, tendo-as como a única verdade de Deus para um mundo perdido e moribundo. Devemos manter puras as suas doutrinas, observando fielmente os seus ensinos, proclamando a sua mensagem salvífica, confiando-as a homens fiéis, e defendendo-as contra todos que procuram destruir ou distorcer suas verdades eternas (Fp 1.16; 2Tm 1.13,14; 2.2; Jd 3). Ninguém tem autoridade de acrescentar ou subtrair qualquer coisa da Escritura (Dt 4.2; Ap 22.19).



13) Um fato final a ser observado aqui. A Bíblia é infalível na sua inspiração somente no texto original dos livros que lhe são inerentes. Logo, sempre que acharmos nas Escrituras alguma coisa que parece errada, ao invés de pressupor que o escritor daquele texto bíblico cometeu um engano, devemos ter em mente três possibilidades no tocante a um tal suposto problema:

- a)** as cópias existentes do manuscrito bíblico original podem conter inexatidão;
- b)** as traduções atualmente existentes do texto bíblico grego ou hebraico podem conter falhas;
- c)** a nossa própria compreensão do texto bíblico pode ser incompleta ou incorreta.

